

Eanes assina hoje exoneração de Garcia dos Santos



O Presidente da República deverá ainda hoje assinar a exoneração do general Garcia dos Santos do cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército, revelou esta manhã ao «Diário de Lisboa» uma fonte militar.

O processo que levou à demissão do actual CEME está, pois, concluído na base de um acordo entre o Presidente Eanes e o Governo. Resta agora ao Executivo chefiado por Mário Soares propor o nome de um novo oficial-general para substituir de Garcia dos Santos.

pág. 5

*Loures perdeu dois milhões de contos
e Cascais já tem plano de recuperação*

Câmaras esperam verbas do Estado



Um pouco por toda a parte, nas zonas atingidas pelas enxurradas e pelas cheias, tenta-se agora uma recuperação incerta e problemática. Na foto: comerciantes apreciam o que lhes resta da loja esvaziada pela força da água

Págs. 7 a 10

Orçamento em debate na Assembleia

Governo “faz o frete mas fecha-se em copas”

Pág. 6

Informação e informações

DO direito de ser informado não poderá abdicar o cidadão de um Estado democrático. Nem poderá aceitar que a vida pública, em democracia, não seja clara, transparente. Na nossa edição de sábado, dia 19, demos uma notícia — a da exoneração do general CEME, Amadeu Garcia dos Santos —

que só hoje é retomada pela generalidade da Imprensa. Sublinhamos o facto, não pela vaidade profissional de termos averbado um sucesso no domínio da informação em cima do acontecimento, mas pelo que significa, politicamente, o pávido desmentido oficial, ou oficioso, e o silêncio dos órgãos de informação escrita

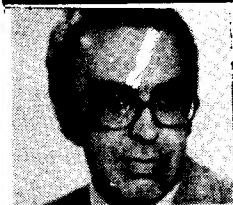
e audiovisual.

Com excepção do «Diário de Notícias» que veiculou a notícia e o tímido «desmentido», a Imprensa guardou o silêncio da prudência, nalguns casos, talvez, tenha obedecido à conivência com o Poder que por aí anda a ser inoculada. E foi típico — perdoem-nos que o digamos dezenas de

excelentes camaradas — o silêncio da RDP e da RTP em relação à notícia quente.

Sobre a informação no Portugal destes dias paira a grande suspeição do Poder. Singularmente, e no mesmíssimo momento em que concebe o esquema de três «Serviços de informações»,

Continua na pág. 5



Mário Murteira

Crónica de Economia Política

Grandes e pequenas opções

DE há uns tempos para cá, sucessivos governos apresentam anualmente projectos de «grandes opções» para a política económica que se propõe seguir. Na realidade, essas «grandes opções» são lamentavelmente pequenas, no duplo sentido de o espaço de manobra para optar ser progressivamente mais estreito e também a ser curto o horizonte em que as opções são explicitamente tomadas. Como se tem muitas vezes afirmado, apertam-se os vínculos da dependência externa e agudiza-se a miopia, pois que o primado do curto sobre o longo prazo não nos dá grande luz e conforto sobre o para onde vamos.

As **Grandes Opções do Plano para 1984** (versão governamental) prometem-nos até ao fim do 1.º semestre de 1984 um Programa de Recuperação Financeira e Económica e até ao fim do 2.º semestre o Programa de Modernização da Economia Portuguesa. Muitos outros programas sectoriais e horizontais são igualmente prometidos no documento. Por exemplo, em matéria de transportes, desenvolvimento regional, formação profissional e emprego, etc. No

entanto e para já, as **grandes opções** são, como é sabido, fortemente restritivas, implicando redução na produção («crescimento negativo» do PNB, como pedantemente se tornou moda de dizer) e no investimento, além dos rendimentos reais da população. Para o investimento, por exemplo, promete-se reduzi-lo de 26% no sector público administrativo e 16% no sector empresarial do estado (empresas não financeiras) em termos reais.

As efectivas «Grandes Opções» em sentido positivo serão afinal tomadas, ao que parece, nos tais programas perspectivados a médio prazo que agora se anunciam mas cujo conteúdo preciso permanece obscuro.

O meu propósito nesta crónica é precisamente referir algumas das grandes opções que na realidade se abrem à economia e sociedade portuguesas neste inquieto e inquietante declinar do século XX. Seria, aliás, interessante e porventura útil que, a exemplo doutros países, um grupo de personalidades independentes, cultural e cientificamente idóneas, elaborasse um depoimento objectivo sobre as nossas perspecti-

vas e alternativas visando a entrada no século XXI (claro que fixar a data da viragem dos séculos é simples matéria de convenção, mas o longo prazo passa por aí).

Focarei nesta crónica apenas um ponto, ou uma temática, que se afigura crucial: chamemos-lhe o desenvolvimento do **capital humano** da sociedade portuguesa.

Há razões para crer — e uma excelente tese defendida recentemente por Américo Ramos dos Santos em doutoramento no ISE, dá preciosas indicações sobre o tema — que o crescimento económico está fortemente condicionado pelos recursos humanos (designadamente, no seu potencial científico e tecnológico) e que, em Portugal, é maior o atraso relativo em termos de desenvolvimento de recursos humanos do que no que se refere ao desenvolvimento da produção material.

Por meu lado, quando trabalhei um pouco na matéria, em meados dos anos 60, constatei empiricamente que Portugal estava pior situado, comparativamente a outros países, em termos de «desenvolvimento de recursos humanos» do que em termos de «desenvolvi-

mento económico» como este é correntemente entendido. Nessa altura tínhamos, por exemplo, níveis educacionais semelhantes a países pobres da América Latina, muitíssimo distantes dos europeus. Também por essa época participei num exercício de planificação a longo prazo da investigação científica e tecnológica em Portugal, tendo-se fixado um objectivo de 1% do PNB para despesas em investigação científica e tecnológica, a atingir em 1980. Partia-se de menos de 0,3% por volta de 1964 e creio que quase vinte anos depois estaremos mais perto disso do que do alvo fixado para o começo desta década.

Como terá desde então evoluído o **capital humano** deste país, e designadamente desde 1974? Em matéria de nutrição, saúde, educação, etc.? Certamente que há estudos feitos sobre o assunto, mas a questão relevante — a tal grande, enorme opção — respeita à estratégia de valorização desses recursos humanos em conexão com a estratégia económica a longo prazo.

Uma das grandes ilusões que pairaram em Portugal de 74/75 foi a das infinitas virtualidades da tutela paternal do Es-

tado. Dir-se-ia que como o Estado iria mudar de conteúdo de classe, tudo se resolveria pelo vector proleteriado-partido-Estado. Para começar, não houve mudança profunda de conteúdo de classe do Estado. E é duvidoso que havendo mudança efectiva, ainda assim a salvação viesse (toda) pelo Estado. É óbvio para o autor destas linhas que onde essa mudança se deu, não foi pelo Estado burocrático onipotente e omnipotente que a grande utopia do socialismo ficou menos distante. Simplesmente, para que a chamada sociedade civil possa autonomizar-se do Estado e ser tecido da dinâmica de progresso, numa sociedade como a nossa, é ainda no Estado que se encontra a grande força possível do progresso. Porque as condições realmente infra-estruturais que determinam o desenvolvimento humano da população estão basicamente nas mãos do Estado. Ou seja: devemos pensar no Estado motor do progresso económico e social por via das universidades, escolas, centros de investigação, hospitais, etc. e não apenas, nem principalmente, por via das empresas e investimentos públicos ditos produtivos. O que, diga-se de passa-

gem, nos deixa profundamente cépticos sobre a capacidade do Estado que temos para agir eficazmente a esse primeiro nível, já que, ao segundo nível, todos conhecemos a extensão do desastre.

Reflectir, nesta perspectiva, sobre o relacionamento capital humano, Estado, sociedade civil é encontrar um terreno nuclear de grandes opções para o país.

Terreno onde cabem questões como a política científica, a política universitária, a estruturação do ensino a todos os níveis, etc. E onde cabe também, como é óbvio, uma interrogação fundamental sobre o Estado e o seu relacionamento com o poder político. Se a instabilidade e fragilidade deste são incompatíveis com a permanência de objectivos e instrumentos de acção perspectivados a longo prazo, em busca de alvos largamente consensuais e decisivos para as actuais e sobretudo futuras gerações de portugueses, haverá então ou que alargar uma zona «não política» de actuação e motivação do Estado ou, inversamente, dar ao político um conteúdo prático diferente daquele que hoje possui na sociedade portuguesa.

Viver em Tripoli enquanto as bombas caem

Erwan Jourand (AFP)

SOB a «chuva» de «rockets» e de granadas de morteiro (cerca de 7 mil em dez horas, no último sábado), a vida agarra-se à esperança, em Tripoli, segunda cidade do Líbano.

De uma ponta à outra da cidade, desde o porto, com a refinaria em chamas, até ao centro, ou nos bairros periféricos, os projecteis caem incessantemente. As acalmas são breves. Dos dissidentes em direcção aos lealistas ou dos lealistas para os dissidentes, os projecteis palestinos não poupam ninguém, caindo muitas vezes ao ritmo de dez por minuto.

O que mais aterroriza são os mísseis «Grad», que provocam enormes estragos e uma grande deflagração.

Quando começam os disparos da artilharia, os habitantes descem às caves ou refugiam-se nos vãos de escada, esperando pela acalmia. Os raros transeuntes, que circulam encostados às paredes, apuram o ouvido, para captarem o mínimo ruído. Em Tripoli, toda a gente sabe distinguir a origem dos tiros das peças de artilharia pelo assobiar dos projecteis, antes de rebentarem.

A morte pode chegar em qualquer altura. Pode caminhar-se tranquilamente em Tripoli, longe dos objectivos militares adversários, das baterias lealistas à beira-mar ou do quartel-general de Yasser Arafat, e ser-se morto ou ferido.

As distâncias entre os dois campos são tão curtas que ninguém está a salvo.

Os dissidentes encontram-se em todos os pontos altos em redor de Tripoli e bombardeiam os lealistas, que replicam vigorosamente, a partir da cidade.

Os disparos começam geralmente entre as 8 e 30 e as 9 horas locais, prosseguindo durante todo o dia, com algumas acalmas. Ao fim da tarde aumentam de intensidade, cessando ao cair da noite, quando o adversário consegue distinguir os clarões provocados pelos disparos das peças de artilharia.

Ainda de madrugada, ao romper da aurora recomeçam os confrontos.

Durante o dia, basta que os tiros parem durante dez minutos ou que a canhonada diminua de intensidade para que a vida recomece.

As ruas desertas voltam a encher-se. Assim, em Zahieh, próximo do quartel-general de Yasser Arafat, quando baixa o ritmo da queda de granadas de morteiro pode ver-se um vendedor a apregoar a sua mercadoria em direcção aos prédios das redondezas, através de um carro dispondo de altifalantes. As lojas reabrem as suas portas. Os pequenos vendedores de queijo ou de café turco reaparecem.

Preços sobem

Os motoristas de táxi tornaram-se especialistas a conduzir enquanto caem granadas de morteiro. Sabem quando é que é preciso acelerar para escapar aos estilhaços mortais de metal ou quando devem estacionar no primeiro abrigo que aparecer, assim que o tiroteio se torna mais intenso.

Na estrada marginal, que atravessa a «terra de ninguém» entre as posições lealistas e dissidentes, assim que a queda de projecteis se torna mais espaçada podem ver-se algumas viaturas de civis a avançar, aos solavancos, através do piso cheio de crateras, no meio das defesas antitanque e dos montículos de terra que fazem as vezes de barreira.

No entanto, esta estrada, que os dois campos disputam asperamente, está sob o fogo dos artilheiros das duas facções da OLP.

É certamente este encarniçamento em perpetuar uma vida normal que faz com que Tripoli, despedaçada pelas bombas, não seja uma cidade-fantasma.

Muitos dos 400 mil habitantes da cidade fugiram para Beirute e para os subúrbios de Tripoli, designadamente para a povoação de Zghorta. Paradoxalmente, aqueles que ficam conseguem viver normalmente.

A corrente eléctrica e a água já não chegam a vários bairros, mas, segundo alguns comerciantes, os alimentos não faltam, visto que a estrada de Beirute continua aberta ao tráfego. No entanto, os preços subiram em flecha. Segundo os habitantes da cidade, desde que começaram os combates interpalestinos os géneros alimentícios custam cinco vezes mais. O lixo já não é recolhido, mas assim que há uma «aberta» os moradores queimam-no nos passeios.

Quando os disparos diminuem de intensidade, os habitantes apressam-se a derrubar os bocos das varandas ou de betão que ameaçam cair sobre os transeuntes.

Alguns bairros que se encontram no ponto onde se cruzam os tiros continuam habitados e, assim que a noite cai, podem ver-se luzes fracas a brilhar nos edifícios devastados.

Os habitantes de Tripoli não manifestam qualquer animosidade exterior face aos combates fratricidas entre palestinos, dos quais são vítimas inocentes. Contudo, numerosas pessoas interrogadas — mesmo as que são favoráveis a Yasser Arafat — desejam a partida dos palestinos, para se evitarem novas destruições e novos mortos.

«Gosto muito de Yasser Arafat. É um homem bom», mas é preciso que ele parta agora», diz uma mãe de família arménia que mora próximo do quartel-general do dirigente palestino.

tem a palavra o leitor

Imposto especial sobre veículos

A Lei n.º 34/83, de 21 de Outubro, cria um imposto especial sobre veículos ligeiros de passageiros, motociclos, barcos de recreio e aeronaves.

Infer-se do espírito dessa mesma lei (Art.º 1.º), a penalização, em termos económicos, dos possuidores de tais veículos, por sumptuários.

No entanto, talvez por lapso, não foi determinada a isenção dos veículos do tipo «comercial» mistos, que, pelas suas próprias características, têm que estar equipados com motores diesel de cilindrada superior a 1700 cc. Estão neste caso os «comerciais» ligeiros mistos Toyota Hiace, Ford Transit, Datsun Urvan e outros.

A inclusão destes veículos numa gama que a lei implicitamente considera supérflua e de luxo é errada, não só porque os

motores diesel, para igual rendimento, comparativamente com motores de gasolina, têm que apresentar sempre maior cilindrada, mas também porque, pelas características de carros de trabalho, nada têm a ver com ostentação de riqueza. Pelo contrário, admite-se o conceito de sumptuário para os restantes veículos referidos no mesmo Artigo 1.º da Lei n.º 34/83.

Mesmo em matéria de preço, verifica-se a existência no mercado de veículos de maior custo mas que, tendo menor cilindrada, estão isentos deste imposto.

Os órgãos de comunicação social não têm dissecado suficientemente este assunto e a grande maioria dos possuidores de viaturas do tipo em causa, ainda não se apercebeu que terá de pagar um imposto anual de 40

contos. Até porque, em primeira análise, nem supõem que aqueles veículos estejam abrangidos por esta lei.

No entanto a lei está publicada e, se a mais elementar justiça não for respeitada e reposta, os proprietários daquelas viaturas terão que pagar, durante este mês, a importância de Esc.: 40 000\$00, agravando assim os impostos que já pagaram e pagam anualmente pela posse de tal carro e, na maioria dos casos, a pesada prestação mensal devida pela compra a crédito.

Porque é óbvia a injustiça desta lei, solicito os bons ofícios de V., no sentido de providenciar acções que levem à correcção desta anomalia.

Alberto Santos Roque
Sacavém

Prevenção contra o tabagismo

Uma carta ao presidente do Conselho Directivo do Instituto Superior de Economia

Venho solicitar a V. o cumprimento do estabelecido no Decreto-Lei n.º 226/83, de 27 de Maio de 1983, sobre a prevenção contra o tabagismo.

Nesse Instituto tudo se passa como se não existisse este decreto-lei. Nas aulas alguns alunos fumam tabaco e droga em quantidades enormes. Há salas pequenas, com mais de 40 alunos onde as nuvens de fumo se podem cortar à faca. Agora a

brincadeira daqueles que fumam haxixe é fazerem ondas de fumo de modo a baralhar os professores de que não gostam. As janelas estão normalmente fechadas e eles conseguem o que querem. Há pouco tempo o professor Bento Murteira enganou-se várias vezes e acabou por sair mais cedo da aula, por parecer sentir-se mal disposto. Mas nem ele sabe o que se passa... O gozo que isso dá aos drogados!! Quer dizer, a malandragem dos drogados consegue impor-se e prejudicar os que não fumam.

O meu filho, que é alérgico ao fumo, chega a casa meio apático e com tremendas dores de cabeça. Há outros e outras colegas

que já estão a faltar às aulas por não suportarem aquele inferno criado pelos drogados.

Mas ninguém diz nada, ninguém faz nada... As leis ficam só no papel do «Diário da República». A bandalheira é total.

A Polícia Judiciária se mandasse uns agentes de maneira imprevista dar uma volta pelo «Instituto Superior de Economia», certamente fazia uma boa redada de fumadores e distribuidores de droga.

A bem dos alunos ainda são, e da saúde pública, veja lá V. se toma alguma atitude no sentido de acabar com o estado de degradação do ambiente que se vive nas aulas desse Instituto.

Jorge Ribeiro

Seis meses de política de Comunicação Social

João Paulo de Oliveira (*)

Seis meses passados sobre a posse do IX Governo, é oportuno apreciar a política seguida na Comunicação Social. Oportuno e urgente, dada a situação, em alguns casos já dramática, e em todos eles grave, dos meios de informação estatizados e a consequente degradação que o exercício da profissão de jornalista atingiu em Portugal.

Existirá antes do mais, uma política de Comunicação Social? Nós dizemos que não. E dizemos também que o facto de ela não existir é mais grave do que a existência de uma política errada. A sua ausência traduz-se no improviso, na gestão conjuntural, no ecletismo, e desemboca em situações degradadas, imorais, antidemocráticas e destruidoras.

Como chegar a conclusões tão severas? Os exemplos estão à vista, e outros, parece, se avizinham. No entanto, o Governo tem compromissos programáticos a honrar, e vai sendo tempo de o Partido Socialista, maioritário nesta câmara e no Governo, lutar pelas medidas que propôs ao eleitorado e pelas expectativas que nela legitimamente criou.

Nesta ordem de ideias, é paradigmático o caso da ANOP. Pouparei aos senhores deputados a reprodução das violentas e justas críticas lançadas nesta câmara e fora dela, pela oposição, em particular o PS contra o último Governo da AD, por motivo desse espantoso monumento à prepotência, à ilegalidade, à imoralidade, ao cinismo e à desfaçatez que foi a tentativa de extinção da ANOP; trata-se do passado recente na memória de todos. Cuidemos de saber em que ponto vai o trágico folhetim.

Vai o Governo na terceira ideia para resolver o caso, nenhuma delas contemplando a viabilização da agência, conforme, aliás, o PS se propusera e a moral exigia. Gorada a proposta de se manterem as duas agências, a ANOP e a NP, e também a da fusão, por recusa da última, trabalha agora o Governo na criação de uma terceira. Entretanto, sucederam-se factos tão insuportáveis como a dependência que o Governo estabeleceu, para os trabalhadores, da ANOP, entre a aceitação de fusão e o pagamento de salários em atraso; como a sucessiva prorrogação de prazos concedida à NP para aceitação de fusão, numa tentativa óbvia de salvar uma empresa com a qual os seus inventores almejavam manipular a informação e que nasceu rodeada de graves regularidades, patentes num parecer da Procuradoria-Geral da República. Com a propósito estranho e condenar a circunstância de o director-geral de Informação, que exorbitou dos seus poderes na assinatura do contrato entre o Estado e a NP continuar no desempenho das mesmas funções, como que sugerindo que a impunidade está bem e recomenda-se.

Hoje, o Governo propõe-se criar a Portugal Press, absorvendo todos os trabalhadores da NP e lançando no desemprego grande parte dos da ANOP, cujos salários estão novamente atrasados e que não foi contemplado no orçamento suplementar.

A UEDS opõe-se a esta pretensa solução. A solução do caso ANOP consiste, como temos dito, na sua viabilização, com a salvaguarda de interesses legítimos, e não tanto criados na NP.

A sucessiva substituição de projectos, o prejuízo, em termos de informação, que tal indefinição vem acarretando, designadamente na quebra do fluxo noticioso dos países africanos de expressão oficial portuguesa e

das regiões autónomas, a degradação das condições de trabalho com o inevitável corolário de traumatismos psicológicos graves, mesmo fatais, os sucessivos bloqueios levantados ao caba desempenho da missão cometida à agência estatizada, não abonam, convenhamos, a existência de uma política de comunicação ao social, salvo se por tal se entender o privilégio para a indecisão nociva, a incapacidade de enfrentar o obscuro jogo de interesses privados, em que a NP se enreda a demissão de defesa do sector público, demissão, aliás, bem patente na escandalosa prática adoptada pelos órgãos de Informação do Estado de indirectamente financiarem jornais privados (através da prestação de serviços eter-

tem que assumir a realidade insofismável que é a dos custos sociais da informação, e não pode abrigar-se no sofisma de que a independência dos órgãos pertencentes ao Estado implica o deixá-los entregues à sua sorte, porque o Governo não é o Estado, e mal vai o Executivo que ao menos não se dispõe a resistir à tentação de buscar, em troca da viabilização dos jornais, alguma forma de vassalagem.

Reestruturar os órgãos de Comunicação Social, criar condições para a sua gestão equilibrada e racional (designio incompatível com a procura de gestores como entre vizinhos se pergunta por uma mulher a dias ou segundo critérios preferencialmente partidários, e com a

coisas.

O que fica dito, conjugado com o baixo nível de salários, dá origem a reflexos de autodefesa que agravam a degradação profissional dos jornalistas. Se a estes se deve exigir o cumprimento rigoroso dos seus deveres deontológicos, não se pode estranhar que, perante a promoção da incompetência e o aplauso aos serventuários com a implícita sugestão correlativa de que é do lado do poder que se defende o emprego, não se pode estranhar, condenando-se embora, que existam jornalistas corruptos, nem que em tais condições proliferem os duplos empregos incompatíveis, acoitados em fundações, em agências publicitárias, em gabinetes de empresa, na recuperação de um



namente por pagar) os quais, de modo igualmente escandaloso, obtêm na banca créditos de todo desproporcionados com o seu património, que, muitas vezes, se resume a meia dúzia de mesas, cadeiras e máquinas de escrever.

Com igual severidade temos de qualificar a atitude governamental perante a EPNC e a EPDP. Num caso o Governo ataca forte e feio declarando a empresa em situação económica difícil; no outro, já hesita entre assumir o ónus político de medida idêntica e a imposição aos gestores de uma reestruturação (se é possível reestruturar isoladamente os órgãos de Comunicação Social do Estado), ao mesmo tempo que não facilita apoio de tesouraria. Estão, por exemplo, severamente comprometidos os salários deste mês no «Diário Popular». Em ambos os casos, o mesmo denominador: a degradação acelerada das situações, com prejuízos óbvios para os trabalhadores e para o País.

Eis três exemplos proeminentes de um quadro onde abundam gestões caóticas, onde os órgãos de Comunicação Social se transformaram em agências de emprego partidário, sobretudo no sector de serviços, onde as ópticas de gestão são impróprias do objecto gerido, indo, quantas vezes, a prioridade do investimento para a alcatifa em prejuízo da reportagem.

Dir-se-á que aos sucessivos Governos posteriores ao 25 de Abril se podem assacar as mesmas críticas. É verdade; mas ao actual Governo não se pode consentir que persista no trilhar de caminhos comprovadamente lesivos do desenvolvimento democrático do País. O Governo

manutenção dos que se excedem em incompetência) é uma coisa, e urgente; submetê-la ao fatichismo do equilíbrio financeiro é negar-lhe a sua peculiar relevância social, sempre reconhecida em comoventes palavras, é impedi-los de desempenhar a sua missão, é degradar as condições profissionais e de vida dos trabalhadores.

Não é só, porém, no domínio puramente empresarial, que a ausência de uma política de Comunicação Social nos suscita as mais fundas preocupações e nos leva a reclamar uma radical mudança; no prolongamento da indefinição reinante, estamos assistindo ao espectáculo indecoroso de serem os núcleos de base dos partidos governamentais, a decidir da orientação editorial e de cargos de responsabilidade. Os últimos excessos na RDP (onde, aliás, não existe objectivamente Conselho de Gerência) e na RTP são prova concludente do delírio da partidização que tem caracterizado os comportamentos governamentais nps últimos anos e que o actual Governo em vez de combater, pelo menos consente.

Que tal esquema se traduza na manipulação informativa, não espanta: que o Governo não suspeite de que o controlo, por este meio obtido, da Comunicação Social significa para a opinião pública, que o Governo é fraco, é incompreensível; que um ministro telefone para as redacções a reclamar reportagens para os seus actos propagandísticos e se queixa ao superior do jornalista quando não fica contente, é inadmissível. Os normativos constitucionais e o próprio programa do Governo erguem-se, indignados, contra tal estado de

quadro que se esboçou definitivamente banido com o 25 de Abril.

A Comunicação Social do Estado encontra-se por ausência de uma correcta política sujeita aos princípios constitucionais — o «programa dos programas», como se lê no Programa do Governo — em fase de apodrecimento. Situação perigosa que deve ser travada e invertida, mas que nada indicia o venha a ser.

O Governo diz reger-se em matéria de informação, pela noção de interesse público, que é subjectiva, quantas vezes medida pela do interesse privado, sempre fluida e preñha de «gnominias» que a história regista. Nós preferimos outra noção, cujo conteúdo real não se compadece com estrangulamentos financeiros dos órgãos de Comunicação Social nem com os decorrentes atropelos ao direito de informar e ser informado. O que está em causa é, sempre, em última análise a liberdade. A noção que preferimos foi, aliás, defendida pelo sr. ministro Almeida Santos na Assembleia da República, por estas palavras:

«Quanto a isto de liberdade, ou são mesmo liberdades ou, então, não se compreende que possa haver excepções».

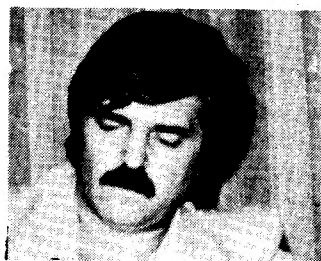
Corremos o risco de que as excepções, afinal se transformem em regra.

No seu programa, o Governo sublinha o papel relevante do sector público da Comunicação Social. Apreciaríamos que o Governo provasse, com coerência e vontade política, que se revê, realmente nesse princípio.

(*) Jornalista. Deputado e membro do Conselho Nacional da UEDS.

ponto a ponto

Regressou hoje de manhã da União Soviética uma delegação parlamentar portuguesa que visitou aquele país a convite de autoridades soviéticas. Os deputados **Joel Hasse Ferreira**, da UEDS, Laranjeira Vaz, do PS, Jaime Ramos, do PSD, Raul de Castro, do MDP, Dias Carvalho, da ASDI, e Jerónimo de Sousa, do PCP, integravam a delegação da AR.

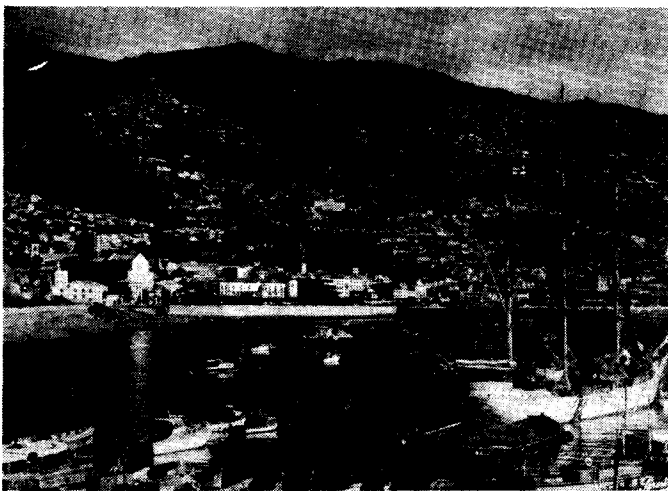


O «bureau» do grupo liberal no Parlamento Europeu chega hoje a Lisboa, para conversações com o PSD. **Simone Veil**, antiga presidente daquele órgão, integra a delegação que vem debater as próximas eleições para o Parlamento e, ainda, a integração do PSD no grupo liberal. Esta, aliás, é a questão julgada mais importante, principalmente porque o PSD sempre preferiu a integração na Internacional Socialista.

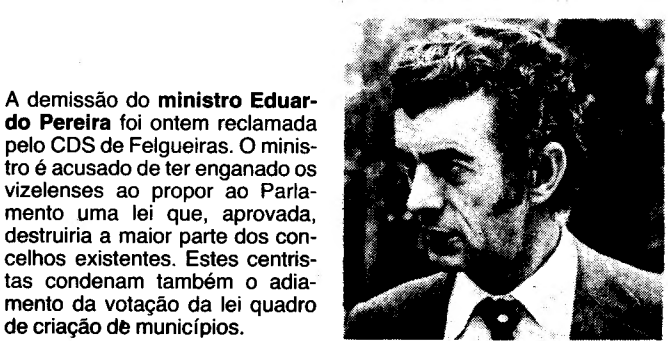


O oitavo aniversário do 25 de Novembro vai ser comemorado este ano na base aérea de Beja, numa cerimónia presidida pelo Presidente Ramalho Eanes. Nela será lida uma mensagem do chefe do estado-maior-general, Melo Egidio, às Forças Armadas. Além dos três ramos — Exército, Armada e Força Aérea, que coordena — participam também nas comemorações forças da GNR, PSP e Guarda Fiscal.

Foi adiada para Fevereiro a vista a Portugal do presidente da Guiné-Bissau, **Nino Vieira**, prevista para o próximo mês de Dezembro. O adiamento foi ontem proposto a Jaime Gama pelo seu homólogo guineense, Fidelis Cabral Almada, que se encontra desde sábado em Lisboa. O ministro trouxe de Bissau uma mensagem de Vieira para Ramalho Eanes, ao que se sabe a propósito do adiamento.



O presidente interino do Governo Regional da Madeira recebeu ontem no Funchal uma comissão representativa dos industriais da construção civil. Estes apresentaram algumas sugestões que visam atenuar os efeitos da crise que afecta o sector, e que é, nomeadamente, resultante da diminuição do ritmo dos investimentos públicos e privados.



A demissão do ministro **Eduardo Pereira** foi ontem reclamada pelo CDS de Felgueiras. O ministro é acusado de ter enganado os vizelenses ao propor ao Parlamento uma lei que, aprovada, destruiria a maior parte dos cancelhos existentes. Estes centristas condenam também o adiamento da votação da lei quadro de criação de municípios.

comunicação social

Rádio Universidade legalizada em breve

O Centro Experimental de Rádio (CER) da Associação Académica de Coimbra manifestou a convicção de que a Rádio Universidade será em breve legalizada.

Num comunicado sobre as diligências efectuadas em Lisboa, onde apresentou o pedido de legalização, a Direcção do CER refere ter sido recebida por representantes dos Grupos Parlamentares a que todos eles «se mostraram totalmente favoráveis à legalização das rádios da pequena amplitude».

Os dirigentes do CER obtiveram do deputado Jorge Lacão (PS) a informação de que o processo das rádios locais estará concluído nos próximos seis meses.

Este deputado adiantou que vai dar parecer favorável ao projecto que o seu Partido tem em estudo.

O secretário-adjunto do Primeiro-Ministro, António Campos, também manifestou «total apoio na pretensão da rápida legalização da Rádio Universidade».

Por seu turno, o Reitor da Universidade, Rui Alarcão, tem-se mostrado interessado na rápida resolução do problema — afirmam ainda os dirigentes do CER.

Os deputados com quem esses dirigentes estiveram em contacto foram Jorge Lacão (PS), Pedro Pinto e Carlos Coelho (PSD), José Manuel Mendes (PCP), Manuel Queiró (CDS), Vilhena de Carvalho (ASDI) e João Paulo e Oliveira (UEDS).

Jardim: «sim» à fusão da ANOP e NP

O presidente do Governo Regional da Madeira afirmou que nada tem a opor à fusão das duas agências noticiosas, «pois os trabalhadores a ela são favoráveis, desde que fiquem assegurados os postos de trabalho».

Alberto João Jardim prestou esta declaração à ANOP antes da reunião com o ministro da

Agricultura, Soares Costa, ontem ao fim da tarde.

Acrescentou que o Governo Regional da Madeira entende que «as estruturas da nova agência deverão continuar submetidas ao estatuto legal da actual ANOP na Região Autónoma e com salvaguarda dos cinco trabalhadores da Madeira».

Não-Alinhados sobre Informação

Quarenta dos 101 países do Movimento dos Não-Alinhados já aceitaram participar na Conferência dos Não-Alinhados sobre a Informação, a qual deverá decorrer em Nova Deli de 9 a 12 de Dezembro próximo — anunciou o secretário-geral desta Conferência, Som Benegal.

Aquele secretário-geral fez esta declaração durante uma reunião em Nova Deli (no passado domingo) do Comité Nacional encarregado da preparação da Conferência, proposta em Março para aquela capital.

Representantes da imprensa escrita e audiovisual deverão

participar na reunião, a qual, segundo a ordem do dia elaborada pelo Comité Preparatório, será consagrada ao exame dos fluxos de informação, e às possibilidades oferecidas aos Países Não-Alinhados e em vias de desenvolvimento pelas novas tecnologias.

A Conferência deverá ser inaugurada pelo secretário-geral da UNESCO, Amadou M'Bow, devendo também o primeiro-ministro indiano, Indira Gandhi, também presidente do Movimento dos Não-Alinhados, ali pronunciar uma alocução.

Bolsas de Jornalismo

A Fundação Alfred Friendly concede este ano, pela primeira vez, dez bolsas de jornalismo a jovens profissionais de países em vias de desenvolvimento, bem como a Portugal e a Espanha.

Os estágios terão a duração de 5 meses, a começar em Junho de 1984, e destinam-se a jornalistas da imprensa escrita com, pelo menos, três anos de prática e conhecimentos de inglês.

Os jornalistas seleccionados, após um período de treino de duas semanas, farão estágios em alguns dos principais jornais americanos. Este estágio é pago (mil dólares por mês), mas as viagens serão pagas pela Fundação.

Os interessados poderão consultar a documentação existente no Sindicato.

Desde ontem em Lisboa

Presidente da Islândia visita Portugal

O presidente da República manifestou ontem a opinião de que Portugal e a Islândia são duas «nações profundamente atlânticas por situação e vocação».

Ramalho Eanes falava no banquete que oferecera, no Palácio da Ajuda, à presidente da Islândia, senhora Vidgis Finnbogadottir, que se encontra desde ontem de visita oficial de quatro dias a Portugal.

O atlantismo realçado pelo Presidente Eanes, durante o discurso, deve «constituir — na sua opinião — um estímulo vivo para uma maior aproximação entre os dois Estados».

Referindo-se ao papel dos dois países no seio da OTAN, organização da qual Portugal e Islândia foram fundadores, Ramalho Eanes disse: «A aliança atlântica é, para nós, uma aliança defensiva, assente na rigorosa defesa dos valores democráticos, implicando o respeito pelo pluralismo político e

igualdade soberana dos Estados, e que procura manter os equilíbrios estratégicos globais, que possam ser eficazmente dissuasores dos riscos de confrontação militar, no âmbito da área definida pelo tratado de Washington».

O Presidente da República Portuguesa manifestou ainda a sua preocupação pelo «agravamento presente das tensões» no mundo, pelo «bloqueamento dos mecanismos de diálogo e negociação» e pela «institucionalização da violência como forma de resolução de conflitos».

Chegada a Lisboa

A presidente da República da Islândia chegou ao aeroporto da Portela às 13 e 30 de ontem. À saída do avião a senhora V. Finnbogadottir era aguardada pelo Presidente Eanes e também esperada, para cumprimentos, pelo presidente da Assembleia da República, Primeiro-Ministro,

vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Uma companhia de fuzileiros e a banda da Armada prestaram honras militares à presidente da Islândia. Após as cerimónias protocolares, os dois presidentes dirigiram-se em viaturas da Presidência da República para o Palácio de Queluz, escoltados por um esquadrão motorizado da GNR.

Antes do jantar de honra que decorreu no Palácio da Ajuda, Ramalho Eanes recebeu em audiência a senhora V. Finnbogadottir.

Hoje, terça-feira, o chefe de Estado islandês terá um encontro com o Primeiro-Ministro, Mário Soares, e desloca-se à Câmara Municipal de Lisboa onde receberá a chave da cidade.

Esta manhã, às 11 e 15, V. Finnbogadottir recebeu no Palácio de Queluz, os cumprimentos do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa.

Segundo o embaixador da Coreia do Norte

Visita de Reagan a Seul e a Tóquio constituiu incitamento à guerra



O embaixador Kim Song Jun

Os perigos que ameaçam a península coreana, a denúncia do carácter belicista que assumiu a recente viagem do presidente dos EUA, Ronald Reagan, a Tóquio e a Seul, e o vigoroso desmentido às calúnias que apontam a participação de Pyongyang no atentado de Rangun no dia 9 de Outubro passado foram os temas da conferência de imprensa que concedeu aos jornalistas o sr. Kim Song Jun, embaixador da República Popular Democrática da Coreia em Lisboa.

Segundo o embaixador, que leu uma nota emitida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Pyongyang a esse respeito, a visita do presidente norte-americano revestiu-se de um carácter belicista, com claro incitamento à

guerra, e tendente ao reforço do perigoso eixo Washington-Tóquio-Seul. Particular gravidade assumiu, segundo Pyongyang, a visita feita por Reagan à zona desmilitarizada e o incitamento que o chefe do executivo norte-americano fez às tropas «yankees» ali estacionadas. Esta visita — declarou — só tem um precedente histórico, uma visita de idêntico teor feita há 33 anos àquele ponto pelo então secretário norte-americano de Estado, Alan Dulles, e que constituiu o prelúdio à guerra de agressão contra a RPD da Coreia.

Para Pyongyang, Reagan visou, com a sua deslocação à Ásia, reforçar o domínio sobre a Coreia do Sul, incitar Seul a provocar uma nova guerra na península, dar novo impulso ao eixo EUA-Japão-Coreia do Sul, rearmar Tóquio, concretizar uma política de agressão na Ásia, cercar e atacar os países socialistas e preparar a próxima campanha eleitoral para as presidenciais dos EUA.

No mesmo contexto de ameaça à paz, incluiu o embaixador as calúnias tecidas contra o seu país à volta do atentado ocorrido em Rangun e que vitimou ministros sul-coreanos no Mausoléu dos Mártires da Birmânia, quando da visita oficial do presidente de Seul àquele país asiático.

Apontando vários factos inexplicáveis e citando diversos jornais asiáticos (mesmo um jornal editado em Tóquio por uma associação de residentes sul-coreanos) o embaixador provou que o seu país nada tinha que ver com o acidente. E mais: segundo disse, tudo indica ter-se tratado de um gesto dos próprios sul-coreanos. Em abono desta tese, indicou vários pontos dos quais destacamos: a substituição do presidente de Seul pelo seu embaixador em Rangun, na hora da visita em que a explosão ocorreu, o facto de haver um filme passado nas televisões de vários países do mundo, onde se vêem dois suspeitos sul-coreanos, filme esse que está proibido na Coreia do Sul.

Salientando que os perigos de guerra na península são reais, que Reagan ameaçou com um ataque nuclear de represália contra a RPD da Coreia e que novos mísseis vão ser instalados na Coreia do Sul, o embaixador terminou com um apelo aos jornalistas para que esclareçam a opinião pública, em benefício da amizade entre os povos, da paz e da cooperação.

IMPÉRIO companhia de seguros

INUNDAÇÕES NOVEMBRO/1983 INFORMAÇÃO

A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, no intuito de minimizar, no mais curto espaço de tempo, os efeitos materiais pelos prejuízos causados em consequência das inundações ocorridas na madrugada do dia 19 e dias seguintes, informa os seus estimados clientes que tomou a resolução de descentralizar para as suas Dependências das áreas mais duramente atingidas, a regularização dos sinistros ocorridos nessas localidades e ao abrigo das suas apólices, nomeadamente:

SEGURO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS — MULTI-RISCOS

SEGURO LAR +

Queiram os nossos clientes interessados dirigir-se às seguintes dependências.

ALENQUER

Av. 25 de Abril, 76-1.º Esq. · Tel. 7 21 23

AMADORA

Av. General Humberto Delgado, 148 · Tel. 94 02 42

CACÉM

Av. dos Bons Amigos, 75-A · Tel. 924 54 00

CASCAIS

Tv. da Misericórdia, 1-1.º Dt.º · Tel. 286 40 00

LOURES

R. Teófilo Braga, 14-B · Tel. 983 22 39

MONTIJO

R. Almirante Cândido dos Reis, 57 · Tel. 231 06 73

SACAVÉM

R. Auta da Palma Carlos, Lt. 48-Lj. E · Tel. 252 55 44

ST.º AMARO DE OEIRAS

Parque Oceano, Lt. 3 r/c B · Tel. 242 41 23

SETÚBAL

R. Tenente Valadim, 5/7 · Tel. 2 27 17

SINTRA

R. Cap. Mário A. Soares Pimentel, 18-1.º · Tel. 293 20 46

TORRES VEDRAS

Pta. Calouste Gulbenkian, Lt. A-Lj. Dt.º · Tel. 2 43 64

VILA FRANCA DE XIRA

R. da Bélgica, Lt. 1-1.º Dt.º · Tel. 2 50 75

AO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO
a sua seguradora

Confirmando notícia em primeira mão do "DL"

Presidente exonera Garcia dos Santos por acordo com Mário Soares

O Presidente da República recebe hoje à tarde, em audiências separadas, os dirigentes dos partidos Socialista e Social-Democrata a quem dará conta da decisão por si tomada sobre a exoneração do general Garcia dos Santos do cargo de chefe do Estado-Maior do Exército.

Amanhã prosseguem em Belém as audiências aos restantes partidos com assento parlamentar. Ao princípio da manhã ainda não era conhecido, no gabinete de imprensa da Presidência da República, o horário para as reuniões de quarta-feira. Sabia-se, apenas, que o chefe do Estado tinha agendados para hoje dois encontros: um, com o PSD, às 15 e 30; outro, com o PSD, às 17 horas.

Nenhum preceito constitucional obriga o Presidente da República a informar os partidos políticos sobre matéria respeitante à exoneração de chefes militares. Se o general Ramalho Eanes assim procede — disse ao «DL» um elemento do Gabinete de Imprensa de Belém — é de certo, «por uma questão de urbanidade».

A decisão do Presidente Eanes sobre a exoneração do CEME foi tornada pública, oficialmente, ao fim da tarde de ontem, pelo porta-voz da Presidência da República, Joaquim Letria.

O que então foi dito, confirma

inteiramente a notícia difundida em primeira mão pelo «Diário de Lisboa», na sua edição de sábado, e só agora retomada pela quase totalidade da imprensa portuguesa.

Recorde-se que o «DL», na posse de elementos recolhidos em círculos governamentais, dava a conhecer que o Presidente Eanes aceitara demitir o general CEME, na base de um acordo que firmara com o Primeiro-Ministro Mário Soares.

Pormenores sobre esse acordo foram divulgados, também pelo «Diário de Lisboa», na edição de segunda-feira. Explicava-se, então, que o Presidente da República e o Governo haviam chegado a um entendimento em matéria de questões que se prendem com a dupla responsabilidade para a nomeação futura ou exoneração dos chefes militares.

Hoje, porém, a carta que Mário Soares escreveu no passado dia 14 a Ramalho Eanes, na sequência de uma conversa entre ambos, após a última reunião do Conselho Superior da Defesa Nacional, é, desde ontem, do domínio público. Nela se lê que um chefe de Estado-Maior deve ser exonerado no prazo de 15 dias, quando o Governo propuser ao Presidente da República a sua exoneração.

«Em contrapartida» fica estabelecido que «se o Presidente da República vier a perder a con-

fiança» num oficial-general que ocupe o cargo de CEME, o Governo deve, de igual modo, propor a sua exoneração, em igual prazo de tempo. Todavia, na proposta de exoneração do Governo, o PR deve indicar a sua «desconfiança» no oficial a exonerar.

Este acordo estabelecido entre Ramalho Eanes e Mário Soares é válido durante o actual mandato do PR e a vigência do actual Governo, e não se aplica aos chefes dos Estados-Maiores em exercício, excepção feita, naturalmente, ao general Garcia dos Santos.

«Uma saída para a situação»

Em declarações prestadas à imprensa, o porta-voz da Presidência da República considerou que a decisão de Ramalho Eanes em exonerar o general CEME, constituiu «uma cedência» por parte do chefe do Estado «para se encontrar uma saída para uma situação que ele não criou».

Joaquim Letria sublinhou que o Presidente, ao tomar esta decisão, está «consciente dos custos políticos que a mesma lhe pode acarretar», e louvou a «sensatez e inteligência» de Garcia dos Santos, impedindo que o problema levantado entre o PR e o Governo, com o caso do general Aurélio Trindade, se

transferisse para uma questão entre o Executivo e o Exército e tomasse «proporções maiores».

Nas suas declarações, o porta-voz da Presidência da República lembrou que o impasse do «caso Garcia dos Santos» foi criado duplamente pelo Governo: por um lado, quando propôs a exoneração do CEME sem «razões suficientemente fundadas»; por outro lado, quando recusou a nomeação de Aurélio Trindade, para o comando da Região Militar Norte.

Joaquim Letria recordou, também, que o Presidente Eanes proporcionara ao Executivo «tempo suficiente» para proceder à alteração da Lei de Defesa Nacional, circunstância que poderia ter constituído uma «saída».

O «caso Garcia dos Santos» está, pois, a chegar ao seu fim. O processo de audição à hierarquia militar está concluído. Hoje, começam a ser ouvidos os partidos com assento na Assembleia da República. Os membros do Conselho Superior da Defesa Nacional serão, igualmente escutados.

A data da exoneração do CEME será, entretanto, acordada entre o Presidente da República e o general Garcia dos Santos. Após a extinção do processo de exoneração assistir-se-á depois ao processo de nomeação do novo chefe militar do Exército.

Informação e informações

Continuação da pág. 1

no Governo são tomadas medidas contra a Informação, é praticado o secretismo, é negado, aos cidadãos, o direito à transparência democrática.

O «caso Garcia dos Santos», na origem, no desenvolvimento e no «arranjo» conclusivo, é paradigmático de uma prática que põe termo à esperança de Abril, à esperança numa vida democrática clara e participativa. As negociações, as combinações, os pactos, à margem da clara e aberta prática democrática, raras vezes se inspiram em nobres razões de Estado e contribuem sempre para desinteressar e desencantar os cidadãos.

Negociou-se secretamente. Não sabemos, porém, se se terá pretendido manter o segredo. Admitimos que tendo sido permeável à sua divulgação uma das partes tenha querido antecipar a vitória ou a derrota da outra parte. Informação e contra-informação são armas do Poder, argúcias de poderosos ou daqueles que como tais se julgam.

Portadores do poder de informar — e conscientes da sua responsabilidade e risco — publicámos a in-

formação com 72 horas de avanço sobre as notícias que, em termos gerais, a confirmam. Logo a situação, criticamente, no quadro de uma vida democrática que, também no plano da moralidade pública e do rigor democrático, está em crise.

Não tivemos qualquer obscura razão para divulgarmos a notícia. Cumprimos o dever de informar os nossos leitores, os nossos concidadãos, o País.

Essa é a nossa compreensão da responsabilidade moral e cívica que a edição de um jornal diário implica. Esse é o nosso serviço à construção democrática do País de Abril.

Por enquanto — e apesar de todos os esforços nesse sentido — ainda há brechas na muralha do silêncio e ainda os «sistemas de informações» não logram impedir o exercício da informação.

Mas não tenhamos dúvidas: os «serviços de informações» e «a Lei de Imprensa» têm vocação, uns para espiar, a outra para asfixiar, as «fontes de informação». A cinzenta ameaça do secretismo paira sobre a vida pública portuguesa.

DL

Navios produzidos na União Soviética singram os vastos oceanos, os mares, lagos e rios.

Estamos presentes em 80 países!

Do nosso programa de exportações constam desde:

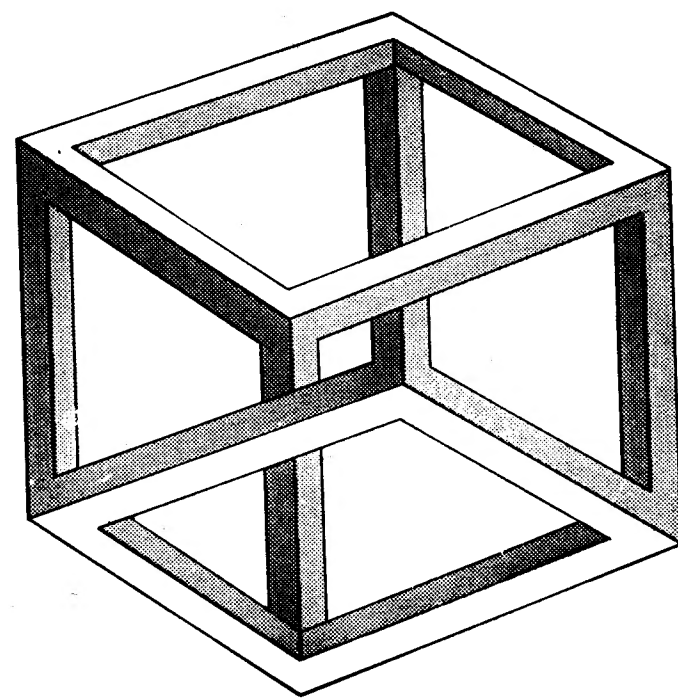
- navios petroleiros e para transporte de cargas secas a traineiras;
- docas flutuantes a paquetes;
- dragas a lanchas (motor e escaleres);
- potentes motores a pequenos interruptores — tudo com que é equipado um navio moderno.

Venha à Exposição Informativa Comercial da Organização Soviética de Comércio Externo SUDOIMPORT no Salão de Exposições, na Representação Comercial da URSS em Portugal, Av. das Descobertas, 4, Lisboa de 21 a 25 de Novembro, 1983, das 16.00 às 20.00 H.

Serão dadas informações pormenorizadas sobre o nosso programa de exportações SUDOIMPORT

Sudo

Será esta uma peça certa?



claro que não!

A primeira vista, pode parecer que sim. Como acontece com as peças não originais.

Mas a sua utilização levanta sempre problemas a curto ou médio prazo. Por isso, assegure-se de que no seu Fiat apenas sejam utilizadas PEÇAS ORIGINAIS FIAT, para que ele possa continuar a dar-lhe a satisfação do primeiro dia.

PEÇAS ORIGINAIS **FIAT**

*A venda em toda a Rede Fiat.

Debate do Orçamento e das Grandes Opções começou na A.R.

Ernâni Lopes repetiu receitas do FMI

Foi com uma sessão morna que acabaria já sem «quorum» que a Assembleia da República iniciou ontem o debate do Orçamento do Estado e das Grandes Opções do Plano para 1984. Novidades — novidades praticamente não as houve, malhou-se em ferro frio e gritou-se (baixinho) para orelhas moucas. Da parte do Governo, palavras escassas, algum laconismo pouco inspirado — na voz isolada de Ernâni Lopes — e a repetição daquilo que já se sabia: *é muito razoável e seguro prever o aumento do desemprego, a política de*

austeridade e rigor continuará no próximo ano, a procura interna deverá descer 4,3%, o consumo público deverá estagnar, etc. Sobre tudo, o recurso permanente a um alibi curioso: não é com declarações gongóricas e tonitroantes que se resolvem os problemas (E. Lopes). Ou seja, não estamos aqui para nos descosermos com os segredos do Governo, para responder aos deputados, mas apenas para os remeter para as propostas de lei apresentadas pelo Governo e para lhes dizer que oportunamente terão conhecimento das

soluções que os ministros adoptarem. Da parte da Assembleia, a repetição insistente e conjugada das críticas do PCP, o nem sim nem sopas de segundas ou terceiras figuras do

CDS e o âmém reverente e respeitoso de terceiras ou segundas figuras do PSD e do PS. Pelo MDP, a voz lúcida de Helena Cidade Moura, o chamar de atenção para as vertentes humanas e culturais que não deveriam deixar de marcar as grandes opções económicas.

Foi com uma sessão morna que acabaria já sem «quorum» que a Assembleia da República iniciou ontem o debate do Orçamento do Estado e das Grandes Opções do Plano para 1984. Novidades — novidades praticamente não as houve, malhou-se em ferro frio e gritou-se (baixinho) para orelhas moucas. Da parte do Governo, palavras escassas, algum laconismo pouco inspirado — na voz isolada de Ernâni Lopes — e a repetição daquilo que já se sabia: *é muito razoável e seguro prever o aumento do desemprego, a política de austeridade e rigor continuará no próximo ano, a procura interna deverá descer 4,3%, o consumo público deverá estagnar, etc. Sobre tudo, o recurso permanente a um alibi curioso: não é com declarações gongóricas e tonitroantes que se resolvem os problemas* (E. Lopes). Ou seja, não estamos aqui para nos descosermos com os segredos do Governo, para responder aos deputados, mas apenas para os remeter para as propostas de lei apresentadas pelo Go-

verno e para lhes dizer que oportunamente terão conhecimento das soluções que os ministros adoptarem. Da parte da Assembleia, a repetição insistente e conjugada das críticas do PCP, e nem sim nem sopas de segundas ou terceiras figuras do CDS e o âmém reverente e respeitoso de terceiras ou segundas figuras do PSD e do PS. Pelo MDP, a voz lúcida de Helena Cidade Moura, o chamar de atenção para as vertentes humanas e culturais que não deveriam deixar de marcar as grandes opções económicas.

Ernâni Lopes abriu o debate com uma exposição introdutória em que defendeu frouxamente e sem grande entusiasmo a inevitabilidade das opções governamentais em matéria económica. Sublinhou as grandes metas (já conhecidas) a atingir com o orçamento e as grandes opções do plano propostos e garantiu que seriam lançadas políticas de reestruturação da economia portuguesa, que permitam a quebra do círculo vicioso que obriga periodicamente à adopção de me-

das de emergência.

Segundo afirmou, a inflação atingirá este ano os 24% e a desaceleração da actividade económica pretendida pelo Governo já foi uma realidade em 1983. Como indicador desta situação referiu a redução das taxas de crescimento do consumo de energia e sustentou que Portugal está a passar por uma fase de transição geradora de profundas mudanças na economia portuguesa.

Quanto ao défice orçamental para o próximo ano disse que ele deverá ficar-se pelos 6,1% do Produto Interno Bruto. As importações, por seu turno, e para que sejam conseguidos os objectivos relativos à Balança de Transacções Correntes, deverão ser reduzidas, em termos reais, em 3%, descendo para isso a procura interna em 4,3 e estagnando o consumo público. A inflação, essa deverá quedar-se pelos 20%.

Uma política de ruína

A curta intervenção de Ernâni Lopes suscitou uma série de

perguntas e pedidos de esclarecimento oriundos fundamentalmente da bancada comunista. Carlos Carvalhas quis saber por que razão é que o ministro mantém a sua política de ruína que é condenada por todos os parceiros sociais, e disse que esperava algo de novo no respeitante aos argumentos com que o Governo defende as suas escolhas económicas. O discurso do ministro das Finanças deixou o deputado desiludido, visto que o único argumento trazido por Ernâni Lopes foi o de que isto é assim porque tem que ser assim e é assim porque quero que seja assim.

Outros deputados, entre os quais João Lencastre do CDS, dirigiram-se ao ministro directamente, falando da sua política, das suas opções.

Octávio Teixeira (PCP) perguntou se a escolha do ministro era a de atacar o poder de compra dos trabalhadores mantendo inalterados os rendimentos dos grandes capitalistas.

João Lencastre mostrou-se preocupado com a ausência de

referências ao investimento estrangeiro e ao mercado financeiro (de que o Governo tanto fala na carta ao FMI e que ignora nas Grandes Opções do Plano).

Ilda de Figueiredo afirmou que o desemprego vai ultrapassar os 700 mil trabalhadores (17% da população activa) e interrogou o ministro sobre as previsões do Governo quanto à evolução do desemprego e do número de falências.

Rogério de Brito (igualmente do PCP) perguntou onde é que está o dinheiro para a extensão rural e para a investigação agro-nómica.

Silva Graça (idem) levantou diversas questões sobre a forma como o Governo vai rever este orçamento por forma a dar cumprimento à lei das Finanças Locais (João Salgueiro faria mais tarde idêntica pergunta, que deriva aliás do relatório da Comissão de Economia, Finanças e Plano sobre as duas propostas de lei em discussão).

Dois deputados do CDS manifestaram dúvidas sobre a forma como foi tida em conta na preparação das GOP(s) e do OE a evolução do variável emprego e sobre a revisão dos sistemas de incentivo ao investimento.

Finalmente, das bancadas da maioria, Marcelo Curto reclamou melhores condições de trabalho (também melhores vencimentos, sem os referir directamente) e António Vitorino (UEDS) perguntou o que é que foi feito da tão falada política de concertação social e designadamente do prometido Comité Económico e Social.

Declarações gongóricas

Mas para Ernâni Lopes as objecções dos deputados, as suas perguntas e dúvidas, são como um fígado. Tragam-se de uma assentada, ou apenas como quem liga a «cassete». Sempre com um sorriso nos lábios, por vezes com tentativas fracassadas de fazer humor, refugia-se atrás da afirmação de que não está ali para fazer declarações tonitroantes e gongóricas, sem conteúdo real. A Octávio Teixeira disse que não é com declarações na Assembleia da República que se combate a fraude e a evasão fiscal.

Pois não, senhor ministro, mas então quais são as medidas concretas que o governo adopta para fazer face a essas e outras situações, comentavam alguns deputados nos corredores de São Bento.

A muitos dos outros parlamentares que o questionaram, Ernâni Lopes respondeu exactamente do mesmo modo: Não estou aqui para fazer declarações gongóricas; o Governo tomará oportunamente as medidas convenientes; os secretários de Estado responderão às suas perguntas no debate na especialidade, etc.

Respostas concretas às perguntas surgidas, praticamente não as houve: o ministro não estava lá para fazer declarações gongóricas...

A Ilda de Figueiredo respondeu mesmo: A senhora está a tirar ilações de afirmações que há pouco fiz que não estão incluídas naquilo que disse. A questão tinha a ver com a política de alargamento do mercado interno defendida pela deputada comunista. O ministro disse que uma política desse tipo levaria a situações de derrapagem e de agravamento em espiral dos problemas que já temos que seriam tão graves como aquelas que levaram outros países da

Europa (em alusão à França) a retroceder «à toute vitesse».

Enfim, uma conversa de surdos... que prenuncia uma semana em que o governo se limitará a cumprir o «frete» de ir a São Bento para se manter tanto quanto possível mudo e quedo.

Não sou eu, é o Governo

Mas nas respostas de Ernâni Lopes realce-se igualmente a sua preocupação, a sua indignação mesmo, face às intervenções dos deputados que pessoalmente lhe as opções e as políticas que, segundo afirmou, são do Governo e não dele, ministro. A coincidência de um deputado do CDS se ter referido à sua política, tal como fizeram os comunistas, irritou especialmente Ernâni Lopes. O ministro não pensa, o Governo está a trabalhar nesse assunto e seria inoportuno falar disso, diria em resposta ao deputado do CDS sobre as empresas públicas.

Na bancada comunista alguém diria: Gostariamos era de ouvir isso (a declaração de que se trata da política do Governo e não da do ministro) da boca do Primeiro-Ministro. Este, que tinha estado presente no início dos trabalhos, já se ausentara do hemiciclo há longo tempo. A parte da sessão consagrada às intervenções dos deputados dos diferentes partidos foi feita aliás na presença de apenas Ernâni Lopes, Almeida Santos, Alípio Dias e um outro secretário de Estado.

Como era de esperar, diversos deputados protestaram depois (sem resposta) contra o facto do ministro das Finanças não ter respondido às suas questões.

No período das intervenções dos deputados falaram Helena Cidade Moura (MDP), João Lencastre (CDS), Carlos Carvalhas (PCP), António Vitorino (PSD), Amândio Pires (PS) e Guido Rodrigues (CDS).

Carlos Carvalhas retomou as críticas do seu partido à política económica do Governo e disse que este era um debate que se encontra duplamente limitado à partida (e a intervenção de Ernâni Lopes confirmou essa situação, disse). De acordo com o deputado comunista aquelas limitações residem no facto de as GOP(s) e o OE terem sido previamente ajustados, determinados e impostos pelo FMI, à margem da AR.

Por outro lado, acrescentou, o debate está limitado porque este Governo está apostado numa política desastrosa, faz orelhas moucas a todas as denúncias e propostas alternativas concretas.

Helena Cidade Moura diria que as GOP(s) e o orçamento são eventualmente os documentos possíveis a um Governo que optou por imobilizar o país, por sacrificar o núcleo central da sua força, os assalariados e as crianças, que mandou fechar o país para obras.

Quanto aos oradores do PS, do PSD e do CDS, sublinhe-se o facto de se tratar em todos os casos de figuras de segundo ou terceiro plano. Curiosamente, na bancada do PSD e do CDS estavam, silenciosos, João Salgueiro e Moraes Leitão. Na do PS, António Rebelo de Sousa, o perseguidor de serviço (como lhe chamou um deputado comunista) limitou-se a questionar sistematicamente todos os deputados da oposição que usaram da palavra, e a deixar a intervenção do seu partido para... Amadeu Pires.

J.A.C.



SEMANAL

a partir de 22 de Novembro

Mais actualidade

— a mesma qualidade

O único semanário cultural

do mundo de língua portuguesa

Não perca, desde a 1.ª edição

semanal

Câmaras preparam planos de emergência enquanto esperam por dotações orçamentais

Cascais enterra os mortos e orçamenta um milhão

A vereação de Cascais aprovou ontem um plano de emergência para o concelho que implicará a mobilização de um milhão de contos em dois anos. O documento seria depois avaliado pela Assembleia Municipal que se reuniu, excepcionalmente, no Hotel Cidadela.

O projecto inclui a construção de 60 fogos, no que se refere às carências habitacionais agora geradas e reparação das redes de água e esgotos, incluindo a substituição do actual emissário submarino.

Uma das soluções a encontrar

no âmbito do plano de emergência refere-se aos bombeiros que ficaram com grande parte dos equipamentos danificados e as instalações praticamente destruídas. A Câmara deverá, pois, incluir uma verba para a transferência do seu quartel.

Outro dos pontos que foram contemplados neste plano é a construção de um paredão, em substituição do que agora ruí, mas de forma a que as suas fundações não sejam, futuramente, atingidas pelo mar.

As barragens visando particularmente uma maior retenção de

águas é outra reivindicação por que a própria presidente da Câmara já mais do que uma vez se bateu. Além disso, as albufeiras resultantes permitiriam, do seu ponto de vista, reforçar o abastecimento domiciliário de água, agora inteiramente dependente da EPAL.

Por fim, o plano de emergência para Cascais prevê apoios a comerciantes e pescadores, a reparação de todos os pavimentos destruídos e danificados, a par da defesa do meio ambiente.

Mortos foram a enterrar

Cascais enterrou ontem as suas vítimas das inundações, um casal que vivia numa cave da parte baixa, de seus nomes Aniceta da Conceição Guerreiro, de 54 anos, e Álvaro dos Santos Baptista, de 47.

Estas vítimas são apenas um dos aspectos mais salientes do drama vivido naquela vila. Por um lado, a PSP local e forças militares ainda se mantêm atentas à acção de ladrões que logo

no começo do desastre aproveitaram para pilhar os locais mais afectados.

Por outro lado, o próprio Hotel Sintra Estoril tomou a iniciativa de se dirigir directamente ao Primeiro-Ministro expondo a situação da empresa e dos respectivos trabalhadores.

Aconteceu naquele hotel que as águas rebentaram um pontão de ferro da parte inferior inundando completamente a suas instalações. Ai, além de dois carros da empresa, ficaram destruídos 12 automóveis de clientes daquela unidade hoteleira.

Gulbenkian: donativo de cem mil contos

O Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, não obstante os prejuízos científicos e materiais, estes últimos estimados em cerca de 150 mil contos, que a instituição sofreu, em consequência das inundações ocorridas no fim-de-semana, e que atingiram o Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras, em terrenos anexos ao Palácio Pombal, deliberou conceder um subsídio de cem mil contos ao Serviço de Protecção Civil, exclusivamente para auxiliar as despesas com o realojamento das famílias sinistradas.

Por sua vez, a Embaixada dos Estados Unidos da América acaba de conceder um donativo de três mil contos destinado às vítimas das inundações que atingiram várias zonas de Portugal.

Este donativo será oportunamente entregue à Cruz Vermelha Portuguesa para ser utilizado de acordo com as prioridades estabelecidas.

Setúbal tenta recompor-se à medida das suas forças

As operações de limpeza em Setúbal estão já em pleno curso, à medida que o município organiza as suas forças, de acordo com o levantamento da situação que vai sendo feito.

«Verificaram-se inundações em centenas de habitações e consideram-se perdidos haveres muito avultados, cuja quantificação não é ainda possível fazer» — afirma um porta-voz da Câmara de Setúbal.

O resultado está à vista nas carências desde logo visíveis relativamente aos cidadãos que perderam as suas casas: das 60 pessoas que foram evacuadas pela PSP, 37 famílias continuam sem habitação.

Em tempo de recuperação, uma das preocupações mais evi-

dentos dos responsáveis é a recuperação das infra-estruturas. Nesse domínio, a reposição da normalidade será necessariamente lenta: grande parte da cidade ficou sem telefones, o mesmo acontecendo com a electricidade; pavimentos e calçadas ficaram profundamente danificados.

Os prejuízos são igualmente muito elevados a nível do comércio setubalense, embora seja igualmente impossível saber para já a quanto montam. Na parte baixa, os estabelecimentos comerciais que ficaram totalmente inundados com água a 1,3 metros, perderam a maior parte ou a totalidade das suas existências.

Câmara dinamiza recuperação
A Câmara Municipal de Setúbal

promovia logo, ontem, uma primeira reunião em que participaram as autoridades locais, com o objectivo de analisarem a situação.

O resultado foi a constituição de duas comissões para «enfrentarem a situação de catástrofe». Uma delas é participada pelos serviços camarários, bombeiros voluntários e sapadores, e hidráulica, para estudarem com presteza as origens da catástrofe. O fim é evitar a sua repetição.

A segunda comissão, incluindo a Câmara, Juntas de Freguesia, PSP, GNR e Cruz Vermelha, tinha por missão concretizar a avaliação definitiva dos estragos.

Mas, desde logo, eram constatadas as razões mais evidentes que justificam as inundações

ocorridas de sábado para domingo; a elevada precipitação, aluimento das margens dos ribeiros e a obstrução de linhas de água devido ao abandono de quintas pelos seus proprietários.

a Câmara Municipal de Setúbal apelava, ainda, ontem, em comunicado, para que a população continuasse a apoiar as operações de limpeza e alojamento».

Rios subterrâneos vieram à superfície

O governador civil de Setúbal afirmou que a causa concreta da inundação repentina da baixa setubalense se deveu ao aluimento das margens dos dois rios que a

atravessam ao entrarem no curso subterrâneo.

Os rios são o Figueira e a ribeira do Livramento que vêm da direcção de Palmela e a um quilómetro a norte da cidade entram num percurso subterrâneo, atravessam a baixa setubalense e vão desaguar ao Sado.

O governador civil explicou que o curso subterrâneo ficou obstruído e os rios passaram à superfície inundando a cidade.

Acrescentou que esta causa acrescida do caudal provocado pelas intensas chuvas contribuíram domingo à noite para a inundação repentina da cidade.

O governador civil referiu ainda que na Escola preparatória Du Bocage não haverá aulas nos dias 22 e 23 devido às inundações.

O papel da Cruz Vermelha

O secretário-geral da Cruz Vermelha Portuguesa, coronel Alves Cardoso, elogiou «a resposta extraordinária» dada pela população aos pedidos de doações para as vítimas das inundações.

Salientou, por exemplo, o caso da delegação da Amadora que recebeu cerca de três mil donativos num espaço de 12 horas.

Por sua vez, o comandante-geral das Unidades de Socorro, coronel Fernando Duarte, afirmou que as unidades da Cruz Vermelha Portuguesa participaram em 168 acções de salvamento e evacuação, abrangendo centenas de pessoas, entre as 2 da madrugada e as 19 horas de sábado.

Entretanto, a Cruz Vermelha Portuguesa está a recolher dívidas que a sede distribui pelas delegações que por seu turno as enviam para as autarquias e núcleos locais da Cruz Vermelha, de acordo com os pedidos feitos pelas câmaras municipais e juntas de freguesia.

As entregas de roupas, alimentos e dinheiro são feitas na sede da Cruz Vermelha, sendo todas as dívidas registadas e passado recibo às pessoas que as oferecem.

Ligações telefónicas

A Secretaria de Estado das Comunicações, num ponto da situação feito ontem às 21 horas, referiu que na região de Lisboa só se registam dificuldades nas ligações telefónicas entre Carnide-Amadora, Lumiar-Loures e Loures-Bucelas.

Acrescentou que foram já desbloqueadas as linhas telefónicas em Alverca e Alhandra.

Quanto a avarias de telefones, informou que ontem de manhã havia 488 cabos danificados.

Soares nas zonas sinistradas

O Primeiro-Ministro, deslocou-se, esta manhã, às áreas sinistradas da zona Oeste da Grande Lisboa. Assim, esteve às 13 e 30 em Arruda dos Vinhos — e uma hora depois em Alenquer. Até ao fim da tarde visitou ainda Torres Vedras e Mafra.

Prejuízos no Estádio Nacional ascendem a milhares de contos

Os prejuízos causados pelas inundações no complexo desportivo do Estádio Nacional ascendem a milhares de contos — disse à ANOP uma fonte da Secretaria de Estado dos Desportos.

A mesma fonte adiantou que os treinos das seleções de futebol de juniores e juvenis, previstos para quarta-feira, não se poderão realizar devido ao estado em que se encontram os campos.

Domingo de manhã, o secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, deslocou-se ao complexo desportivo do Jamor para se inteirar dos estragos provocados.

Na ocasião, o director do Estádio Nacional informou Miranda Calha de que vai propor um plano de recuperação do complexo.

Um dos campos de treino sofreu estragos de monta num dos topos e a pista que o circunda desapareceu, o mesmo sucedendo com o campo de rãguebi, que ficou praticamente sem relva e com a vedação seriamente danificada.

Num outro campo, a lama atinge entre meio metro e um

metro de altura, bem como no parque infantil, onde muitos dos vários baloiços foram arrancados pela acção das águas.

As vias de comunicação encontram-se intransitáveis, oito campos de ténis não poderão ser utilizados nos tempos mais próximos e o campo de tiro com arco também não se encontra em condições para a prática da modalidade.

A piscina foi das áreas mais duramente atingidas pelas inundações do fim-de-semana, encontrando-se totalmente alagada.

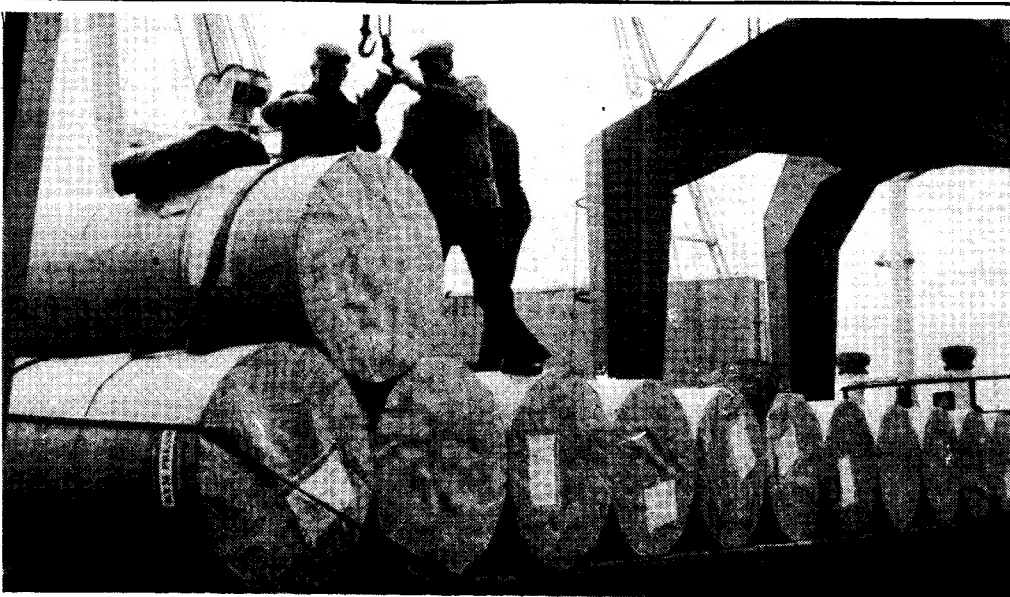
Os motores de tratamento e aquecimento das águas ficaram cobertos pela cheia, e, portanto, inoperacionais.

Os responsáveis do Estádio Nacional temem que o revestimento da piscina tenha abatido, o que eleva ainda mais os prejuízos causados pelas inundações.

No campo principal, os estragos foram mais sentidos na instalação sonora, já antiga e que deixou de funcionar.

A pista de ténis sofreu prejuízos de pequena monta.

Todavia, o relvado do Estádio não está em condições para mais de dois ou três treinos por semana.



“DL” sofre em Frielas

Danos e perdas em empresas jornalísticas

Também atingido pelas inundações foi o armazém do «Diário de Lisboa», em Frielas, uma das povoações que mais sofreu, e onde estavam armazenadas bobinas de papel de impressão e material de embalagem no valor de cerca de três mil contos, livros e pastas de arquivo de contabilidade, papel velho, casquilhos de bobinas e outro material diverso, como por exemplo, mobílias fora de uso, material eléctrico, etc. Está também lá instalada a velha rotativa que imprimiu o «Diário de Lisboa» durante 50 anos e que aguarda ali um destino mais digno que o da sucata. O dito

armazém sofreu danos, embora reparáveis.

A CEIG, unidade gráfica situada no Dafundo foi igualmente atingida pelas águas, que estragaram papel e inundaram a casa da rotativa, tornando-a inoperacional nos primeiros dias, o que obrigou o «Correio da Manhã», que é ali impresso habitualmente, a recorrer ao «Diário Popular» e ao «Diário de Lisboa» para a sua impressão nestes dias. Junto ao rio, na zona portuária de Lisboa, no armazém da SODIPEL, principal fornecedor dos jornais portugueses, a água atingiu cerca de 400 bobinas de

papel, causando um volumoso prejuízo.

Entretanto, o director-geral da Comunicação Social, Manuel Figueira, oficiou às Associações de Imprensa no sentido de obter informação dos prejuízos verificados na área da Comunicação Social, com vista a avaliar a sua extensão e procurar uma possível reparação.

Também no que toca ao «Diário de Lisboa», devemos registar e agradecer o espírito de compreensão e solidariedade que nos foi manifestado pelas fábricas de papel INAPA e pela PORTUCEL.

O noticiário e reportagem sobre os danos causados pelos temporais são de Rogério Vidigal, Daniel Reis, António Cerejo, Pedro Alvim, Dias de Brito, José Vilaça, Nuno Ribeiro, Júlio Rodrigues e Luís Humberto Marcos (textos). Fotos de Rui Pacheco, José Tavares e agência ANOP.

de ontem para hoje

«Tollan» de novo adiado desta vez pelo temporal

O temporal e as cheias no Tejo provocaram um novo adiamento das operações de recuperação do «Tollan», que, de acordo com um informador da empresa encarregada dos trabalhos, a Sealift, só deverão começar em finais desta semana. O navio — disse a mesma fonte — foi assente no fundo do rio para evitar qualquer acidente resultante das fortes correntes que se estão a registar no Tejo em consequência do temporal e das descargas das barragens espanholas. O «Tollan» encontra-se presentemente com uma inclinação na ordem dos 90 graus.

António Carmo na Holanda

O pintor António Carmo partiu ontem para Den Haag, na Holanda, onde irá expor vinte «guaches» sobre o tema «Portugal e a Paz». O artista, que irá em breve ao Maputo, por proposta de Malangatana, foi convidado pelo comité da paz daquele país, tendo já marcado para o seu regresso uma exposição individual na Galeria Diário de Notícias. Sobre os trabalhos que António Carmo irá expor em Den Haag escreveu Edgardo Xavier: «Homens e pássaros ao jeito de um quotidiano forjado em plena paz e construído em suaves tons de subtil vibração.»



Tripulantes de iate salvos na Figueira

Quatro jovens tripulantes do iate francês que se afundou ao largo da Figueira da Foz quando rumava para Marselha foram salvos quando já se encontravam a bordo de uma balsa. Os naufragos, que pediram socorro com «very-lights», foram identificados pelos apelidos de Georges, Mark, Henri e Pierre Bruno, de idades compreendidas entre os dezasseis e os 24 anos. O iate, segundo afirmaram, afundou-se após ter batido com a quilha num objecto não identificado.

Moedas romanas na Praia da Rocha

Durante as operações de drenagem para o novo porto de Portimão, foram encontradas, na Praia da Rocha, dezenas de moedas de cobre e bronze das épocas romana, grega e medieval, e ainda áforas, fivelas de togas romanas, peças de metal e um bocado de um canhão em ferro. Na opinião dos

arqueólogos «o achado veio confirmar a ideia de que a bacia do Arade é rica na matéria, e daí ter sido considerada pelas entidades competentes como zona reservada». As peças estavam enterradas a cerca de meio metro de profundidade.

«Overdose» mata jovem em Carcavelos

A Polícia Judiciária investiga as circunstâncias em que ocorreu a morte do manobrador de máquinas Álvaro da Encarnação Romero, de 24 anos, encontrado sem vida pela mãe na cozinha da sua casa, no lugar de Sasseiros, Carcavelos. O jovem, que ultimamente procurava afastar-se do consumo da droga, teria sido levado para casa por alguns «amigos», dois dos quais já teriam sido detidos para averiguações. Uma ferida que tinha na cabeça deverá ter sido provocada, em princípio, por queda.

Escolheu mal as três «companheiras»

O motorista francês Richard Gerardin decidiu convidar três raparigas para o «ajudarem a passar a noite» no interior do seu camião TIR, estacionado na Praça de Salvador, em Matosinhos. Só que após algumas «trepelias» e uns copos bem bebidos, Gerardin adormeceu e as «companheiras» aproveitaram para o aliviar da carteira, com todos os documentos (incluindo os do veículo), um livro de cheques, uma caneta de ouro e dinheiro, tudo avaliado em cinquenta contos. O motorista francês apresentou queixa na esquadra local da PSP, na expectativa de que as autoridades encontrem, pelo menos, os documentos, sem os quais não poderá regressar tão breve ao seu país.

Cuspiu na água e foi assassinado

Já foi detido o autor do assassinio do jovem Justino Manuel de Oliveira, de 22 anos, deficiente mental, cujo corpo fora encontrado num matagal em Maceda, perto de Ovar. Trata-se de Artur Silva Pinto, o «Mutila», de 35 anos, que afirma ter ido encher um balde à fonte do Muro, onde a vítima

estava a cuspir na água. Ele advertiu-o, então, de que caso voltasse a repetir o gesto, lhe batia. Justino, no entanto, voltou a cuspir e o «Mutila» atingiu-o com várias facadas que lhe causaram a morte, embora ainda tivesse conseguido arrastar-se por cerca de vinte metros.

Convívio de antigos estudantes da Guarda

Os antigos estudantes da Guarda voltam, este ano, a reunir-se no 1.º de Dezembro, em Lisboa, no tradicional almoço de convívio, para o qual estão abertas inscrições nos seguintes locais: em Lisboa, no Bazar do Povo, Rua do Ouro, 150, no Centro Terminal do Rossio, loja 513, no Café-Restaurante Califa, na Estrada de Benfica, e no Centro Comercial da Portela (Casa dos Cafés, loja 14); em Almada, na Livraria Capas Negras; e na Guarda, na Perfuraria Abelinha. O almoço realiza-se no Hotel Penta e será precedido de missa, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

No rescaldo dos temporais

Loures avalia prejuízos em dois milhões de contos

Pelo menos dois milhões de contos de prejuízo, três mortos e cerca de cinco mil desalojados é o balanço provisório das inundações que assolaram no fim-de-semana o concelho de Loures — segundo uma fonte do município.

Os trabalhos de reparação de condutas de água afectadas, recuperação de edifícios e limpeza de vias prosseguiram durante todo o dia de segunda-feira, sendo contudo prejudicados pela paralisação forçada de diversas máquinas da Câmara, danificadas pela cheia.

O parque de máquinas da edilidade de Loures situa-se numa parte baixa da vila e grande número de veículos e outro equipamento ali instalado ficou submer-

so pelas águas, estando agora a ser gradualmente recuperado.

Também os camiões de recolha do lixo da Câmara ficaram danificados, estando em funcionamento apenas três destes veículos para todo o concelho. A mesma fonte adiantou que o município conta que a situação esteja restabelecida até ao fim desta semana.

Durante todo o dia de segunda-feira, a Câmara manteve cinco brigadas em funcionamento para reparação de condutas de água danificadas durante o temporal.

Os trabalhos permitiram já a normalização ou melhoria do abastecimento de água a várias povoações do concelho, nomeadamente Odivelas, Bons Dias, Unhos e Loures.

Odivelas pede medidas de fundo

Medidas de fundo para o problema dos desalojados pelas inundações foram entretanto reclamadas pela Junta de Freguesia de Odivelas, onde cerca de 300 pessoas estão sem habitação.

O secretário-geral da Junta de Freguesia, Lourenço Baptista, disse à ANOP que a autarquia pode propiciar o auxílio de emergência que era necessário, alojando as pessoas na Escola Preparatória dos Pombais, ainda inacabada, mas que as pessoas já começam a manifestar-se «cansadas e desesperadas».

«Desde ontem de manhã que temos a junta cheia de gente que nos procura para saber como vai ser» — acrescentou.

Lourenço Baptista referiu o

caso dos moradores de quatro lotes na Rua Aura Abranches, totalizando 57 famílias, que tiveram de ser desalojadas por os edifícios ameaçarem ruir.

«A engenharia militar esteve cá no domingo a fazer uma peritagem e concluiu que os prédios constituem um perigo.»

O autarca informou que os quatro lotes foram construídos sobre uma plataforma rochosa que se prolonga para a ribeira que passa nas proximidades e que sempre que o caudal desta engrossa tornam-se um perigo.

«Trata-se de uma situação que certamente vai exigir que se apurem responsabilidades. Alguém terá que assumir a responsabilidade por a obra ter sido feita como foi» — afirmou.

Recuperação de Sintra pontuada por críticas

A primeira fase dos trabalhos de limpeza em ribeiras e vias rodoviárias, após as inundações do fim-de-semana, está praticamente concluída no concelho de Sintra — disse ontem à noite, uma fonte da Câmara Municipal.

A mesma fonte acrescentou que a edilidade elaborou já um plano de reconstrução, que foi entregue no Serviço de Protecção Civil.

Entretanto, as diversas equipas de trabalho da Câmara de Sintra estão neste momento empenhadas em trabalhos de restauro de vias, pontões, pontes e alguns edifícios.

As inundações no concelho — disse o mesmo informador — provocaram entre 120 e 125 desalo-

jados, dos quais cerca de 20 se encontram provisoriamente instalados nos centros de acolhimento da Secretaria de Estado da Segurança Social.

«Os restantes resolveram, de momento, o problema, instalando-se em casas de familiares ou vizinhos» — acrescentou.

No concelho de Sintra, as regiões agrícolas mais afectadas pelas águas foram as de Colares e Almargem do Bispo. A nível urbano, Cacém, Queluz e Mem Martins foram as zonas que mais se ressentiram das fortes chuvas do fim-de-semana.

De acordo com uma fonte contactada pela ANOP, «há muito ainda a fazer, durante largos

meses» no concelho para recuperar os danos agora causados.

Câmara demorou muito tempo

A acção da Câmara Municipal de Sintra é, no entanto, criticada por um vogal da Junta de Freguesia de Aqualva-Cacém, ao afirmar que os efeitos do temporal, na sua zona, foram inicialmente resolvidos com o recurso a maquinaria pertença de particulares.

O facto ficou a dever-se, no entender deste autarca, à demora verificada na chegada da maquinaria camarária, qualquer coisa como 24 horas depois.

A ausência dos responsáveis

camarários naquela freguesia foi, paralelamente notada tanto pelos eleitos da junta, como pelos próprios munícipes. E isso foi tanto mais evidente quanto o próprio Presidente da República ali se deslocou logo no domingo.

A falta de maquinaria continuará, de resto, a fazer-se ainda sentir na Aqualva-Cacém, particularmente para que se proceda à desobstrução da ribeira das Jardas.

A Junta de Freguesia do Rio de Mouro também se fez, entretanto ouvir, pedindo apoio em geral, mas muito concretamente no que se refere à reposição de vias de comunicação e à solução para os problemas dos desalojados.

Para recuperar de «reflexos graves»

Covina faz trabalho extraordinário gratuito

Os trabalhadores da Covina decidiram ontem em plenário trabalhar voluntariamente na recuperação da empresa, abdicando de horas extraordinárias e prolongando o horário por 45 minutos diários — anunciou a Comissão de Trabalhadores.

Uma nota da CT refere que o temporal que assolou a região de Lisboa teve reflexos graves na fábrica da Covina, em Santa Iria da Azóia.

Acrescenta que estiveram em perigo sectores vitais da empresa que poderiam comprometer o seu funcionamento, salien-

tando que a presença na Covina dos órgãos representativos dos trabalhadores (ORT) e outros operários que ali acorrem permitiram dominar diversas situações surgidas.

Na zona de fabrico a laboração é hoje quase normal.

Domingo realizou-se, por proposta dos ORT, uma reunião com a administração e técnicos da empresa para analisar a situação e definir prioridades de trabalho.

A proposta aprovada por unanimidade em plenário dos sectores fabril e administrativo

aponta para o empenhamento de todos os trabalhadores com vista à recuperação da empresa no mais curto prazo possível.

O plenário decidiu o prolongamento do horário por 45 minutos de terça a sexta-feira e a realização de uma jornada de trabalho voluntário no sábado dia 26 se até então a empresa não estiver recuperada.

Nos termos da decisão adoptada, os trabalhadores, desde ontem e durante o período de emergência, abdicarão de qualquer tipo de horas extraordinárias, incluindo as consideradas de penosidade.

De Alverca do Ribatejo

Três instituições sociais promovem peditório nacional

O Centro de Bem-Estar Social, de Bombeiros Voluntários e a Casa de Idosos de S. Pedro, de Alverca do Ribatejo, foram três das instituições mais afectadas pelas fortes enchurradas que «varreram» positivamente esta mártir vila do concelho de Vila Franca de Xira.

Os idosos (mais de meia centena) alojados na Casa de S. Pedro foram dificilmente retirados do centro pelos Bombeiros Voluntários, quando as águas ameaçavam subir, tragando tudo na sua voragem. Chegou a constatar que um deles tinha perecido

durante a mais forte das quatro enchurradas — a terceira —, o que, felizmente, não se verificou.

O Centro de Bem-Estar Social é uma modelar instituição de educação infantil e pré-escolar que acolhe várias centenas de crianças nas suas três valências de ensino (infantil, pré-escolar e tempos livres), repartida por várias instalações. Todas elas foram seriamente atingidas, tendo parte substancial do seu equipamento sido destruído.

Os Bombeiros Voluntários de Alverca, cujo quartel fica na parte baixa da vila, não apenas viram

as suas instalações inundadas e destruídas, como parte do seu material ficou bastante danificado nas múltiplas operações de salvamento que realizaram.

Os prejuízos nas três instalações atingem largos milhares de contos, razão por que decidiram em conjunto promover um peditório nos próximos dias 26 e 27 que não se circunscreverá apenas a Alverca e ao concelho de Vila Franca de Xira, mas terá âmbito nacional. Nesse sentido, ficam a aguardar o envio de apoio para as suas sedes, em Alverca.

Mafra perdeu três vidas e 300 mil contos

Três mortos, oito famílias desalojadas, estradas danificadas, 15 pontes e pontões destruídos e milhares de contos de prejuízos em gado desaparecido é o balanço provisório das inundações no concelho de Mafrá.

A Câmara Municipal informou que as localidades mais fustigadas pelas chuvas foram Carvalhal e Cheleiros, onde árvores e pomares, terras cultivadas e largas dezenas de cabeças de gado bovino, passando por uma ponte destruída, foram arrastados pelas enchurradas.

Referiu que as três mortes verificaram-se na freguesia de Milharado, onde a população ficou na penúria, especialmente na Aldeia de Calvos e Póvoa da Galega.

Acrescentou que, na Malveira, um pontão que ligava Mafrá a Sintra foi desfeito, várias casas foram danificadas e que os telhados das habitações no bairro dos Ciganos voaram impelidos pelo vento ou abateram devido às fortes chuvas.

Informou, ainda, que o concelho de Mafrá está sem água devido à ruptura de condutas e que os cálculos provisórios dos prejuízos do temporal rondam os 300 mil contos.

Polémica em torno das urgências e da recuperação

CML recusa propostas de aplicação imediata

A primeira reunião da Câmara Municipal de Lisboa após as inundações do fim-de-semana verificou-se por força da rotina do calendário. Foi ontem, à noite, como estabelecem as regras municipais de haver sessão todas as segundas-feiras.

Os vereadores concordaram, por unanimidade, que a ordem de trabalhos fosse alterada para discussão dos prejuízos que se verificaram na área do seu concelho. E muitos foram, contrariamente ao que poderá transparecer das notícias veiculadas.

Baldados já tinham sido os esforços dos vereadores da APU para conseguirem uma reunião de emergência, antes desta que

seria a normal. Como já se tinha logrado, também ontem, o esforço de vários presidentes de Juntas de Freguesia (Carnide, Ajuda, Marvila, Beato, Charneca, Ameixoeira, Alcântara, entre outras) que se apresentaram no município com levantamentos das suas áreas.

Mas não conseguiram fazer-se ouvir pelo presidente da Câmara, eng. Krus Abecasis, que se recusou a recebê-los. E voltaram, ao que parece, para assistirem impotentes às grandes carências que os rodeiam.

A reunião camarária de ontem caracterizar-se-ia, afinal, por mais um balde de água fria sobre os sofrimentos de tantos municípios. Da longa discussão havida

surgiu, numa espécie de montanha a parir ratos, a seguinte decisão: «A Câmara decidiu criar uma comissão, a constituir com um representante de cada força política para coordenar o levantamento da situação e promover as medidas necessárias à reconstrução e reinstalação de populações, em coordenação com as Juntas de Freguesia e solicitando o indispensável apoio financeiro ao Governo».

Esta foi uma proposta da verreação socialista, que se manteve ao lado da «AD» para impedir a aprovação de uma outra proposta levada pela APU. Aliás, esta força política é fortemente torpedeada no comunicado final do PS sobre a reunião. Deplo-

rada «a actuação demagógica dos vereadores da APU», que em vez de participarem «com os restantes na discreta solução dos problemas procuraram atirar os seus nomes para as primeiras páginas dos jornais».

Vejam, então, em que consistia a proposta da APU: reunião imediata com as juntas de freguesia para avaliar a situação e planejar a reconstrução; criação de um fundo de emergência, em dinheiro, para acorrer às situações graves existentes na cidade, sendo as áreas de prioridade definidas com as próprias juntas.

A APU pretendia, por outro lado, que fosse solicitada ao Governo a aplicação do n.º 2 do Art.º

16.º da Lei das Finanças Locais para que fosse concedido um subsídio de emergência por calamidade pública.

A mesma proposta previa a imediata criação de brigadas técnicas de intervenção, camarárias ou mistas, para socorro às casas e barracas e outros locais carecidos, também a definir com as juntas.

Ainda pretendia a APU que fosse criado um volante de casas camarárias da área do Gabinete Técnico de Habitação da CML, que estejam quase prontas ou até devolutas. Além disso, poderia ser estabelecido um acordo de cedência provisória de casas por parte da EPUL.

ME dixit

Veio ante ontem o ministro da Educação falar na terceira pessoa ao País: o ministro da Educação, comunica, o ministro da Educação tomou medidas, o ministro da Educação «dixit».

E que «dixit»? Que os conselhos directivos das escolas danificadas pela chuva intensa estavam autorizados a suspender as aulas pelo prazo minimamente indispensável à reposição da normalidade. Mais ou menos isto (como se os CD's precisassem de autorização para suspender as aulas quando a água cai em cima da cabeça dos alunos ou os cobre até aos joelhos).

E «dixit» mais: as instalações do ME da Avenida 24 de Julho ficaram muito danificadas com a enxurrada, os respectivos funcionários foram dispensados de trabalhar ontem e tomaram-se já medidas para recompor a situação.

Curiosamente, o ministro da Educação não falou em eventuais prejuízos de que se tenha ressentido a Faculdade de Ciências que fica também nas instalações do ME na 24 de Julho.

Não falou de medidas para recuperar os edifícios das escolas que terão ficado danificados. Não falou das escolas que abriram e fecharam por obras mal feitas ou insuficientes; das escolas que já metiam água antes das últimas chuvadas; das escolas que ainda não abriram nem se sabe quando abrem ou que iam abrir finalmente esta semana, e adiaram uma vez mais o começo do ano lectivo.

Servirão as chuvadas e as cheias para encobrir atrasos de obras não planeadas nem realizadas a tempo? Quantos mais milhares de alunos vão ficar sem aulas e por quanto tempo? Sobre isto o ministro não «dixit» nada. Ontem o ME afirmava não estar apto a produzir quaisquer informações concretas sobre as escolas que tiveram de encerrar e remetia para as instalações da Secretaria de Estado dos Ensinos Básico e Secundário, na 24 de Julho. Aqui o telefone tocava e ninguém atendia.

Então, em que ficamos: ministro diz e não sabe ou sabe e não quer dizer?

Presidente da Câmara de Torres Vedras ao «DL»:

«Se não recebermos 100 mil contos isto não se levanta»

O «DL» prossegue hoje a publicação de depoimentos dos presidentes das Câmaras mais afectadas pelos temporais, iniciativa que começamos na nossa edição de ontem.

Esta manhã, ouvimos os responsáveis de mais algumas Câmaras.

Na edição de hoje porém, só nos é possível publicar as declarações do edil de Torres Vedras, José Augusto Carvalho. O concelho continuava esta manhã sem luz e sem água.

«Se não recebermos um valor da ordem dos cem mil contos isto não se levanta» — disse-nos o presidente da Câmara de Torres Vedras, que fez assim o balanço da situação:

«O balanço dos estragos aponta para perdas incalculáveis. Há quem fale em dois milhões de contos, mas é impossível para já dar um valor exacto.

Os estragos podem-se agrupar em três ordens. A primeira, a requerer um apoio imediato, é a destruição do recheio de centenas de habitações nas freguesias rurais de Feliteira e Runa e na parte baixa da cidade. A violência das águas e a lama varreram o interior das habitações, deixando muitas pessoas praticamente só com o que tinham vestido. Há cerca de mil pessoas a viverem fora das suas casas. Só não houve mortos porque as inundações aconteceram durante o dia de sábado. A água chegou à altura de três metros em alguns locais. A cidade sofreu as maiores cheias dos últimos cem anos. Ficámos isolados e só no domingo à tarde conseguimos comunicar telefonicamente com Lisboa. Ficámos sem energia eléctrica e nem um geradorzinho há. Nesse momento, ainda estamos sem luz e sem água já que as captações foram inundadas e a bombagem é feita por energia eléctrica.

Na segunda ordem de estragos encontram-se as unidades comerciais e industriais. Há fábricas, oficinas, armazéns, estabelecimentos diversos gravemente atingidos. Na fábrica do Hipólito por exemplo (1100 postos de trabalho) os prejuízos directos são da ordem dos 200 mil contos.

Na terceira ordem de danos integramos os prejuízos públicos: temos ruas esventradas, passeios e pontões destruídos, e diversas estradas ficaram obstruídas. O que vai envolver mais custos para além das estradas é a reconstrução de três pontes, e das Figueiras, da Colaria e do Moinho do Rato que ficaram completamente destruídas.

PCP propôs Comissão de Apoio às vítimas das cheias

O Partido Comunista Português propôs ontem na Assembleia da República a criação de uma «Comissão Eventual de Solidariedade e Apoio às Vítimas das Cheias e Temporais». A iniciativa do PCP foi consubstanciada pela apresentação de uma proposta de resolução que deu entrada na mesa da AR e que será oportunamente agendada. O debate em curso, sobre o Orçamento do Estado e sobre as Grandes Opções do Plano, prolongar-se-á até ao fim desta semana pelo que a proposta não será discutida nos próximos dias.

De acordo com os subscritores do documento, designadamente Silva Graça e Anselmo Anibal, a comissão será constituída e funcionará nos termos aplicáveis da Constituição e do Regimento da Assembleia da República. Os seus objectivos residem no estudo, proposta e acompanhamento, em colaboração com o Governo e as autarquias, das «medidas adequadas à reparação e atenuação dos danos» causados pelas cheias. A comissão deverá igualmente estudar as medidas, nomeadamente legislativas, a adoptar com vista a «prevenir e enfrentar as consequências inerentes a quedas

pluviais anormais e outros cataclismos».

Que medidas vai tomar o Governo?

Já no período de debate do Orçamento do Estado, o deputado Silva Graça voltou aos problemas criados pelas inundações interrogando Ernâni Lopes sobre as «formas, montantes, critérios e prioridades» que o Governo vai adoptar para acorrer às autarquias atingidas pelos temporais. Silva Graça quis saber se o Governo vai aplicar o Número 2 do Artigo 16 da Lei das Finanças Locais que obriga o Governo a estabelecer, por decreto, as verbas atribuídas (sob a forma de subsídios) às autarquias atingidas por calamidades públicas.

A resposta de Ernâni Lopes foi a seguinte: «O Governo continuará a enfrentar a situação com as medidas necessárias para assegurar a recuperação dos bens». Sobre a natureza dessas medidas e sobre a aplicação da Lei das Finanças Locais o ministro das Finanças não disse nem uma palavra. Quanto a este último ponto, Lei das Finanças Locais, sublinhe-se que não é por acaso que o Governo não declarou a situação de «calamidade pública»...



A recuperação vai ser lenta e difícil

MMA

AVISO

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

AGÊNCIA DE CASCAIS

Avisam-se todos os nossos Estimados Clientes, que por motivo das inundações, a nossa agência funcionará em instalações provisórias na:

Rua Manuel Joaquim Avelar, 17-B/C

Telefones: 2868755/2867454/2868592



Forças políticas falam das cheias

PS elogia, PCP e UDP criticam

Partidos e organizações sindicais continuam a manifestar-se sobre as consequências das cheias sobre as populações da zona da Grande Lisboa. Provas de solidariedade, apelos, sugestões, críticas — de tudo um pouco nos comunicados que chegam à nossa Redacção.

A Comissão Permanente do PS (desconhece-se quando foi eleita), lê-se num comunicado emitido pelo Gabinete de Imprensa socialista, para além de lamentar a perda de vidas e de bens «considera que a situação ocorrida reflecte largamente os erros acumulados ao longo de muitas décadas, pela ausência de adequadas formas de planeamento urbanístico e consequente rede de infra-estruturas de saneamento básico e de equipamentos sociais e viários pela permissividade consentida no que se refere à implementação de áreas de habitação e pela própria degradação do parque habitacional».

O comunicado do PS regista também «a forma expedita» como o governo, em articulação com o Serviço Nacional de Protecção Civil, bombeiros, forças de segurança e autarcas, «soube montar, em tempo recorde, um plano concertado de combate aos efeitos da intempérie».

O PCP através de um comunicado sugere como medida impe-

riosa que as autarquias das zonas atingidas sejam dotadas extraordinariamente pelo Governo de meios técnicos e recursos financeiros indispensáveis para poderem dar resposta às novas necessidades e maiores responsabilidades criadas pelos gravíssimos problemas decorrentes do temporal».

A nota do PCP salienta que seria «inadmissível e intolerável que, como aconteceu após anteriores calamidades, as entidades oficiais e, designadamente os departamentos governamentais, arastassem durante meses e meses a adopção das medidas essenciais para a reparação dos prejuízos e para a solução dos problemas das populações atingidas».

Também a UDP emitiu um comunicado sobre o assunto afirmando que a situação provocada pelas inundações se deve não tanto às grandes chuvas, mas à «incompetência, incapacidade, imprevidência e corrupção de uma política ao serviço dos capitalistas e dos imperialistas».

A UDP exige do Governo o «alojamento imediato das famílias afectadas, a garantia de habitação condigna e uma indemnização dasperdas dos haveres pessoais e dos prejuízos sofridos pelos pequenos agricultores comerciantes e industriais».

CGTP/IN: verba específica no OE

A CGTP-IN propôs ontem que, estando em discussão o Orçamento do Estado, seja nele incluído um dispositivo de apoio às vítimas das cheias. A proposta consta de um comunicado em que aquela central sindical exorta todas as organizações sindicais e activistas a uma participação solidária e activa de socorro às populações, em estreita cooperação com as estruturas do poder autárquico.

Considerando que as vítimas desta calamidade natural são em geral as camadas mais desfavorecidas da população, a CGTP-IN interroga-se: «Será que o dr. Mário Soares, Mota Pinto e o seu Governo ainda irão ter a coragem de roubar a estes milhares de pessoas a quem em muitos casos apenas restam como haveres as roupas que têm no corpo, os 28% dos seus subsídios de Natal?»

UGT: disponibilidade

A UGT manifestou, ontem, a sua disponibilidade para, em conjunto com as autoridades competentes, colaborar activamente na ajuda a todas as vítimas das inundações.

Em comunicado, a UGT exige do Governo e das autoridades

autárquicas medidas que minimizem os nefastos efeitos das populações atingidas pelas cheias. No documento consta também um apelo a todos os seus sindicatos para que, na medida das suas possibilidades, ajudem por todos os meios ao seu alcance as autarquias afectadas.

Entretanto, o Sindicato das Telecomunicações (Sintel) anuncia que a luta dos trabalhadores dos CTT pela actualização das ajudas de custo fica temporariamente suspensa nas zonas afectadas pelas inundações.

O Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, Comércio e Serviços (Site) e a Fesete também se manifestaram sobre a situação, apelando ao Governo e às autarquias para que aproveitem a oportunidade para qualificar e quantificar as causas que agravam as consequências das cheias.

A Internacional do Serviço Público (ISP) lamentou ontem a trágica perda de vidas nas inundações e manifestou a sua solidariedade para com as famílias das vítimas e as populações atingidas pela catástrofe.

A ISP, que reúne os Sindicatos da Administração Pública de todo o Mundo, manifestou ainda a sua intenção de enviar esforços no sentido de contribuir para a reparação dos danos provocados pelas cheias.

Medidas de higiene sugeridas pelo Ministério da Saúde

Face à situação criada pelas inundações ocorridas na área da Grande Lisboa, o Ministério da Saúde recomenda as seguintes medidas higiénicas:

- Ferver a água para beber.
- Ingerir alimentos bem cozinhados.
- Desinfectar os alimentos crus (saladas e frutos) em

água, pelo menos durante meia hora, utilizando três gotas de lexívia por litro.

• Cuidados de higiene pessoal, particularmente a lavagem das mãos antes de mexer em alimentos.

Tratam-se de medidas preventivas tomadas em articulação com o Serviço Nacional de Protecção Civil.

De comboio para o Porto: embarque é na Azambuja

Segundo as Informações Públicas da CP, os comboios da linha do Norte, vão, por via única, até à estação da Póvoa, não havendo circulação ferroviária entre Sacavém e Azambuja.

Desta última estação, parte-se presentemente para o Porto, e os

comboios procedentes desta cidade com destino a Lisboa têm ali o seu ponto de paragem.

Quanto à linha do Oeste, não há circulação entre o Cacém e Torres Vedras.

Relativamente às linhas de Sintra e Cascais, encontra-se normalizada a circulação ferroviária.

Auxílio espanhol chega hoje

Uma primeira ajuda espanhola às vítimas das inundações do fim-de-semana em Lisboa seguiu ontem de comboio para a capital portuguesa — informaram à Anop fontes da Cruz Vermelha em Madrid.

A primeira remessa de alimentos e roupas enviadas para Lisboa no «Lusitânia Expresso» tem o valor de cinco milhões de pese-

tas, compartilhado pela Cruz Vermelha Espanhola e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A ajuda consiste em 1500 mantas de lã, 450 latas de carne em conserva, 250 quilos de leite em pó (equivalente a 2500 litros), 350 quilos de açúcar, mil quilos de arroz, dois mil quilos de farinha, 500 sacos-cama e 150 colchões pneumáticos.

**PELA NEGOCIAÇÃO DOS SALÁRIOS PARA 84
PELO DIREITO À NEGOCIAÇÃO COLECTIVA
CONTRA O PROJECTO DE IMPOSIÇÃO
CONTRA O ROUBO DO 13.º MÊS
CONTRA A TRANSFERÊNCIA DOS PROFESSORES DO
ENSINO BÁSICO PARA AS AUTARQUIAS
MAIS VERBAS PARA A EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO: UM DIREITO NÃO UM PRIVILÉGIO**

MANIF

24 Nov. 18.30

M. Pombal - S. Bento

SPGL SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

AS ESCOLAS DEVEM LEVAR PANOS COM AS PALAVRAS DE ORDEM

OS PROFESSORES CONCENTRAM-SE NO CRUZAMENTO COM R. BRAAMCAMP



**CÂMARA MUNICIPAL
DE ALCÁCER DO SAL**

AVISO

Concurso para architectos

Conforme deliberação de 9-11-83, pretende esta Câmara admitir dois architectos por contrato, pelo período de 6 meses renovável, para os Serviços de Urbanismo Equipamento e Habitação, com admissão imediata.

PRETENDE-SE:

- Experiência de projecto e acompanhamento em obra
- Facilidade de relacionamento

OFERECE-SE:

- Transporte diário entre Alcácer do Sal e Lisboa
- Vencimento de acordo com o currículo apresentado

Os candidatos deverão entregar na secretaria da Câmara os seus dados e currículo detalhado até ao dia 5 de Dezembro de 1983.

Alcácer do Sal, 16 de Novembro de 1983

O presidente da Câmara,
Arlindo da Conceição de Passos



Cimeira de Atenas fundamental para Portugal

Integração europeia dependente da vontade política dos Dez

Portugal está preparado em termos políticos, para concluir as negociações de adesão à CEE — elas dependem agora da vontade política da Comunidade — afirmou ontem António Marta, presidente da Comissão para a Integração Europeia.

António Marta falava no início do ciclo de conferências sobre «Problemas recíprocos da integração da economia portuguesa na CEE», que até ao dia 25 decorrerá no Instituto Superior de Economia de Lisboa.

António Marta fez uma abordagem, em termos globais, da situação em que se encontra o processo de adesão portuguesa ao Mercado Comum, no âmbito do actual enquadramento sociopolítico e económico europeu apontando os principais obstáculos e perspectivas.

Entre os aspectos apresentados como adversos ao processo de adesão em termos de conjuntura socioeconómica, contam-se o facto das negociações portuguesas e espanholas estarem a decorrer em paralelo, e os precedentes que a adesão da Grécia originou.

Neste momento — segundo António Marta — de 15 capítulos problemáticos a negociar, 12 encontram-se já concluídos, havendo apenas alguns onde será preciso obter-se um consenso em aspectos específicos.

Três capítulos estão ainda em aberto, nomeadamente os da agricultura, pesca e assuntos sociais.

Referiu, porém, não estarem ainda incluídos nos capítulos negociados as questões institucionais e orçamentais levantadas pela adesão.

O presidente da CIE especificou as principais questões que se preparam com cada um dos capítulos a negociar com a CEE, bem como os principais obstáculos colocados pela Comunidade.

Finalmente, ao historiar o que tem sido as negociações ao longo dos três últimos anos, António Marta referiu as esperanças que a parte negociadora portuguesa

depositava na cimeira de Atenas, onde não foi possível atingir-se uma posição comum, devido a uma «confusão generalizada relativamente à reforma financeira da CEE».

A esperança, contudo, mantém-se porque a não convergência é redundária em custos tremendos, estando demasiados interesses em jogo — opinou.

Papandreou prepara Cimeira de Atenas

O primeiro-ministro grego e presidente em exercício da CEE, Andreas Papandreou, segue hoje para Paris, e, mais tarde, para Bruxelas e Bona, no quadro da preparação da Cimeira Europeia, que deve ter lugar de 4 a 6 de Dezembro próximo em Atenas.

Numa altura em que faltam menos de duas semanas para a reunião decisiva da capital grega, os grandes problemas que os chefes de Estado e de governo da CEE apreciação cotinuum por resolver. Em Atenas, indica-se que a presidência grega da Comunidade tentará estabelecer até essa altura um compromisso tanto sobre a reforma do financiamento da CEE como no que diz respeito aos problemas da contribuição britânica, do alargamento a Portugal e Espanha e da reforma da política agrícola comum.

A questão das quotas de exportação de têxteis

Entretanto o ministro português do Comércio e Turismo encontra-se desde ontem em Bruxelas, para debater, com dirigentes da

CEE, a possibilidade de aumentar as quotas de exportação de têxteis portugueses ainda este ano.

Álvaro Barreto disse à ANOP que deverá reunir-se hoje com os vice-presidentes da Comissão Europeia, Lorenzo Natali e Etienne Davignon, regressando a Lisboa no próprio dia.

Portugal negociou com a CEE, em 1982, um acordo de autolimitação das exportações de têxteis, para vigorar até à data da adesão, que na altura se previa fosse 1 de Janeiro de 1984.

Em virtude dos atrasos verificados no processo de integração europeia este acordo passou a ficar desactualizado, na opinião das autoridades portuguesas, que pretendem a sua revisão.

Por outro lado passou a ficar desactualizado, na opinião das autoridades portuguesas, que pretendem a sua revisão.

Por outro lado, as quotas de exportação de determinados produtos têxteis para este ano já foram largamente excedidas, nomeadamente em roupas de cama e camisas, pelo que é fundamental para a indústria a sua revisão, para que as empresas possam continuar a exportar até ao fim do ano.

Álvaro Barreto disse que tem existido receptividade para o problema da parte dos países da Comunidade já contactados.

O próprio ministro do Comércio e Turismo deslocou-se, recentemente, à República Federal da Alemanha e o ministro da Indústria e Energia foi a Londres, para sensibilizarem as autoridades destes países para o problema da indústria têxtil portuguesa.

Álvaro Barreto disse que encara com optimismo a possibilidade de revisão das quotas de exportação para este ano.

Também o presidente do Instituto dos Têxteis, Bartolomeu Monteiro tem mantido contactos com os países comunitários para conseguir uma revisão das quotas deste ano em tempo útil para a indústria.

Desempregados na CEE já são mais de 12 milhões

O número de desempregados na CEE, que em fins de Setembro ultrapassou a barra dos 12 milhões, atingia 12,1 milhões em fins de Outubro, segundo estatísticas comunitárias ontem publicadas em Bruxelas.

A taxa de desemprego em relação à população activa passou, assim, de 10,1 por cento em Agosto para 10,4 em Setembro e 10,5 em Outubro.

O aumento do desemprego em Setembro deve-se à entrada o mercado de trabalho de muitos jovens chegados ao fim dos seus estudos, especialmente em França e no Reino Unido.

Entre Agosto e Setembro o desemprego aumentou 7,9 por cento em França, e 5,2 por cento no Reino Unido. Para os jovens de menos de 25 anos as mesmas estatísticas indicam um aumento de 16,3 e de 120

por cento nos dois países respectivamente.

No entanto, em dados corrigidos tendo em conta as variações sazonais, as estatísticas revelam uma estabilização do mercado do trabalho. Com efeito, o desemprego total não variou desde há seis meses. Pelo contrário, baixou ligeiramente entre os homens ao passo que se desenvolvia entre as mulheres.

Os dados do desemprego nos países da CEE para o mês de Outubro, tendo entre parêntesis as percentagens correspondentes, são as seguintes: RFA, 2 147 000 (8 por cento); França, 2 165 000 (9,5); Itália, 2 740 000 (12,1); Holanda, 827 000 (14,8); Bélgica, 625 700 (15,3); Luxemburgo, 2703 (1,7); Reino Unido, 3 094 000 (11,9); Irlanda, 196 300 (15,5); Dinamarca, 259 000 (9,7).

Governo e comerciantes discutem o futuro

Dirigentes das 120 associações de comerciantes do país directa ou indirectamente filiadas na Confederação do Comércio, em representação de cerca de 200 mil empresas comerciais, vão reunir-se no próximo sábado, dia 26, em Lisboa, com o ministro do Comércio e Turismo e os secretários de Estado do Comércio Interno e do Comércio Externo.

A reunião é promovida pela Confederação do Comércio, com o apoio da Federação do Comércio Retailista e da Federação do Comércio Grossista e, destina-se a proporcionar à equipa do Ministério do Comércio e Turismo o conhecimento dos principais problemas que condicionam o exercício do comércio e afectam a estabilidade e a perdurabilidade da empresa comercial.

URSS encomenda navios

A URSS acaba de celebrar novo contrato com os estaleiros navais de Viana do Castelo onde têm já sido fabricados alguns dos seus navios.

O contrato celebrado pela empresa soviética Sudimport é hoje relevado publicamente em conferência de imprensa marcada para as 16 horas na representação comercial da URSS em Lisboa.

Estaleiros navais de Cabo Verde são hoje inaugurados

Com tecnologia portuguesa

O presidente da República de Cabo Verde e os membros do Governo inaugurarão hoje os estaleiros navais e porto de pesca de São Vicente, o maior empreendimento realizado naquele novo país africano de expressão portuguesa, após a independência.

Produto da tecnologia portuguesa e da cooperação com Portugal o porto e estaleiros navais de São Vicente construídos em 21 meses por um consórcio liderado pela Ilídio Monteiro Construções, Lda. e integrado pela Somec e a empresa estatal cabo-verdiana EMEC.

Com uma área total de 10 000 metros quadrados, os estaleiros navais dispõem de um «slipway» com 130x95 metros, docas secas e duas áreas para a reparação simultânea de seis navios, um cais com 150 metros de muralha e um quebra-mar com cerca de cem metros de extensão.

O consórcio construtor ergueu, ainda, todos os edifícios industriais e administrativos daquela unidade económica, tal como um grande centro médico e as redes de distribuição de água, electricidade, oxigénio, acetileno e ar comprimido.

O valor dos contratos referi-

dos representa uma verba de cerca de dois milhões de contos.

Considerados pelas autoridades locais como decisivos para a economia cabo-verdiana no domínio marítimo, o porto e estaleiros navais de São Vicente estão vocacionados fundamentalmente para a reparação e apoio dos navios pesqueiros de médio calado e cargueiros de alto mar que cruzam intensamente aquela zona do Atlântico Sul.

Tem capacidade para admitir navios até 6500 toneladas e a doca seca tem um calado de seis metros abaixo da baía.

Cooperação da Suécia com S. Tomé e Príncipe

A Suécia colocou à disposição de S. Tomé e Príncipe nove milhões de coroas suecas (145 mil contos), montante destinado a apoiar o processo de desenvolvimento do país, notificou hoje a ANGOP.

Fontes santomenses referem

que a Cooperação com a Suécia responde de «forma exemplar ao princípio de solidariedade entre os povos».

Para além da cooperação inter-Estados, que beneficiou S. Tomé e Príncipe com investimentos que permitiram equipar três centros de saúde, construir e equipar uma

maternidade e apoiar outros sectores sociais e transportes, a Suécia copera ainda com uma organização não-governamental.

Tal organização, a Radda Barner, tem em curso um projecto de assistência materno-infantil para cinco anos.

Marinha Mercante em causa Comércio anglo-português em diálogo no Porto

O secretário de Estado da Marinha Mercante, Almeida Serra, presidiu ontem no Palácio da Bolsa, no Porto, à abertura do seminário sobre «Investimento e comércio europeu: um diálogo anglo-português», promovido pela «City of London».

O secretário de Estado, que representava o ministro do MAR, Carlos Melancia, que não pôde comparecer, teve alguns comentários sobre Marinha Mercante, tema que considerou de reflexão para este seminário.

«Ao longo de décadas, foi vocação do armamento nacional assegurar os fluxos económicos (preferências) com as antigas colónias» — afirmou Almeida Serra, que acrescentou que «o sector foi, por isso, profundamente afectado pelas transformações políticas e socioeconómicas introduzidas pelo regime saído da Revolução de 25 de Abril de 1974».

«Passou, nomeadamente, a estar completamente exposto à concorrência internacional e aos factores, positivos ou negativos, que ocorram na conjuntura mundial, com forte incidência na actividade do 'shipping'» — observou.

Almeida Serra afirmou, depois, que «as empresas armadoras nacionais que se dedicavam aos transportes para os mercados africanos foram forçadas a modificar a sua estratégia comercial, participando mais activamente no abastecimento do consumo interno de grãos secos».

Aquele membro do Governo afirmou também que «se, recentemente, se tem observado uma grande oferta e em condições vantajosas — de navios para afretamento, não se está seguro de que tal tendência se mantenha indefinidamente».

«Em particular — observou — em caso de sério conflito internacional, não se tem a segurança de poder Portugal encontrar oferta a nível suficiente de navios para afretamento, pelo que se poderão suscitar problemas delicados de abastecimento de produtos essenciais.»

«Assim, por razões também políticas, é necessário — segundo o orador — reconstruir uma frota própria, minimamente dimensionada e adequada que assegure o abastecimento dos produtos essenciais ao País.»

O Funchal vai construir silos para cereais

A construção de silos para cereais no Funchal e o funcionamento do IFADAP na Região Autónoma foram antontem discutidos entre o presidente do Governo madeirense e o ministro da Agricultura e Pescas.

No final da reunião com Soares da Costa, Alberto João Jardim disse que «a velha questão da construção dos silos» ficará resolvida, pois «havia um problema de verbas, mas encontrou-se solução para isso».

O presidente do Governo Regional referiu que se tinha acordado a forma de proceder ao plano de adjudicação da obra, que espera ver iniciar-se até final do primeiro trimestre de 1984, prevendo-se que o ministro da Agricultura e Pescas se desloque à Madeira nessa altura.

Alberto João Jardim acrescentou que debaterá com Soares da Costa questões inerentes ao plano de desenvolvimento rural integrado da Madeira, com a colaboração do Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas (IFADAP) e que pode contar com apoios internacionais.

Nesse sentido, disse, deverão em breve deslocar-se técnicos à Madeira, a fim de estudarem as formas de execução do plano.

Companhias de seguros estão reunidas no Algarve

Cerca de 50 delegados de diversas companhias internacionais de seguros de crédito, membros da «Crédit Insurance Association», estão reunidos desde segunda-feira num aldeamento turístico de Armação de Pêra (Algarve).

O encontro é organizado pela Companhia Portuguesa de Seguros de Crédito (COSEC) e visa uma troca de informações e experiências no âmbito das garantias de exportação dos membros que compõem o «ICIA».

A delegação portuguesa é chefiada pelo presidente da COSEC, Alberto Regueira.

A sessão de trabalhos é única e desenrolar-se-á durante todo o dia de hoje.

Com sindicalistas portugueses Socialistas europeus debatem transportes marítimos

Dois representantes portugueses do Sindicato dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante e do Sindicato dos Fogueiros de Terra, Mestranga e Marinhagem participam a partir de hoje em Londres na conferência sobre a situação da indústria de transporte marítimo na Europa.

A conferência que termina amanhã realiza-se no Assembly Hall da Church House e foi aberta esta manhã pelo presidente do grupo parlamentar socialista europeu, Ernest Glinne. A posição-programa da Comissão das Comunidades Europeias para a indústria de transporte marítimo será apresentada na sessão de encerramento desta importante reunião.

Os dois sindicatos portugueses representados em Londres nesta iniciativa do grupo socialista do Parlamento Europeu salientaram que a sua participação se deve à situação actual da nossa indústria de construção e reparação naval e à crise dos transportes marítimos bem como à «vontade expressa de Portugal entrar na CEE».

Equipamentos e peças

As linhas de actuação futuras da indústria de construção de equipamentos e peças de automóveis foram determinadas na Póvoa de Varzim na reunião do comité europeu para o sector. Este comité reúne duas vezes por ano e esta foi a primeira vez que o nosso país foi escolhido para local de realização de uma das suas sessões.

O CLEPA representa actualmente mais de duas mil empresas e cerca de 720 mil postos de trabalho nos nove países membros: RFA, Bélgica, França, Itália, Holanda, Grã-Bretanha, Dinamarca, Espanha e Portugal.

24 horas

Desvio do avião faz sete mortos

Morreram sete pessoas durante uma tentativa de desvio dum avião que se registou recentemente em Tbilissi, soube-se hoje junto da torre de controlo do aeroporto da capital da Geórgia.

Dois piratas do ar, dois passageiros, uma hospedeira, o co-piloto e o mecânico de bordo morreram durante essa tentativa, acrescentou a mesma fonte interrogada pelo telefone a partir de Moscovo.

Os piratas do ar, seis rapazes jovens e três raparigas, tentaram apoderar-se, durante a noite de sexta-feira para sábado passado, de um avião da companhia soviética Aeroflot que estava a fazer a carreira Tbilisso-Batumi-Leninegrado.

Encerrada universidade em Beirute

A Polícia libanesa encerrou a universidade americana de Beirute depois de estudantes falangistas e muçulmanos chitas se terem enfrentado com armas automáticas. O Exército libanês e outras forças de segurança dispararam para o ar a

fim de separar os grupos que se combatiam, enquanto os fuzileiros, que fazem guarda à Embaixada dos Estados Unidos, situada nas proximidades, permaneceram em estado de alerta.

Bomba para Reagan

Uma bomba-relógio fabricada com dois cartuchos de dinamite foi encontrada numa encomenda postal dirigida ao presidente Ronald Reagan, disseram fontes policiais do aeroporto internacional Kennedy. As mesmas fontes afirmaram que a descoberta foi feita por trabalhadores de um serviço de correios do aeroporto.

Neo-nazis detidos na RFA

Quatro jovens neo-nazis com idades entre os 16 e os 21 anos foram presos ontem em Herborn, segundo anunciou a Polícia local. Os quatro jovens reconheceram terem lançado

para dentro de um asilo para refugiados afegãos panfletos com cruzes gamadas, pedindo a partida imediata de todos os estrangeiros da RFA, indicou a Polícia.

CIA acusada pela TASS

A agência soviética TASS acusou ontem indirectamente, a CIA e a «escumalha anticubana» de serem os «verdadeiros assassinos» do presidente Kennedy. Citando a opinião da maioria dos historiadores americanos e de «peritos sempre mais numerosos», a agência considera que John Fitzgerald Kennedy foi «punido pela central de espionagem americana e pela escumalha anticubana por ter permitido o 'vergonhoso fracasso' do acto de pirataria dos Estados Unidos contra Cuba na Baía dos porcos».

Regresso de cosmonautas

Os cosmonautas soviéticos, Alexander Alexandrov e Vladimir Liakhov concluíram o seu voo espacial e estão prestes a regressar à terra, anunciou ontem o centro de direcção de

voos cósmicos. O regresso é possível desde que os dois cosmonautas procederam à passagem da carga da estação Salyut-7 para a nave Soyuz T-9.

SWAPO acusa África do Sul

A Organização do Povo do Sudoeste Africano «SWAPO» denunciou ontem a utilização pela África do Sul de produtos tóxicos para a esterilização de partes do território do norte da Namíbia. Em comunicado citado pela agência angolana «ANGOP», a «SWAPO» diz que as forças sul-africanas «recorreram desesperadamente ao uso de armas que causaram um dano irreparável à ecologia» face aos «sérios golpes» que lhes são infligidos pelos combates da «SWAPO».

Confrontos nas Filipinas

Sete guerrilheiros comunistas e um oficial da Polícia foram mortos no último domingo nas Filipinas, durante um confronto que teve lugar na ilha de Mindanao, anunciou hoje a agência de imprensa «NPA», em Manila. O combate, que du-

rou uma hora, opôs cerca de quarenta membros do «Novo Exército do Povo» (NAP) a uma brigada da Polícia, na cidade de Tago, situada cerca de 800 km a sudeste da capital filipina.

Greve geral na Bolívia

A Bolívia encontrava-se ontem totalmente paralisada devido a uma greve de 24 horas lançada pela Central Operária Boliviana (COB) para protestar contra as recentes medidas económicas tomadas pelo Governo e o aumento sensível do custo de vida, indicam em La Paz. O sector privado associou-se ao movimento iniciado há uma semana na administração e nos transportes públicos.

Greves no Peru

Lima e várias cidades peruanas estiveram privadas de transportes colectivos na segunda-feira devido a uma greve ilimitada encetada pelos motoristas de autocarros, mini-autocarros e táxis.

Cessar-fogo acordado em Tripoli

Marinha israelita «adere» ao bloqueio da cidade

Enquanto ontem à noite era anunciado um acordo de cessar-fogo em Tripoli, os correspondentes na cidade informavam que as tropas dissidentes da OLP, apoiadas pela Síria, se encontravam a 500 metros do bairro onde Arafat tem o seu quartel-general. O líder da OLP afirmou, entretanto, que os «sírios começaram a batalha de Tripoli» e denunciou que as suas forças se encontram cercadas por terra, pelos dissidentes palestinos e as forças sírias e, por mar, pelos israelitas.

Um acordo de cessar-fogo por quatro dias foi ontem à noite realizado em Tripoli, norte do Líbano, segundo indicou a agência nacional de informação libanesa (oficial). A agência não especificou quem decidiu este cessar-fogo, nem se foi aceite pelos beligerantes. No entanto, um porta-voz dos dissidentes palestinos, em Damasco, tinha indicado, ontem à tarde, que estes se tinham comprometido a respeitar um cessar-fogo no norte do Líbano. Entretanto, uma calma quase total reinava na segunda-feira, depois do cair da noite, em Tripoli, que continua cercada por tropas dissidentes palestinas apoiadas pela Síria e pela Líbia.

Durante o dia de ontem, partidários e adversários de Yasser Arafat defrontaram-se com canhões e morteiros dentro da cidade. Segundo os correspondentes no local, os atacantes, que dispõem de artilharia, tanques, morteiros e mísseis, encontram-se apenas a 500 metros do bairro de Zahrie onde está instalado o posto de comando de Arafat.

Recorde-se que, apesar de terem afirmado que não atacariam Tripoli, os dissidentes palestinos passaram à ofensiva contra a cidade, onde 400 mil habitantes se encontram encurralados, após a tomada do campo de Nar El Ba-

red e da neutralização do campo de Badaui.

Entretanto, os combatentes fiéis a Arafat retiraram quase todos para Tripoli onde, em conjunto com os milicianos integralistas, se preparam para travar um combate de rua. Alguns habitantes estavam ontem a carregar, em veículos, alguns haveres para tentarem sair da cidade, cercada a Norte, a Sul e a Leste pelo exército sírio e com a marinha israelita ao largo. Aliás, Arafat diria ontem aos jornalistas que as «suas forças estão a sofrer o assédio conjunto dos sírios e israelitas», dado que ao cerco terrestre de rebeldes palestinos, apoiados por forças sírias, se junta o bloqueio por mar imposto pelos israelitas. O líder da OLP acrescentou que os «israelitas capturaram três barcos, um dos quais com medicamentos e outros com reforços e levaram-nos para Haifa».

Dois movimentos da OLP — a Frente Popular de Georges Habbache e a Frente Democrática de Libertação da Palestina, de Nayef Hawatmeh, anunciaram, entretanto, em Damasco, um plano destinado a pôr termo aos combates do norte do Líbano e a restaurar a unidade palestina. Esse projecto, que coloca como condição expressa que Arafat possa sair são e salvo de Tripoli, prevê diversas medidas para parar os combates e garantir uma aplicação efectiva do cessar-fogo.

A «batalha de Tripoli»

Os «sírios começaram a batalha de Tripoli», declarou ontem Yasser Arafat. O dirigente palestino, que respondia em Tripoli a perguntas de jornalistas, indicou,

por outro lado, que «aceitara três iniciativas para a cessação dos combates, emanados respectivamente do Mufti Sunita, Xeqe Hassan Khaled (a mais alta autoridade da comunidade sunita muçulmana do Líbano), do antigo primeiro-ministro e actual deputado de Tripoli, Rachid Karame, e do secretário-geral da Liga Árabe, Chedli Klibi».

«Não quero conduzir esta cidade ao desastre. Não vou consentir que os sírios se sirvam de mim como pretexto para destruir esta cidade árabe e islâmica. Todavia, estou pronto a combater até ao último shahid (mártir)», disse Arafat, que acrescentou não vislumbrar qualquer solução política para o conflito, uma vez que não tem qualquer contacto com os sírios.

O que dizem os dissidentes

O objectivo dos dissidentes da «FATAH» (principal componente da OLP) consiste em impedir que Yasser Arafat se junte ao processo de paz americano, declarou em Damasco Abu Saleh, um dos principais dirigentes da dissidência, numa entrevista à AFP.

«É preciso impedir que a revolução palestina acabe e que o rei Hussein da Jordânia e Yasser Arafat se juntem ao processo de paz americano, porque (esse processo) vai pôr termo ao direito do povo palestino a ter o seu próprio Estado», afirmou Abu Saleh. «Opomo-nos à política americana no Próximo-Oriente. Combatemos a reacção árabe que apoia uma solução americana na região. Actualmente, Yasser Arafat está na mesma trincheira que os adversários do povo palestino», acrescentou.

Devido aos aumentos de preços na Polónia

Situação sociopolítica preocupa Varsóvia

O poder considera que a situação sociopolítica está «gravemente ameaçada» na Polónia, depois do anúncio dos novos aumentos de preços para o início de 1984, e o general Jaruzelski pediu a todos os órgãos, centrais e regionais, que suspendam qualquer acção impopular, nomeadamente contra a Igreja, indicou à AVP uma fonte oficial altamente colocada que pediu anonimato.

Segundo essa fonte, o general Michal Janiszewski, chefe de gabinete do general Jaruzelski, enviou recentemente a todos os ministros voivodas (governadores de distrito) e presidente das Uniãoes Cooperativas Centrais, instruções ultraconfidenciais nesse sentido.

Essas instruções, precisou a mesma fonte, sublinham que «na sequência da recente publicação

do projecto de aumentos dos preços alimentares e das consultas sociais, notou-se um acréscimo do descontentamento social, que ameaça gravemente a situação sociopolítica». Em consequência, precisa essa fonte oficial muito destacada, o general Jaruzelski, nas instruções transmitidas pelo seu chefe de gabinete, pede a todos os responsáveis a nível ministerial e regional «que evitem durante o período das consultas (até fins de Dezembro) qualquer decisão ou acção política, administrativa, económica, técnica, de propaganda ou de organização susceptível de perturbar a opinião social e de aumentar assim a tensão social política».

Segundo essa fonte oficial altamente colocada, as instruções precisam expressamente que devem ser evitados: «Os aumentos dos preços, a limitação ao abas-

tecimento do mercado e nos serviços públicos, a modificação das condições sociais e de emprego, as medidas disciplinares, os conflitos com a Igreja e todas as declarações terminantes em assuntos impopulares».

Segundo a mesma fonte, as instruções sublinham que essas medidas «não devem apenas ser aplicadas em larga escala, mas também em cada caso individual» susceptível de ter uma repercussão social. «Trata-se, precisamente das instruções, de tender de modo deliberado a amenizar qualquer incidência».

Ao transmitir essas instruções, precisou a mesma fonte, o general Janiszewski sublinhou que «devem ser transmitidas oralmente para a sua realização» e insiste na necessidade de ser «mentido o segredo mais total» sobre o assunto.

Parla a im

O debate parlamentar na Alemanha sobre a instalação de nung (2) e de mísseis de Cruzeiro esperando-se que seja favorável a maioria governamental (cristã-social e liberal) é suficiente para dos partidários da instalação e opõem (sociais democratas e governamental de Bona continuarem a oferecer o aspecto de uma fortaleza com valas e arames farpados. segurança protege também o acas mas não havia esta manhã qu como os que ontem opuseram j fistas às forças de segurança m governamentais e nas ruas de l últimos números, a polícia efectu prisões.

O debate tem prosseguido sem grandes novidades. O discurso mais atentamente seguido foi o do ex-chanceler Helmut Schmidt, o qual defendeu a instalação dos mísseis, mas declarou que, por disciplina partidária, votará com o SPD. O discurso de Schmidt, cuja posição pessoal é extremamente delicada, uma vez que foi ele o dirigente ocidental que propôs a instalação dos novos mísseis norte-americanos, foi dominado pela tónica antimísseis e por críticas às duas «superpotências» e ao governo Kohl. Um dos aspectos mais destacados do discurso foi a acusação feita por Schmidt aos dirigentes de Washington, segundo a qual os EUA não consultam os seus aliados. E exemplificou: no denominado «compromisso dos bosques» havia-se chegado, a nível de negociações, uma fórmula que Schmidt classificou de «ocasião histórica perdida». Tanto os EUA como a URSS rejeitaram oficialmente essa solução. Schmidt acusou os EUA de nada lhe terem dito nem antes nem depois, e, no entanto, ele ainda permaneceu dez semanas no governo. Assim, os EUA negociam com a URSS e, sem fazerem quaisquer consultas aos países que irão receber os mísseis e que ficarão ameaçados de extinção, decide, só por si, aquilo que irão fazer. Schmidt, por fim, disse compreender o movimento pacifista, cujos temores têm razão de ser num país como a RFA superpovoado e cheio de unidades militares, muitas das quais sob co-

Schaebish Gmuend — velha cidade do império do Baden-Wurtemberg — segue, na calma, o debate extraordinário do «Bundestag» sobre os mísseis da NATO: é nela que será estacionada a primeira bateria de nove mísseis «Pershing II» em condições de atingir a URSS, nas «Bismark Kaserne» e «Hardt Kaserne» americanas da cidade.

«Esperamos os mísseis em qualquer altura», diz Elmar Hagele, o porta-voz dos «Verdes». «Não, não prevemos grandes manifestações. As pessoas estão cansadas, desencorajadas. A população está habituada, já há 20 anos que eles tem 36 «Pershing I» (700 km de alcance). Sessenta por cento das pessoas votam cristão-democrata. Há 60 por cento de católicos e 40 de protestantes, um terço são refugiados que chegaram depois da guerra da Checoslo-

QUADROS

A ÓLEO

TEMOS ENORME VARIEDADE; PAISAGENS, FLORES, NATURÉZAS MORTAS, FIGURATIVOS, ETC.

GALERIA

ACTUAL

AV. DA REPÚBLICA, 12 (PERTO DO SALDANHA)

Impossível dialogar com a UNITA

— afirmou o presidente da RPA à «Afrique-Asie»

O presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, afirmou, em entrevista à revista «Afrique-Asie», não haver qualquer base, do ponto de vista político e jurídico para negociações entre o MPLA — Partido do Trabalho e o grupo fantoche, complemento do Exército racista de Pretória, nas suas agressões contra Angola».

O presidente refere-se, obviamente, os terroristas da UNITA, que acusa de terem sido, no pas-

sado, um instrumento do colonialismo português.

«O MPLA não pode dialogar, discutir com agentes do regime sul-africano, opressor de mais de vinte milhões de negros. Não pode dialogar com declarados inimigos de Angola que todos os dias estão a destruir os bens do povo, estão a roubar os bens do povo e que, em suma, complementam todo o esforço da África do Sul e do imperialismo, com o objectivo de impedir que Angola avance rapidamente na via da

reconstrução económica e social e resolva os problemas das massas «trabalhadoras».

O presidente da RPA indicou claramente que «contra os inimigos do povo há luta».

Na entrevista que concedeu à «Afrique-Asie», José Eduardo dos Santos disse ainda que a África do Sul nunca esteve sozinha. Teve sempre o apoio de certos países ocidentais que fazem parte do «Grupo de Contacto» (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, República, Federal

Alemanha e Canadá) que diz participar na procura de uma solução para a independência da Namíbia.

O presidente angolano, referindo-se à presença de tropas internacionais, uma presença que os círculos imperialistas continuam a questionar, disse que «o imperialismo tem receio de que Angola se torne, de facto, num país independente e soberano e realize plenamente o seu programa económico e social».

Schmidt acusa: "EUA não consultam europeus"

Parlamento de Bona aprova hoje instalação dos "euromísseis"

Parlamento da República Federal de Bona aprova hoje a instalação dos novos mísseis Pershing. O presidente da República, Franz-Jochen Vogel, afirmou que a URSS não detém o monopólio dos mísseis de médio alcance, visto que os mísseis britânicos e franceses, que Moscou pretende ver incluídos também são da NATO. Vogel acusou os EUA de falta de flexibilidade e o chanceler Kohl, de ignorar o compromisso de não instalar os novos mísseis.



«Nunca fui consultado pelos EUA», queixou-se Helmut Schmidt

Moscou. Kohl defendeu a continuação das conversações de Gena mesmo depois da instalação dos «euromísseis». Por fim, Kohl declarou que a NATO está disposta a retirar os novos mísseis, desde que Moscovo decida também desarmar-se. O ministro liberal dos Negócios Estrangeiros, HANS Dietrich Genscher, repetiu as alegações de Kohl e acusou SPD de encorajaria a URSS a prosseguir o seu rearmamento.

Respondendo às objeções dos social-democratas para os uais é necessário substituir a estratégia do desarmamento por uma nova estratégia global que combine elementos económicos, sociais e psicológicos, Genscher sublinhou a importância da dissuasão ue —disse— impediu e continuará a impedir o eclodir de uma guerra na Europa».

Reacções

O debate no Bundestag tem estado a ser seguido muito atentamente, embora desde o início se previsse que não traria quaisquer surpresas. O jornal «Sovietskaja Rossia» adverte o governo de Bona contra a instalação dos novos mísseis e diz ter esperança que no último momento os deputados mudem o voto e percebam que a geografia política do país se alterou havendo uma «maioria silenciosa» no país contra os euromísseis. O jornal acusa a RFA de violar os tratados de Moscovo e de Berlim com a instalação dos novos mísseis.

A RDA e a Checoslováquia (os dois países socialistas que irão receber mísseis soviéticos) reagiram com extrema violência ao discurso de Kohl, e a agência

checa CTK afirma que este momento é mais grave que o do rearmamento da Alemanha, acrescentando que a transformação da RFA numa base de armas americanas de primeira linha e o levantamento de uma muralha de mísseis na Europa Central ameaçaria ou impossibilitaria mesmo o diálogo e a co-opeção».

Por sua vez, a agência soviética Novosti acusa o chanceler Kohl de estar solidário com «maniacos atômicos» e lembra a existência de um manual de Alemanha editado pelo Pentágono e destinado aos militares dos EUA na RFA no qual se afirma que «a primeira guerra nuclear terá lugar em território alemão e será ganha pelos americanos».

A propaganda

Agora os esforços da propaganda dirigem-se no sentido de minimizar o impacto da instalação dos novos mísseis. O calendário aprovado pela NATO prevê uma primeira instalação de 41, seguida de uma segunda fase de instalação e, quanto aos mísseis de Cruzeiro, a sua implantação poderá ir até 1988. Isto sabe-se desde o princípio. Mas o jornal «The Washington Post» decidiu anunciar que nove meses decorrerão entre a primeira fase da instalação e a segunda, apresentando esse lapso de tempo como uma boa ocasião para que as negociações de Gena prossegam. Acontece, porém, que esse intervalo é conhecido desde o início e tem que ver com problemas técnicos; o fabrico dos próprios mísseis e as obras necessárias nas instalações que irão receber armas na Europa. Por outro lado, também se sabe que entre a instalação de cada míssil e a sua operacionalidade decorre um lapso de tempo, que, para os mísseis de Cruzeiro é um mês. Os Pershing 2 estarão totalmente instalados dentro de dois anos.

Os europeus gostariam de ver deste intervalo anunciado publicamente, na esperança de que a URSS aceda a prosseguir as conversações. Ideia singular esta, porque joga com a premissa de que a URSS desconhece estes pormenores todos, mais que publicados já na imprensa ocidental. Para altos funcionários norte-americanos a URSS sairá das conversações de Gena em meados de Dezembro e depois aceitará incluir a questão dos euromísseis nas

negociações START também em Gena. Trata-se de um pequeno pormenor de raciocínio tipicamente americano e que despreza em absoluto os aliados europeus: na verdade, a questão dos euromísseis foi artificialmente separada das negociações START, por imposição dos aliados europeus dos EUA que pretendiam evitar a instalação dos novos mísseis americanos e, por isso, solicitaram a segunda decisão da NATO (incluída na chamada dupla decisão) negociações à parte sobre armas nucleares de médio alcance. O resultado foi claro: os EUA foram para as negociações, não chegaram a nenhum acordo, e instalaram os novos mísseis...

Enquanto isto, o marechal Ustinov, ministro da Defesa da URSS, escrevia na edição de hoje do jornal «Pravda», órgão do PCUS, que os EUA preparam a guerra no Cosmos e que já funciona um comando destinado a controlar os engenhos cósmicos com fins militares, o que significa na realidade que a corrida aos armamentos entrou numa nova esfera: assiste-se à preparação de uma guerra no espaço cósmico.

Por último, representantes dos pacifistas austríacos entregaram ontem ao governo de Viena uma carta aberta contra a instalação dos euromísseis subscrita por 120 mil pessoas, e na qual se pede que o governo colabore com outros executivos para impedir a instalação dos mísseis como primeiro passo para a desnuclearização do continente europeu.

Pedida a anulação

Um dos candidatos do partido democrático às eleições presidenciais de 1984, o senador Alan Cranston, apelou no sentido da anulação da implantação de mísseis americanos na Europa Ocidental, preconizando, ao mesmo tempo a assinatura de um tratado americano-soviético que leve em linha de conta as forças nucleares francesa e britânica.

Discursando na Universidade Columbia de Nova Iorque, o senador Cranston (Califórnia) propôs que um tratado americano-soviético englobe as forças nucleares francesa e britânica com a contrapartida da destruição de mais de metade dos mísseis soviéticos assentados sobre a Europa Ocidental.

Nas «Weinstube» locais há panfletos pacifistas em cima das mesas, que são pouco lidos, aparentemente, convidando à «resistência activa» e condenando «o Partido Social Democrata, que se quer fazer passar por um grande movimento da Paz mas que recusa a greve dos trabalhadores contra os mísseis».

O major Anthony Maravola, da 56.ª Brigada de Artilharia americana (que controla os mísseis Pershing 1), na «Bismarck Kaserne», onde serão estacionados os primeiros «Pershing II», tem a última palavra: «As nossas relações com a população são excelentes. Muitos dos meus homens casaram com alemãs. Só tivemos três acidentes de camião com «Pershing I» nos últimos anos. Somos profissionais».

Ulster

Partido protestante abandona Assembleia

O Partido Unionista Oficial (UOP), formação protestante, anunciou que se retira da Assembleia da Irlanda do Norte, em comunicado difundido ontem à tarde em Belfast.

O UOP precisa que se retire da Assembleia até que «o Governo confie as suas responsabilidades no domínio da segurança aos nossos cidadãos da Irlanda do Norte e conceda aos seus representantes eleitos os poderes e as responsabilidades essenciais para o restabelecimento da confiança pública nas instituições democráticas».

Os responsáveis do Partido Unionista reuniram-se durante a manhã na sequência do atentado da noite de domingo no Sul da província, que fez três mortos e sete feridos numa igreja protestante.

James Molyneux, líder dos unionistas, afirmou que o atentado de domingo, reivindicado por um grupo desconhecido, mostra «o fracasso do Governo de Londres, que tem a responsabilidade de manter a ordem na região».

Molyneux assinalou que o seu partido se retira da assembleia até que esta disponha de

poder real e da responsabilidade necessária para garantir a segurança dos cidadãos e restabelecer a confiança do povo nas instituições democráticas.

Entretanto a «força de Reacção Católica», que reivindicou o atentado, ameaçou ontem, em novo comunicado, levar a cabo acções ainda mais mortíferas.

O atentado de Darkley «ficará a parecer um piquenique» relativamente às acções que poderão ser empreendidas se continuar a «campanha de assassinatos levada a cabo nos condados de Armagh e de Tyrone desde há dois anos pela Força de Acção Protestante», afirma a «Força de Reacção Católica» (organização desconhecida até agora) neste segundo comunicado à imprensa de Belfast.

Por seu lado, os protestantes extremistas do Ulster ameaçaram que «se defenderão com as suas próprias armas contra os ataques terroristas».

A fúria protestante também não pode fazer fracassar a Assembleia Consultiva Regional dado que o partido maioritário, o Unionista, anunciou hoje a sua retirada deste órgão.

Em Palermo

Guerra entre mafiosos chega a hospital

Um homem suspeito de ligações à Mafia foi assassinado por um comando mafioso num hospital de Palermo onde vigiava a sua mulher doente, na noite de domingo para segunda-feira.

Esta «execução» nocturna marca, na opinião dos investigadores, um reinício da guerra sem piedade entre os clãs «ganhadores» e «perdedores» (em vias de eliminação) no interior da Mafia de Palermo, após um período de relativa acalmia.

Cinco homens mascarados irromperam em plena noite no hos-

pital, neutralizaram o porteiro, tomaram o controlo do hall de entrada e dirigiram-se ao quarto de Natale Badalamenti, no segundo andar. Badalamenti, professor, de 64 anos, foi crivado de balas na cama e teve morte imediata. Os cinco intrusos partiram depois de cortarem os fios do telefone.

Segundo os investigadores, Badalamenti estava ligado a Gaetano Badalamenti, «boss» mafioso da localidade de Cinnisi, que figura em boa posição na relação dita dos «162» chefes da Mafia e traficantes de droga.

À espera dos «Pershing II»

váquia e da RDA. Aqui tem-se medo dos soviéticos e também se receia os mísseis».

Na Câmara Municipal, um velho edifício barroco, situado na «Marktplatz», entre a catedral gótica e a Johannis Kirche romana, Laus Eilhoff, o porta-voz da Câmara CDU, é optimista: «os americanos garantiram-nos que as ogivas atômicas não serão implantadas em segredo na região».

«A situação está calma, não temos aqui agitadores», diz o porta-voz do presidente municipal. Comentando a sondagem efectuada recentemente segundo a qual 64 por cento da população é contra os mísseis e a favor de uma Europa desnuclearizada, o porta-voz minimiza: «isso não nos impressiona. A CDU tem a maioria absoluta aqui. Seja como for, o município não tem competência para as questões de defesa. O Governo do chance-

ler Kohl comprometeu-se a respeito da implantação. Ele respeitará a sua palavra».

O professor de Teologia protestante na «Hochschule» (ensino superior) Kohnlein (que também vota na CDU), comenta: «o problema na RFA é justamente que as pessoas têm apenas uma palavra. Não há unidade moral alemã. As pessoas identificam-se com o SPD, com os «Verdes», com a CDU. É-se fiel. Na CDU, não há um verdadeiro debate sobre os mísseis. É-se fiel. O único verdadeiro problema para os alemães não são os mísseis, são as taxas de juro. Não tenho medo dos soviéticos, mas apenas dos alemães que possam vir a ser um dia seus colaboradores».

«A NATO é uma m...»

Na «Marktplatz», defronte da elegante «Johannis Kirche»,

um pacifista de cabelos brancos suscita as atenções dos burgueses, que quase sempre ficam indiferentes, com um cartaz onde se pode ler: «A NATO é uma m...»

«Ó senhor, você, deve ser um comunista. Deviam ser metidos mísseis em todas as casas», insulta-o um «antigo oficial».

A diatribe prossegue, no meio de um pequeno ajuntamento: «o que é que o «Bundestag» debate hoje em Bona? Os mísseis? O povo não os quer. Despreza-se a vontade do povo. Todas as sondagens mostram isso, desde há meses. Eis uma bela democracia, não há dúvida. Além disso, o que é que esses bonitos mísseis vão defender? Olhai à vossa volta: bancos, lojas, companhias de seguros. Este país já não sabe o que há-de vender e produzir».

INTERLIVRO

Ponto de encontro dos autores com o público

4.ª Feira
23 de Novembro, às 18 h.

Carlos do Carmo
estará presente numa sessão de autógrafos

★
Lançamento do novo LP
«UM HOMEM NO PAÍS»
— na Livraria Interlivro —

Rua Pedro Nunes 9-A Telf. 40605 — 1000 Lisboa
(Metro Picoas)



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o Processo n.º 1/2225, Arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Castro Marim, de uma linha aérea a 15 KV, (15.18.11.3. MALHAO), com 185 m., do poste n.º 13 da linha para Ribeira do Alamo ao PT de Malhão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Novembro de 1983.

P.º ENGENHEIRO DIRECTOR

Joaquim Gonçalves dos Santos



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o Processo n.º 1/1647, Arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de S. Tiago, concelho de Tavira, de uma linha aérea a 30 KV (30-16-18 FADIBRAL) com 344 metros, do poste n.º 9 da linha subestação de Tavira-Subestação de Aldeia Nova, ao posto de transformação da FADIBRAL — Fábrica de Material Didático e Brinquedos, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Novembro de 1983.

P.º ENGENHEIRO DIRECTOR

Joaquim Gonçalves dos Santos



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o Processo n.º 1/1664, Arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Relíquias, concelho de Odemira, de um 2.º troço da linha a 30 KV (30.23.12 Monte Estrada (12.º troço)) para o PT de Monte Estrada, com 4.041 metros do poste n.º 10 da referida linha ao posto de transformação.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Novembro de 1983.

P.º ENGENHEIRO DIRECTOR

Joaquim Gonçalves dos Santos



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1661, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Relíquias, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 30 KV 30.23.12.3 Juncalinho com 569 metros, do poste n.º 28 da linha para o P.T. de Monte Estrada, ao posto de transformação de Juncalinho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 10 DE Novembro de 1983.

P.º ENGENHEIRO DIRECTOR

Joaquim Gonçalves dos Santos



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art. 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1660, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Relíquias, concelho de Odemira, de um novo troço da linha aérea a 30 KV (30.23.12 Monte da Estrada (1.º troço)) para o P.T. de Vale de Ferro com 567 metros, do poste n.º 10 da linha anterior ao posto de transformação de Vale de Ferro, (30.23.12.1 Vale de Ferro) na freguesia de Relíquias, concelho de Odemira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Novembro de 1983.

P.º ENGENHEIRO DIRECTOR

(Joaquim Gonçalves dos Santos)



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENRGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portimão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/1648, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Portimão, de uma nova linha aérea a 15 KV (15.10.01 Júdeice Fialho) para o posto de transformação da Fábrica Júdeice Fialho, com 1136 metros, entre o poste n.º 19 da linha Porto de Lagos-Portimão ao referido P.T.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Novembro de 1983

P.º Engenheiro Director,

Joaquim Gonçalves dos Santos



**MINISTÉRIO DA INÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Tavira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o Processo n.º 1/1631, Arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia de Luz de Tavira, concelho de Tavira, de uma linha aérea a 15 KV (15-82-19 PINHEIRO (PTAS DA FMDF)) com 1.604 metros, do poste n.º 35 da linha Olhão-Tavira, ao posto de transformação do Pinheiro, n.º 45 da Federação de Municípios de Faro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Novembro de 1983.

P.º ENGENHEIRO DIRECTOR

Joaquim Gonçalves dos Santos



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia
ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o Processo n.º 1/1662, Arquivo 3861, para o estabelecimento nas freguesias de Moncarapacho e Fuzeta, concelho de Olhão, de uma nova linha mista a 15 KV (15-82-08-1 FUZETA (PT2)) para o PTS n.º 2 da Fuzeta, com 319 metros (parte aérea com 223 metros, e parte subterrânea com 96 metros) do poste n.º 14 da linha para o PT n.º 1 da Fuzeta ao referido posto de transformação e de seccionamento.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Novembro de 1983.

P.º ENGENHEIRO DIRECTOR

Joaquim Gonçalves dos Santos

**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA
DE BENAVENTE
Processo n.º 111/83 — C.P.**

No dia TRINTA E UM do próximo mês de JANEIRO, pelas DEZ horas, no Tribunal Judicial desta Comarca de Benavente, nos autos de Carta Precatória, vinda do Tribunal de Ovar e extraído dos autos de Execução Sumária, que é exequente Coelho Irmãos, Lda., e executado António Fernando Franganito Crispim, residente no Bairro Clara Passos Esteves n.º 2 — Samora Correia, há-de ser postos em praça pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, 48 pares de sapatos para senhora de vários modelos e marcas, e 27 pares de sandálias para crianças, de vários modelos e marcas.

Benavente, 14 de Novembro de 1983

O Juiz de Direito

Artur Simão Tomás Barateiro

O Escrivão Adjunto

Adelino Manuel Gaspar da Cruz

D.L. — 22/11/83 — 1.ª Publicação

ANÚNCIO

Proc. 1122/82
3.ª Secção

O Doutor FERNANDO AMÂNCIO FERREIRA, Juiz de Direito da 3.ª Secção do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e 3.ª secção correem editos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do executado ANTONIO LUIS DA SILVA VILLAS BOAS, residente na Rua Gonçalves Crespo 40-4.º Dt.ª LISBOA para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária movida por BARBOSA & FRANCO LD.ª com sede na Rua dos Anjos n.º 80-B LISBOA, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.
Lisboa, 16 de Novembro de 1983.

O Juiz,

(a) Fernando Amâncio Ferreira

O Escrivão Adjunto

(a) Sidónio Brissos Pereira Gonçalves

D.L. — 22/11/83
1.ª Publicação

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
5.º JUÍZO**

ANÚNCIO

Por este Tribunal correem editos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando a Ré — MARIA ISABEL ABREU DE OLIVEIRA FEGADO ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua de Santana à Lapa, 2.º andar Direito-n.º 73, nos Autos de Acção Sumária Processo n.º 6882 movidos contra a aludida Ré pela Autora, Maria Celeste Soares Calado Ferreira, residente na Rua Marques da Fronteira, n.º 117, 5.º Esquerdo em Lisboa, para no prazo de DEZ DIAS, findo o prazo dos editos, CONTESTAR, querendo o pedido formulado nos Autos supra indicados sob pena de ser condenada ao pedido tudo como melhor consta de duplicado da petição inicial que se encontra nesta Secretaria à disposição da mesma Ré.

Lisboa, 8 de Novembro de 1983

O Juiz de Direito,

Eduardo Nunes da Silva Baptista

O Escrivão-Adjunto,

Carlos Manuel Baptista

D.L. — 22/11/83 — 1.ª Publicação

**TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE
LISBOA**

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo, 2.ª Secção e nos autos de Execução Ordinária que ANTONIA NAIR MONTEIRO E AZEVEDO E SOUSA, viúva, doméstica, residente na Av.ª João XXI, 14-5.º em Lisboa, e outros na qualidade de herdeiros de Dr. Joaquim Seixas e Sousa, movem contra Justo José Carabalo e Manuel José de Alencastre Carabalo, ausentes em parte incerta, correem editos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o executado Manuel José de Alencastre Carabalo, que teve a última residência conhecida na Urbanização Terplana, Lote 4-1.º B, Rana, Parede, Cascais, para no prazo de dez dias, findo o dos editos, deduzir oposição, pagar aos exequentes, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido aos exequentes esse direito. Proc. n.º 4523.

Lisboa, 7 de Outubro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO,

a) Joaquim Maria Ferreira Pascoal

O ESCRIVÃO ADJUNTO,

b) Joaquim Dias Carvalho

DL — 22-11-83 — 2.ª Publicação

**«PAPELARIA
DÁLIA,
LIMI-TADA»**

Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 2 deste mês, lavrada de fls. 51, verso, a fls. 53, verso, do livro de notas para escrituras diversas n.º 88-C, desta Cartório, a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação em epígrafe, com sede em Lisboa, na Rua dos Sapateiros, n.º 70 e 80, rectificou o artigo 3.º do pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO

O capital social é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, está inteiramente realizado em dinheiro e nos demais valores constantes da escrituração, e divide-se em quatro quotas iguais de cento e vinte e cinco mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios Fernando Albino da Silva, Francisco Maria Jesus Calado e Manuel Bernardino da Costa, e uma em comum e sem determinação de parte ou direito a António Gonçalves Franco, Carlos Cardoso Gonçalves Franco e Edmundo Pereira Cardoso Franco.

ESTÁ CONFORME.

Lisboa e 11.º Cartório Notarial, 4 de Novembro de 1983

O Escriturário Superior

Alcides Manuel Sousa Pita

D.L. — 22/11/1983

**Caminhos de Ferro
Portugueses**

ANÚNCIO

Está aberto concurso público até 5 de Dezembro de 1983, para adjudicação durante o 1.º Trimestre/84 de:

TAMBORES COM ÓLEO QUEIMADO

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidos no departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 LISBOA CODEX, telefones 86 97 60 a 68 ext. 229.

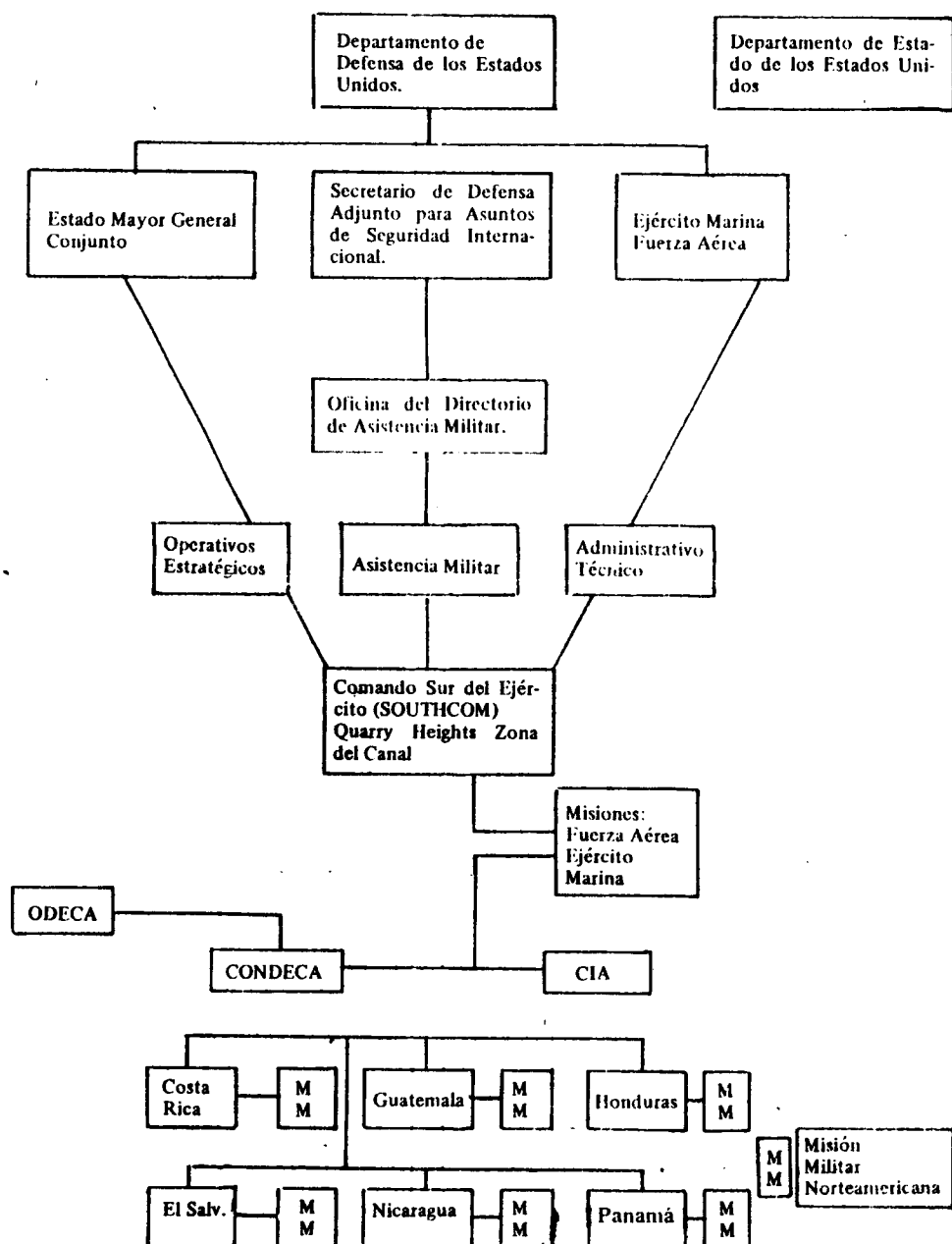
exclusivo

Reagan: um plano de guerra contra Nicarágua e América Central

António Marques (*)

«...Quem estudar a história deste século constata: não há regime democrático que se meta em guerras agressivas...», palavras do general Vernon Walters, ex-subdirector da CIA e actual embaixador itinerante de Ronald Reagan.

CONDECA Y LA INSTITUCION MILITAR NORTEAMERICANA



Fuente: Civil Affairs School, Fort Gordon, Ga., citado por Irving Horowitz, Josué de Castro, y John Gerassi, **Latin American Radicalism**, Nueva York, Random House, 1969, pág. 93.

E STAS declarações foram feitas no nosso país no passado mês de Julho.

Para ironia não é má... só que a realidade da política norte-americana para a região centro-americana demonstra a forma descarada com que senhores, como Vernon Walters, mentem. Vejamos os factos.

A definição da política norte-americana para a região da América Central e Caraíbas remonta já ao século passado, e não é fruto de uma reacção intempestiva da actual Administração, mas a actualização da velha e antiga pretensão expansionista dos capitalistas e políticos norte-americanos que Herman Melville, no século passado, formulou da seguinte maneira:

«Nós, os norte-americanos, somos um povo particular, um povo eleito, o Israel do nosso tempo, levamos a chama da liberdade nas nossas mãos.»

Essa mesma velha ideia de John Adams:

«Os Estados Unidos da América do Norte são um grande designio da Providência, concebidos para iluminar o resto da humanidade.»

Seria, no entanto, a 2 de Dezembro de 1823, que o presidente James Monroe, ao dirigir-se ao Congresso, explicava o sentido de «iluminar o resto da humanidade».

Dizia: «Qualquer tentativa, por parte das potências, em estenderem o seu sistema a qualquer parte do nosso hemisfério, será considerada como uma ameaça à paz e à segurança dos continentes americanos...».

Conclusão, digo eu: Os E.U.A. depois de conseguida a independência política de certos países latino-americanos, reservam para si o direito de «garantir essa independência frente a toda a ameaça extracontinental» e estabelecem «o direito de intervenção nos países latino-americanos se neles virem ameaçada a paz e a segurança» do país...

Será Teodoro Roosevelt quem



dirá «A América para os americanos» (leia-se norte-americanos) e diria ainda em 1904: «Tarde ou cedo é inevitável que os E.U. protejam e regulamentem a vida das repúblicas das Caraíbas...».

As "doutrinas" sempre têm expressado posições políticas em relação a circunstâncias ou aspectos da política externa norte-americana e têm servido para justificar o injustificável: as mais diversas agressões e ações intervencionistas. (Ver cronologia resumida para América Central e Caraíbas).

Passaram anos e chegou Reagan, que disse «os Países da América Central são mais pequenos do que as nações que inspiraram a mensagem do presidente Truman, mas os riscos políticos e estratégicos são os mesmos. Será a nossa resposta económica, social e militar tão apropriada e eficaz como as auidazes soluções do senhor Truman».

A «doutrina Truman» representou desde a sua proclamação, em 12 de Março de 1947, a «guerra fria» no mundo, que tantos efeitos dolorosos provocou, particularmente nos países do Terceiro Mundo.

Para justificar esta política de «guerra fria» e de intervenções militares, recorreram, nessa altura, ao mesmo a que recorre hoje Ronald Reagan. Combater o cada vez mais agressivo comunismo internacional, como dizia o ex-senador William Fulbright, que foi presidente do Comité de Relações Exteriores do senado norte-americano «... mais do que qualquer outro factor, o anticomunismo da «Doutrina Truman» foi o Espírito orientador da política exterior norte-americana, desde a II Guerra Mundial».

Foi sob os princípios dessa doutrina — com a qual Ronald Reagan se identifica — que foram enviadas tropas para intervir na Coreia em 1950, e que se deu a intervenção militar contra o povo da Guatemala, em 1954. Foi revivendo essa doutrina que em Agosto de 1964 o Congresso norte-americano aprovou a famosa resolução do Golfo de Tonkin, e, assim, legalizou a

agressão contra os povos da Indochina:

Vietname, Laos e Kampuchea. Foi na base dessa doutrina que os EUA pretenderam justificar a invasão pelos «marines» em 1965 da República Dominicana, e, em 1966, o início da guerra contra o Vietname.

Richard Nixon dizia, em carta ao «New York Times», em 1970, a propósito da guerra dos E.U.A. contra o povo vietnamita:

...a vitória para o vietcong significaria, em última instância, a destruição da liberdade de expressão para todos os homens e para sempre, não só na Ásia mas também nos E.U.A.).

Foram, por último, os pretextos do sr. Truman, que Ronald Reagan arranjou para invadir, em 24 de Outubro passado, a ilha de Granada.

A segurança nacional dos E.U.A. está em jogo na América Central. Se não nos defendermos ali, não esperamos fazê-lo noutra parte do mundo. A nossa credibilidade podia quebrar-se, tanto como as nossas alianças, e a segurança da nossa pátria ficaria em perigo. Nós temos ali um interesse vital, um dever moral e uma responsabilidade...».

Para estes teóricos da morte os povos não existem quando os seus interesses estão em jogo. As lutas contra a pobreza, a fome, a injustiça e a repressão são analisadas como «intervencões extracontinentais».

Assim, as sucessivas Administrações norte-americanas moldaram as forças armadas da região dentro da sua concepção de segurança nacional. O «poder militar» dos países da região centro-americana está totalmente subordinado à potência hegemônica imperialista norte-americana, de tal maneira que converteram forças armadas da maioria dos países centro-americanos em verdadeiras forças de ocupação do seu próprio país.

(*) Membro do GSAL — Grupo Solidariedade com a América Latina



Julgamento da FP

Dirigentes sindicais são ouvidos esta tarde no Tribunal de Polícia

Os 23 dirigentes sindicais da Função Pública detidos no passado dia 9, quando se encontravam em vigília junto à residência do Primeiro-Ministro, vão ser ouvidos esta tarde no Tribunal de Polícia. O julgamento, inicialmente suspenso até ao passado dia 14, foi adiado para esta tarde, às 14 e 30, devido às contestações apresentadas pela defesa.

A sessão desta tarde estarão presentes, como observadores, outros dirigentes sindicais do sector e um representante da União Internacional dos Sindicatos da Função Pública, Mário Marino.

A defesa dos 23 dirigentes sindicais está a cargo dos advogados João Correia, Eduardo Allen, Manuel Roque, Martins Alves, Ricardo Guedes Costa, Fátima Anjos e Rui Pereira, todos designados pela Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública.

Recorde-se que quando os dirigentes sindicais foram detidos aguardavam, junto da residência oficial de Mário Soares, a resposta a um pedido de audiência formulado há mais de quatro meses, exercendo portanto o seu direito de negocia-

ção colectiva. A reunião solicitada prendia-se com a discussão das principais reivindicações dos trabalhadores, nomeadamente dos salários a vigiar em 1984.

De referir ainda que, há dois anos, outros dirigentes da Função Pública foram absolvidos pelo Tribunal de Polícia, onde foram julgados por também terem realizado uma vigília com idênticos fins junto do Ministério da Reforma Administrativa. Desta sentença recorreu o delegado do Ministério Público, tendo o processo sido posteriormente abrangido por uma amnistia geral.

Segundo um dos advogados de defesa dos réus, a acusação baseia-se numa «reunião ilegal» e desobediência à autoridade quando esta deu ordem aos dirigentes sindicais para dispersarem.

Quanto ao primeiro ponto, os trabalhadores referem que não se tratava de nenhum comício, nem concentração, nem manifestação, mas sim de «uma deputação que aguardava a marcação de uma reunião».

De acordo com a mesma fonte, não houve desobediência à autoridade, por dois moti-



Alguns dos dirigentes sindicais da Função Pública, antes do início da sessão de julgamento do passado dia 10, adiado para hoje

vos: primeiro, porque não houve por parte das forças policiais qualquer ordem no sentido de desmobilizar ou dispersar a vigília; até porque na véspera haviam sido detidos 14 dirigentes por um período de duas horas, tendo sido posteriormente libertados. A própria Polícia, referiu o mesmo informador, chegou à conclusão de que não havia nenhuma razão legal para a detenção dos trabalhadores.

Por outro lado, se existiu uma ordem de dispersão, «essa ordem seria ilegal» por não se tratar de uma concentração, mas sim de uma deputação de dirigentes sindicais.

Entretanto, está marcada para amanhã, às 10 horas, a primeira reunião da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública, estrutura que integra 30 sindicatos e duas federações representativas de traba-

lhadores do sector, com um membro do actual Governo.

A reunião decorrerá no Palácio das Laranjeiras, tendo o secretário de Estado da Administração Pública apenas agenda do projecto do Governo sobre negociação colectiva, já vulgarmente conhecido entre os trabalhadores como o de «imposição colectiva», segundo refere a CNS da Frente Comum.

Sector público indispensável para vencer a crise

— sublinha a coordenadora

A crise resolve-se com «melhor aproveitamento dos recursos nacionais, mais produção e mais investimento» e não com «mais desemprego, menos produção, menor procura, piores condições de vida», afirma a Comissão Coordenadora do Sector Público, Nacionalizado e Participado, que convocou para quinta-feira uma concentração dos trabalhadores do sector, em S. Bento, em frente à Assembleia da República.

A comissão conclui que o sector público «é o motor do desenvolvimento económico nacional» e por esse facto, «só com as empresas nacionalizadas é possível vencer a crise».

A comissão coordenadora, que repudia a política que o Governo pretende prosseguir em 1984, fundamenta o seu parecer com sete razões, a primeira das quais se prende com o facto de ser aquele o sector que detém as principais empresas produtoras de bens e serviços fundamentais para a população e para o País. Inclui neste ponto os transportes, ferroviários, rodoviários e aéreos, a Siderurgia Nacional, a EPAL, a EDP, a banca e os seguros.

Diz ainda a comissão que é o sector público que contribui com

20 por cento de toda a riqueza nacional produzida durante um ano e que realiza cerca de 30 por cento de todo o investimento nacional. Sublinha igualmente que é também o sector público que contribui com importantes somas para o Orçamento do Estado, estando prevista uma contribuição de quase 60 milhões de contos para 1984.

Depois de referir que a política governamental é conduzida no sentido de fazer diminuir o investimento, pondo em risco o desenvolvimento dos grandes projectos nacionais (Plano Siderúrgico Nacional, Alqueva, Pírites, Cobre, etc.), a comissão refere que esta situação «vai obrigar as empresas a aumentarem as dívidas e os encargos financeiros, agravados pela intenção do Governo em restringir o crédito, em aumentar as taxas de juro e continuar a desvalorizar o 4scudo».

O documento emitido pela coordenadora refere que os trabalhadores «têm colocado sempre qual a política e as medidas que consideram mais adequadas e justas para o País», recusando-se a aceitar «a política de recessão, de atraso e de miséria que o Governo leva a cabo».

Plenário descentralizado dos metalúrgicos

Iniciou-se a meio da manhã, em Lisboa, Porto e Famalicão, um plenário nacional descentralizado de dirigentes e delegados sindicais metalúrgicos, promovido pela Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal.

Além da análise da situação político-sindical, os dirigentes sindicais estão a debater-se sobre a situação actual do processo de revisão do CCTV da Metalurgia e Metalomecânica e medidas a tomar.

A Federação recorda que as negociações dessa revisão estão congeladas desde Setembro último «por conluio patronato/Governo». Os traba-

lhadores do sector e os seus representantes sindicais têm desencadeado várias formas de luta pela defesa do direito à contratação colectiva, pelo direito ao trabalho, pelo pagamento dos salários em atraso e contra os despedimentos, tendo realizado uma greve e concentrações na tarde de 22 de Setembro, todo o dia de 23 do mesmo mês, uma vigília de 24 horas de 11 para 12 de Outubro, e greve, concentrações e manifestações em 27 de Outubro.

A Federação dos Metalúrgicos diz ainda que «a luta vai continuar», porque os trabalhadores não abdicarão da defesa dos seus direitos e interesses.

Gelmar

Trabalhadores em luta contra liquidação da empresa

Os trabalhadores da Gelmar concentraram-se junto à secretaria de Estado do Comércio Interno exigindo ser recebidos pelo secretário de Estado.

De acordo com um porta-voz sindical os trabalhadores pretendem a suspensão das execuções judiciais de penhora dos bens da empresa.

Um dirigente do Sindicato do Comércio e Serviços de Lisboa salientou que os trabalhadores pretendem também que aquele membro do Executivo lhes dê conhecimento do plano de viabilização da empresa, que já deveria estar concluído. Por outro lado, exigem o pagamento dos salários, em atraso desde Julho, e a garantia dos postos de trabalho.

Gelmar é uma empresa pública que transforma e congela pescado e outros produtos alimentares e emprega cerca de 700 trabalhadores.

«Boicote patronal» na Corame

A comissão de trabalhadores da Corame acusou a gerência da fábrica e «cancelar uma encomenda que estava em fase de preparação para o fabrico, aconselhando o cliente a colocá-la noutra empresa».

Um porta-voz da CT adiantou que a encomenda cancelada constava de acessórios para comportas de aço inoxidável, no valor de mais de 1700 contos e destinava-se ao cliente francês Beaudrey.

Em comunicado, a CT afirma que «a Corame não tem trabalho devido ao boicote da entidade patronal» que desde 10 de Outubro não vai à empresa e «está a cancelar e recusar encomendas». Acentua que os trabalhadores têm cinco meses de salários em atraso, ascendendo a dívida da empresa ao pessoal a cerca de 20 mil contos.

O documento adianta que a celebração do contrato de viabilização ainda não se concretizou «por a gerência da Corame não querer assumir as suas responsabilidades».

A Corame é uma metalurgia situada em Santa Iria da Azóia e emprega cerca de 180 trabalhadores.

Contratação bloqueada

Exigir o desbloqueamento dos contratos colectivos de trabalho que se encontram «congelados» no Ministério do Trabalho é o principal objectivo dos dirigentes das federações sindicais, afectas à CGTP, que esta tarde se deslocam ao Ministério do Trabalho.

Apesar de imputarem ao Governo a inteira responsabilidade pela situação em que se encontram os cerca de um milhão de trabalhadores abrangidos pelos contratos, os sindicatos pretendem demonstrar, mais uma vez, que procuram «resolver os problemas pela via do diálogo». Outra das preocupações das federações continua a ser os salários em atraso que atingem já mais de 120 mil trabalhadores. Também a resolução deste problema tem sido escamoteada pelo Governo cuja resposta «tem sido o silêncio e a recusa ao diálogo», denunciam os sindicatos.

De entre os mais importantes contratos que se encontram bloqueados destaca-se o da Função Pública, que afecta cerca de 425 mil trabalhadores que não vêem reconhecido o seu direito à negociação; o da metalurgia e metalomecânica que se defronta com a recusa do patronato em negociar tendo o MT dado por terminada a fase de conciliação recusando-se, desde então, a receber os representantes dos trabalhadores; o dos têxteis e vestuário onde não existe negociação desde 1981; os dos sectores das madeiras e químico onde o patronato não quer celebrar o contrato e, finalmente, na Petrogal, CNP e Petroquímica é o Governo que não publica os acordos, apesar de concluídos desde Agosto.

Eleições sindicais

Vão realizar-se amanhã as eleições para os corpos gerentes

do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Açores.

Ao escrutínio apresentam-se duas listas. A «A», apoiada pelos actuais corpos gerentes, integra alguns elementos que foram recentemente presos junto à residência do Primeiro-Ministro e cujo julgamento se inicia hoje, é composta por elementos que vêm trazer à direcção «uma participação criadora, isenta de rotinas». Esta lista propõe-se «dinamizar e reforçar a luta em defesa dos interesses dos trabalhadores da Função Pública».

A lista «B» aponta para a prática de um «sindicalismo revolucionário, democrático e participado, virado para os locais de trabalho que impulse a organização dos trabalhadores, que não abdique da luta por melhores condições de vida. Esta lista apresenta-se muito crítica em relação à actual direcção que qualifica de «impotente» e «desacreditada».

SALÁRIOS ATRASADOS

O movimento sindical das ilhas de S. Miguel e Santa Maria denunciou a existência de salários em atraso em várias empresas dos Açores e o despedimento recente de trabalhadores na região autónoma.

Em conferência de imprensa realizada em Ponta Delgada e destinada a fazer um balanço da jornada de protesto e luta do passado dia 17, representantes de 14 delegações sindicais e quatro sindicatos regionais indicaram que a iniciativa movimentou milhares de trabalhadores.

«Foi a maior acção de massas que se realizou nas ilhas», referiu um dirigente sindical, que indicou também terem-se efectuado por via da jornada trinta plenários em várias empresas das duas ilhas.

Os dirigentes sindicais contestaram, no encontro com os jornalistas, a política laboral dos governos da República e regional, referindo que nem o «lay-off», nem a cobrança do imposto extraordinário de 2,8 por cento resolverão os problemas económicos do País.

Atraso das pensões não pode ser imputado aos trabalhadores do CNP — afirma a CT

«Um autêntico atestado de incompetência aos trabalhadores» é como a CT do Centro Nacional de Pensões classifica as recentes declarações da secretária de Estado da Segurança Social à RTP, sobre o atraso no pagamento das pensões.

O comunicado emitido pela CT refere que aquele membro do Governo tinha «obrigação de conhecer as verdadeiras causas dessa e outras situações» e sublinha que «não se podem imputar responsabilidades aos trabalhadores da CNP pelo facto de haver mais de 40 mil pensões de invalidez à espera há um, dois, três, quatro e cinco anos, de uma junta médica, que não se realiza por falta de médicos ou meios técnicos».

«Não se podem responsabilizar os trabalhadores do CNP — diz a CT — pelo facto de as pensões de velhice ficarem largos meses à espera do envio do extracto de salários dos beneficiários respectivos por parte dos centros regionais, a cujos trabalhadores também não se podem imputar responsabilidades.»

Ainda em relação às declarações da secretária de Estado, a CT da CNP afirma que «se de facto o que se pretende é justificar profundas alterações no Centro Nacional de Pensões, pondo em causa os postos de trabalho dos respectivos trabalhadores, aí teremos que dizer que estes estão atentos e não permitirão serem eles a pagar a inoperância dos responsáveis pela segurança social».

O comunicado da CT protesta ainda contra a aplicação do Imposto Extraordinário, que vai reduzir em 28 por cento o 13.º mês. E acrescenta que aos trabalhadores só resta «lutar para que os próximos aumentos salariais tenham em conta as sucessivas reduções do nosso poder de compra e a que temos sido sujeitos ao longo destes últimos anos».

UGT vai «exigir medidas» para os mineiros

A UGT e o Sindicato das Indústrias Extractivas e Afins vão «exigir ao Governo prioridade no estabelecimento de efectivas medidas de higiene, prevenção e segurança nos locais de trabalho» dos mineiros, «mediante a ratificação das respectivas concepções e recomendações da OIT», diz um comunicado emitido pela União Geral dos Trabalhadores. No caso concreto dos mineiros — refere o documento —, a UGT irá «reivindicar também a adopção da semana de trabalho de 35 horas, bem como um sistema de reformas antecipadas».

O comunicado da UGT refere que «de entre as profissões mais duras e desgastantes salienta a dos mineiros, que no nosso País trabalham por vezes 45 horas debaixo do solo, em condições de verdadeiro atentado à saúde, sem esquecer a falta de segurança e condições de trabalho indignas e sub-humanas existentes ainda em muitas minas do País».

DESPORTO

Desporto: mitos e símbolos

Os últimos serão os primeiros

Manuel Sérgio

O prof. Vitorino Magalhães Godinho, no seu livro «As Ciências Humanas: Ensino Superior e Investigação Científica em Portugal», assevera que a ciência deixou de resumir-se à teoria «do que é dado na percepção sensorial: os dados estão no resultado de uma actividade exploradora e fabricante que atinge o real tanta vez por meios altamente indirectos». Mais adiante, no mesmo livro, reforça a tese antes expressa: «a ciência, hoje, não é apenas epistémica, mas também técnica operatória concreta na transformação do real, porque transformando-o vai criando os seus próprios dados».

Em linguagem mais chã quer dizer o eminente homem de cultura que o traço mais significativo do saber é a prática. Quem não pratica não sabe! No desporto, um ramo do saber como os demais, os seus métodos apontam indisputavelmente para a necessidade de serem os práticos a liderar qualquer trabalho técnico. E o que entendo eu por um prático? Uma inteligência acrítica que vai repetindo, monocórdicamente, o que assimilou da ciência alheia? Não, para mim, o prático é aquele que mais sabe porque mais ouviu, sentiu e sofreu; porque na aprendizagem das técnicas, na vivência íntima dos problemas reais, na troca assídua de opiniões com os investigadores, no dia-a-dia, com os agentes do desporto (os dirigentes, os técnicos, os praticantes, os jornalistas, os investigadores, os árbitros e o próprio público) é mais ágil e seguro do que ninguém, na perspetivação e resolução, actualizadas, dos problemas.

Daqui se infere que o prático necessita do teórico? Indubitavelmente! E o que entendo eu por teórico? Um ruminador de ideias, platonicamente isolado da vida prática? Não, para mim, o teórico é aquele que, através da pesquisa de base, do diálogo interdisciplinar e em íntima conexão com os práticos, forma e robustece a atitude científica, dimensiona a realidade como espaço de criação cultural, problematiza e desfaz as «evidências» do senso comum ou dos dogmáticos, nada aceita que não possa provar-se racionalmente, visiona, valoriza e antecipa uma nova prática. Nesta conformidade e porque a apreensão da totalidade de uma problemática só em equio se consegue, os teóricos e os práticos não-de constituir um todo, caracterizado pelo equilíbrio e complementaridade. Em poucas palavras (e não sei se cabe, neste passo, uma expressão bem filosófica): pela harmonia dos contrários!

Assim, na constituição da Comissão Técnica da FPF, deverão conviver, colaborando, e colaborar, convivendo, os teóricos e os práticos, sob a liderança de um prático que mereça dos seus pares uma observação sólida e transbordante. Conseguirá tudo isto Fernando Cabrita (embora coadjuvado, com carácter de indispensabilidade, pelo Toni, o António Morais e o José Augusto)? É que não vejo outro, ao formular um juízo sereno, para encimar aquela Comissão Técnica! Fez o que mais ninguém conseguiu fazer de há 17 anos a esta parte! Um cidadão de incontestável inteireza moral, símbolo de modestia e de afabilidade, está, hoje, no pódio dos treinadores portugueses! É do Evangelho: os últimos serão os primeiros!

A repetição do Salgueiros-Estoril

O presidente do Salgueiros afirmou que o próximo dia 8 de Dezembro é a data mais provável para a repetição do encontro correspondente à oitava jornada do campeonato nacional de futebol da I divisão contra o Estoril.

Cruz Mesquita disse que a repetição do jogo a 8 de Dezembro, pelas 15 horas, poderá possibilitar uma boa receita pois o encontro Porto-Benfica, da 1.ª mão da Supertaça, se realiza à noite nas Antas.

O encontro Salgueiros-Estoril foi adiado devido às inundações de sábado na região de Lisboa, que cortaram a rede rodoviária e a consequente passagem para o Norte.

No entanto, o árbitro Francisco Silva, de Faro, marcou falta de comparência ao Estoril, no seu relatório, por desconhecer as verdadeiras razões que levaram o clube da Costa do Sol a não se apresentar domingo em Vidal Pinheiro.

O presidente da colectividade de Paranhos afirmou que «o Salgueiros não foi ainda oficialmente informado da ausência do Estoril, pelo que a correspondente falta de comparência marcada pelo árbitro se justifica até ao momento».

No entanto, Cruz Mesquita acrescentou que o Salgueiros «não vai precipitar os acontecimentos, aguardando serenamente o seu desenrolar».

«Só estranhámos um telegrama enviado do Estoril, por volta das 23 horas de sábado onde se podia ler: tememos não poder estar presentes no jogo» — disse Cruz Mesquita.

Walsh: três meses parado

Encontra-se internado desde ontem no Hospital de Santa Maria o dianteiro portista Mike Walsh, vítima de uma fractura no tornozelo direito, durante o treino realizado na última sexta-feira. A princípio, os responsáveis «azuis e brancos» julgavam tratar-se de um caso passageiro, mas o certo é que, passadas algumas horas, o jogador deixou de colocar o pé no chão, visto as dores serem muitas.

Walsh já não foi a Faro e, possivelmente, vai permanecer inactivo durante três meses. Pelo menos é esse, para já, o prognóstico dos dr.ºs Domingos Gomes e Espargueira Mendes, depois de terem observado uma série de radiografias.

Neste momento ainda não se sabe se o atleta será operado, pelo que, por medida de precaução, foi-lhe engessado o pé e perna direita.

Segundo apurámos, a lesão de Walsh foi contraída num lance acidental, mais exactamente quando disputava uma bola de cabeça.



Aspecto de reunião ontem, à «porta fechada», nas instalações do Sporting em Alvalade, entre os representantes da Liga dos Clubes de Futebol Profissional

Sporting: as pazes com a Liga

O Sporting voltou a integrar a Liga dos Clubes de Futebol Profissional, sanado que ficou o incidente criado pela devolução de um cheque de 12 500\$00, entregue há tempos para pagamento da respectiva quotização.

Recorde-se que a direcção do Sporting, agastada pela repercussão (designadamente a reprodução do referido cheque em alguns jornais) que o caso atingiu, abandonara então a liga em sinal de protesto.

Afinal, como parece ter ficado provado, a alegada falta de provisão do cheque ter-se-ia ficado a dever a um mero lapso bancário.

Deste modo, nada mais restaria à direcção do Sporting do que o que efectivamente veio a acontecer: uma comissão delegada da Liga dos Clubes apresentou ontem, numa reunião para o efeito efectuada no Estádio de Alvalade, um pedido formal de desculpas ao Sporting Clube de Portugal, que foram aceites.

A comissão delegada era constituída por Valentim Loureiro (Boavista), Fernando Pedrosa (Vitória de Setúbal), Lito Gomes

(Espinho) e Jorge Anjinho (Académico de Coimbra).

No final da reunião apaziguadora, foi distribuído o seguinte comunicado:

Recebida hoje na sede do Sporting Clube de Portugal, a Comissão Delegada da Liga Portuguesa dos Clubes Profissionais de Futebol, constituída pelos senhores Fernando Pedrosa, dr. Lito Gomes de Almeida, eng. Jorge Anjinho e major Valentim Loureiro, eleito na última assembleia geral com o fim de promover os esclarecimentos necessários junto dos vários clubes membros no sentido de os sensibilizar para a necessidade que há e o dever que todos têm em se empenhar activamente no funcionamento daquele órgão, informa-se:

1.º — A comissão apresentou formalmente à direcção do Sporting Clube de Portugal, especialmente ao seu presidente, senhor João Rocha, aliás na sequência de idêntico procedimento já havido através de carta por parte do presidente da assembleia geral da liga, desculpas formais pelos

problemas havidos há alguns meses com a publicação indevida e reprovável de um documento de foro íntimo da mesma liga.

2.º — A comissão solicitou à direcção do Sporting Clube de Portugal que passasse a reintegrar activamente a liga, retirando o pedido de demissão então apresentado e ainda pendente.

3.º — O Sporting Clube de Portugal e demais membros da direcção estão sensibilizados pela presença e pelos argumentos invocados pela comissão delegada da assembleia geral da liga, tendo prometido debater o assunto numa reunião extraordinária da mesma direcção que se realizará amanhã para apreciação e decisão final, tudo indicando desde já que o Sporting Clube de Portugal vai, de facto, retirar o pedido de demissão passando a reintegrar a liga de forma interessada e activa.

O comunicado é assinado pela comissão delegada da Liga dos Clubes Profissionais de Futebol e pela direcção do Sporting Clube de Portugal.

RTP transmite hoje às 19

Hamburgo-Aberdeen para a «supertaça»

O SV Hamburgo tentará esta noite, no seu terreno, remir-se da sua eliminação da taça da Europa, fazendo um melhor jogo contra os escoceses do FC Aberdeen, em jogo da 2.ª volta da Supertaça, que opõem em cada ano o vencedor da Taça dos Campeões ao vencedor da Taça das Taças do ano precedente.

Os hamburgueses, vencedores da Taça da Europa dos Campeões na época passada, procuram, com efeito, um sucesso internacional.

Eles sabem, contudo, que não terão uma partida fácil contra os escoceses, sobretudo depois do jogo da 1.ª eliminatória em 20 de Dezembro em Aberdeen.

Recorde-se que nenhuma equipa Oeste-alemã, conseguiu ainda ganhar a Taça e o SV Hamburgo, a perdeu em 1977 contra o FC Liverpool.

A composição provável das equipas, é a seguinte: HAMBURGO: Stein — Hieronymus, Wehmeyer, Jakobs e

Groh — Hartwig, Rolf e Magath — Wuttke, Schatzschneider e Von Heesen.

ABERDEEN: Leighton — Cooper, Rougvié, Simpson e McLaish — Miller, Strachan e Hewitt — McGhee, Beel e Weir.

A RTP transmite a partida, a partir das 19 horas, através do 2.º canal.

Futebolista contra ministro

O futebolista internacional chileno Carlos Caszely juntou a sua voz à contestação do povo do Chile ao regime de Pinochet.

Em entrevista ao jornal «El Tercera», de Santiago, Caszely considera legítimos os protestos do povo chileno e refere-se à multipartidária Aliança Democrática como «algo que vai chegar a ser muito bonito».

O futebolista é particularmente crítico para com o ministro do Interior, Sérgio Jarpa, que apelou

na Televisão para que o povo «se arme contra o marxismo-leninismo e contra o comunismo».

Segundo Caszely «isso não existe no Chile», mas sim «o ódio que ele (Jarpa), pode neste momento, estar criando no seio do povo do Chile».

Nacional campeão do Uruguai

O Nacional de Montevideo sagrou-se no domingo virtual campeão de futebol do Uruguai, título que ganha pela vigésima terceira vez.

Com quatro jornadas por jogar, o Nacional, ao vencer na vigésima o Danúbio, por 2-1, ficou com nove pontos de vantagem sobre o Bellavista, segundo classificado.

O Peñarol, que forma com o Nacional a dupla mais famosa do futebol uruguaio, atravessa a maior crise do seu historial, expressa no antepenúltimo lugar que ocupa.

Futebol sem fronteiras

● JESPER OLSEN EM INGLATERRA

O internacional Danois Jesper Olsen, um dos artesãos da alimentação da Inglaterra no Campeonato da Europa das Nações, deixará provavelmente, nos próximos dias, o Ajax de Amsterdão.

O Manchester United e o Tottenham estão, com efeito, interessados no concurso de Olsen no fim desta época. O montante da transferência elevar-se-á a 600 000 libras.

● TOTOCALCIO: OUTRO RECORDE

O «record» das apostas múltiplas do Totocalcio esteve prestes a ser batido, domingo, por ocasião da nona jornada do Campeonato da Itália.

O prémio atingiu os 16 418 600 900 liras. Segundo os observadores, o recorde estabelecido em 13 de Março último foi de 16 454 315 052 liras e deverá descer durante o período das festas do fim do ano.

● NÃO HOUE «CHOQUE»

A substituição brutal de Koldo Aguirre pelo francês Marcel Domingo, na semana passada, no cargo de treinador do Real de Maiorca, não provocou o tradicional «choque psicológico» esperado pelos dirigentes do clube.

Os maiorquinos perderam no seu terreno, por 2/0, domingo com o Real Madrid, estando condenados a descer de Divisão.

● RETIRADA AOS 19

O defesa brasileiro José Augusto Bagatin, de 19 anos, transferido recentemente do Flamengo para o Rio, por 70 000 000 cruzeiros, terá que abandonar o futebol, em virtude de problemas cardíacos. Célio Cotechia, o médico do clube carioca, detectou-lhe uma «deformidade estrutural na parede do ventrículo direito».

Bagatin, alcunhado pelo «El Ghuto», tomou conhecimento do diagnóstico com coragem e diz-se pronto a fazer uma cruz sobre a sua carreira futebolística. «El Ghuto» consagrou-se campeão do mundo de juniores, com o Brasil, em 19 de Junho último, frente à Argentina por 1/0, tendo assistido ao jogo 100 000 espectadores no estádio Azteca, do México.

Ténis: Grande Prémio Volvo

O checoslovaco Lendl, o sueco Wilander e o americano Connors, continuam a ser o trio, à cabeça do Grande Prémio Volvo de Ténis, publicada ontem.

A classificação, em 21 de Novembro, era a seguinte: Individuais/Masculinos:

1) Ivan Lendl (Che.) 2614 pts (14 torneios jogados); 2) Mats Wilander (Sue.) 2501 pts. 17 torneios; 3) Jimmy Connors (EUA) 2355 (15); 4) John McEnroe (EUA) 2.250 (11); 5) Yannick Noah (Fra) 1.682 (11); 6) Jimmy Arias (EUA) 1680 (16).

Pares/Masculinos: 1) P. Fleming/J. McEnroe (EUA) 481 pts (10); 2) A. Jarryd/S. Simonsson (EUA) 390; 3) M. Edmondson (Aust)/Stewart (EUA) 308 (09).

Torneio de Toulouse

O americano Jim Brown venceu o seu compatriota Vince Van Patten, nos oitavos de final da 1.ª eliminatória do Torneio de Toulouse, por 6/2, 6/3.

DESPORTO

ponta esquerda

Pelo País fora

● **FUTEBOL AÇORIANO** — O Águia dos Arrifes continua invicto no comando da classificação do campeonato de S. Miguel de futebol da primeira divisão, após a terceira jornada, disputada domingo.

Os resultados verificados: Operário - Oliveirenses, 4-0; Capelense - Águia, 0-1; Micaelense - União Micaelense, 21-4; Sporting Ideal - Desportivo Vila Franca, 1-1;

Classificação: Águia, 6 pontos, Operário e União Micaelense, 5, Sporting Ideal, 3, Capelense, Desportivo Vila Franca e Oliveirenses, 1 ponto.

O Ribeirinha isolou-se na frente do campeonato de S. Miguel de futebol da segunda divisão.

A terceira jornada forneceu os seguintes resultados: Deportivo S. Roque - Vale Formoso, 2-2; Ribeirinha - União Sportiva, 3-1; União de Nordeste - Marítimo, 2-2; Vasco da Gama - Mira Mar, 0-1.

Classificação: Ribeirinha, 5 pontos, Mira Mar e União de Nordeste, 4, Marítimo e Vale Formoso, 3, Atlético e Vasco da Gama, 2, Desportivo S. Roque e União Sportiva, 0 pontos.

Apesar de derrotado no seu terreno, o Atlético mantém o comando do campeonato de futebol do Faial.

Resultados da terceira jornada, disputada domingo: Atlético - Salão 1-2; Sporting - Flamengos, 0-2;

Classificação: Atlético, 4 pontos, Flamengos e Salão 3, Faial Sport, 2, e Sporting 0 pontos.

O Sport Praiense lidera isolado o campeonato da terceira divisão de futebol, disputadas que estão três jornadas.

Resultados da jornada do fim-de-semana: Vilanovense - Marítimo S. Mateus, 2-0; Praiense - Marítimo, 2-1; Leões - Barreiro, 1-0; Angrense - União, 1-2;

Classificação: Praiense, 6 pontos, União e Vilanovense, 4, Marítimo e Barreiro 3, Marítimo S. Mateus, 2, e Angrense 1 ponto.

● **GUARDA - TÊNIS DE MESA** — O Clube Nacional de Montanhismo promove a 27 de Novembro, no pavilhão do INATEL, na Guarda o primeiro torneio aberto de ténis de mesa da serra da Estrela.

O referido torneio destina-se a todos os praticantes da modalidade da zona centro de Portugal.

● **MATOS VELHOS: NÃO HÁ CROSS** — Ficou adiado, devido às inundações do passado fim-de-semana, o «Cross Internacional» de Matos Velhos (Torres Vedras), que deveria disputar-se no próximo domingo.

● **COVILHÃ-ATLETISMO** — As inscrições para o corta-mato início estão abertas até ao dia 30 de Novembro e nele podem participar todos os atletas com idades superiores a 14 anos.

O corta-mato início disputa-se a 4 de Dezembro, nos terrenos anexos ao Parque Industrial da Covilhã.

Inglese elegem desportistas do ano

Steve Cram, campeão do mundo dos 1500 metros, e Jo Durie, semifinalista dos internacionais de França de ténis em Roland-Garros e dos internacionais dos Estados Unidos, em Flushing Meadows, foram designados desportistas do ano, ontem, pela Associação dos Jornalistas Especializados Inglese.

Cram, invencível esta época nos 1500 metros e na milha, sucede a Daley Thompson, campeão do mundo do decatlo, segundo este ano. Quanto a Durie ganhou por pouco sobre Fátima Whitbread, medalha de prata no dardo nos campeonatos do mundo de atletismo, em Helsinquia.

Para os jornalistas desportivos britânicos, a melhor equipa do ano na Grã-Bretanha foram os patinadores Jayne Torvill e Christopher Dean, campeões do mundo de dança, que ganham o troféu pelo terceiro ano consecutivo.

Ciclismo: o regresso aos 57 anos

Com 57 anos feitos, o espanhol Guillermo Timoner, seis vezes campeão do mundo de meio-fundo nos anos 50, decidiu tentar um regresso à competição ciclista.

Quinze anos depois de se ter retirado da vida desportiva, Timoner assinou, para a época de 1984, um contrato com a equipa espanhola «Teka». Aquele que é considerado como o maior «stayer» de todos os tempos, conta participar no próximo campeonato do mundo em pista, que se disputará em Barcelona.

Mundial de vela na Sardenha

O primeiro campeonato mundial de vela de 12 metros será disputado no próximo ano em Porto Servo (Sardenha) — foi anunciado em Roma.

A nova competição foi organizada pelo príncipe Karim Aga Khan, presidente do «Yacht Club» de Costa Esmeralda e dono de um grande consórcio turístico naquela ilha.

O campeonato terá três fases de qualificação, entre 16 de Setembro e 16 de Outubro, e nele será apresentado um novo tipo de quilha não convencional aprovada em Londres pela Federação Internacional de Vela.

Pugilismo: holandeses conserva o título

O holandês Rudi Koopmans conservou o título de campeão da Europa dos meios-pesados, após derrotar o francês Rufino Angulo, aos pontos, num combate disputado em 12 assaltos, ontem à noite em Paris, no Estádio Pierre de Coubertin.

O combate foi retardado um quarto de hora pelo árbitro inglês John Coyle, em virtude de um espectador ter lançado, para o canto do pugilista holandês, um produto lacrimogénico.

Casa Pia: a festa do jogo com o Benfica

Quarenta e cinco anos depois de se terem defrontado pela última vez, Benfica e Casa Pia voltam a jogar (em 1 de Dezembro) um encontro de futebol a contar para a «Taça de Portugal». O facto ficou a dever-se a uma bolinha que resolveu levar a Pina Manique a prenda antecipada de Natal que, segundo contas já feitas pelos responsáveis casapienses, irá superar os 1500 contos líquidos, se o jogo for disputado no parque do Casa Pia ou bastante mais se o encontro tiver lugar no Estádio da Luz, como é desejo do Casa Pia.

O último jogo realizado entre as duas equipas lisboetas teve lugar na temporada de 1938, no desaparecido campo das Amoreiras, a contar para a então denominada «Liga». O Benfica saiu vencedor pelo expressivo resultado de 10-1, depois de na 1.ª volta os casapienses terem perdido apenas por 1-0, no seu campo do Restelo, pouco acima do Mosteiro dos Jerónimos. Esse jogo ficaria a ser histórico, não pelo resultado em si mas pelo interregno que se seguiria em jogos entre casapienses e benfiquistas, devido à turma dos Jerónimos ter baixado de divisão, e nunca mais ter regressado: actualmente milita na 3.ª divisão.

Em 1938, o Casa Pia alinhou assim: Armando Jorge: Júlio

Costa e Moreira; Costa Santos, António Silva, e Eduardinho; José do Carmo, Fernando Vaz, António da Luiza, Sérgio e Ramos Silva.

Entretanto, os anos passaram, mas a memória dos mais antigos continua bem viva e a ripostar a este «desastre» recordam que nem sempre coisas dessas sucederam ao clube dado que, no primeiro jogo realizado entre os dois conjuntos, a contar para o «Bronze Herculanense dos Santos» (no ano de 1920, dois meses depois de o Casa Pia ter nascido) seriam os «gansos» a bater o então já grande Benfica por 2-1. Nesse jogo, alinhou pelo Casa Pia, a seguinte turma: Ângelo; António Pinho e Gomes dos Santos; José António Almeida (Camone), Cândido de Oliveira e Alberto Nunes; José Maria Graha, António Lopes (o 4010), Silvestre Rosmaninho, Loureiro e Álvaro Graha. No Benfica, jogaram: Manuel Arsénio; José Bastos e Artur Augusto; Fernando de Jesus, Fausto Peres e João Moraes; Herculanense Santos, Joaquim Belford, Pimenta, Jesus Crespo e Alberto Augusto. Os golos foram marcados por António Lopes (2) e Pimenta, pelo Benfica.

Para o primeiro encontro internacional, disputado pela selecção portuguesa, o Casa Pia Atlético Clube deu seis jogado-

res, tendo Portugal perdido fora com a Espanha, por 3-1.

Os casapienses cedidos foram Cândido de Oliveira, António Pinho, José Maria Graha, António Lopes, Ribeiro dos Reis e Vítor Gonçalves. Aliás, este seria um grupo de grandes futebolistas nascidos na Casa Pia de Lisboa a que muitos outros se juntariam pelos tempos fora, como António Roquete, Ricardo Ornelas (que posteriormente se tornaria num dos maiores jornalistas desportivos de sempre) Gustavo Teixeira e António Feliciano entre outros, tendo este último (ao serviço do Belenenses e da selecção nacional) ter sido considerado pelo jornal «L'Equipe» como o melhor defesa central da Europa, na sua época.

Mas os anos passaram, os tempos são outros: e, no dia 1 de Dezembro, por força do destino, benfiquistas e casapienses voltam a defrontar-se, agora em posições bem diversas. O jogo pouca história irá ter pois o resultado (segundo diz o presidente do clube negro, João Lemos) é o que menos irá contar, apesar dos imponderáveis em que o futebol é fértil. Será o recordar dos anos 20 e 30, será o cair de lágrimas de alguns mais saudosistas, mas será, principalmente, o ver-se o Casa Pia, novamente, nas primeiras páginas dos jornais e o

seu nome em grandes títulos.

O jogo, antes de se realizar, já tem algo para contar, porque o dinheiro a arrecadar pelos «gansos», contrariamente ao que sucede em certos clubes, não val para a aquisição de futebolistas. A cobertura do pavilhão gimbodesportivo, mais alguns gabinetes de trabalho sob as bancadas laterais e um parque infantil é o seu caminho são os destinos dessa verba.

Mas se o Benfica prescindisse da sua parte — afirma o presidente casapiense, então não queiram saber o que iria suceder no nosso já bonito estádio: seria o fim do mundo.

Recorde-se que o Casa Pia tem (actualmente) dois mil sócios, a pagarem uma cota de 60 escudos mensais. No clube pratica-se, além de futebol (em todos os escalões etários) ténis de mesa, campismo, caravanismo, pesca, dança e jazz.

A hora é de alegria para todos os casapienses, amantes sinceros do seu clube de sempre, nascido daquela Casa Pia que, para quase todos, foi mãe. Daí a satisfação que a todos contaminou desde o dia em que, num hotel de Lisboa (e graças à tal bolinha) tinha havido um capricho: Benfica e Casa Pia de braço dado na «Taça de Portugal».

Blomqvist continua no comando

Rali da Grã-Bretanha: Mouton abandona

A francesa Michele Mouton abandonou, por acidente, o Rali da Grã-Bretanha, quando se encontrava em segundo lugar na geral.

O acidente, de que resultou a destruição total da parte dianteira do Audi Quatro de Mouton, após sair da estrada, ocorreu num espesso bosque de Middlesborough (norte de Inglaterra).

O sueco Blomqvist, também em Audi Quatro, continua no comando, seguido do seu compatriota Waldeggaard, a mais de seis minutos.

A terceira posição é agora ocupada pelo finlandês Hannu Mikkola.

Este, o virtual campeão do mundo de ralis, recuperou sensacionalmente na madrugada de ontem, saltando do vigésimo sexto lugar, para que fora relegado por um acidente no domingo, que lhe tirou mais de dez minutos.

Blomqvist irresistível

Blomqvist mostra-se irresistível

vel na zona florestal do norte de Inglaterra. Em 17 das 25 provas classificativas, o seu tempo foi o melhor.

Nessa altura do Rali competiam 89 dos 129 pilotos que sábado iniciaram a prova do Real Automóvel Clube (RAC).

Classificação após 25 provas: 1.º Stig Blomqvist, Suécia, Audi Quatro, 3.04,12; 2.º Björn Waldeggaard, Suécia, Toyota, 3.11,23; 3.º Hannu Mikkola, Finlândia, Audi Quatro, 3.11,25; 4.º Jimmy Mcrae, Inglaterra, Opel, 3.13,12; 5.º Russel Brookes, Inglaterra, Vauxhall, 3.13,46.

Política e desporto

A comissão de atletas do Comité Olímpico Internacional (COI) denunciou em Lausana a intromissão repetida da política no mundo do desporto e reivindicou livre participação nas competições olímpicas.

Numa moção intitulada «Os Jogos Olímpicos e a Política», a comissão acentua que «os desportistas desejam na sua grande maioria poder recolher os frutos de seus duros esforços e participar sem estarem submetidos a uma pressão ou a uma influência política mal acolhida».

Aponta o «doping» também como contrário à carta olímpica e recorda que todos os países que disponham de um Comité Olímpico Nacional devem ser convidados para os Jogos Olímpicos pelo comité organizador.

A concluir a moção declara que «nenhuma organização privada ou política, nenhum governo ou indivíduo, devem intervir ou tratar de impedir a participação de um atleta ou de uma equipa, e obstar a organização dos Jogos em geral».

Xadrez: Korchnoi vence Kasparov

Victor Korchnoi, soviético naturalizado suíço, venceu Garry Kasparov, soviético e grande favorito ao triunfo no Torneio de Candidatos ao título mundial de xadrez.

Esta foi a primeira das 12 partidas do match da meia-final que vai opor, em Londres, os dois grandes mestres, Korchnoi, um veterano já derrotado na final pelo campeão Karpov, e Kasparov, um jovem de 20 anos com grandes aspirações ao título.

Korchnoi venceu em 53 lances, jogando com as negras. Kasparov não aproveitou a vantagem de ser o primeiro a jogar e muito cedo sentiu dificuldades no tempo, face aos movimentos rápidos e seguros de Korchnoi.

O vencedor da meia final será o jogador que primeiro totalize seis pontos e meio, nas 12 partidas previstas.

O mestre britânico Nigel Short, 18 anos, ganhou o Torneio Internacional de Xadrez de Baku (Azerbaijão), totalizando 9 pontos em 13 possíveis.

Os soviéticos Aidin Gusseinov e Vladimir Malaniuk classificaram-se em 2.º lugar com 8 pontos, seguidos dos seus compatriotas Mark Taimanov, Vladimir Baguirov e Adian Mikhailchichine (7,5 pontos).

O grande mestre soviético Taimonov declarou-se «fortemente impressionado» com o comportamento de Short: «pela qualidade do seu jogo, Short merece desde já o título de grande mestre e é lamentável que não tenha obtido um número de pontos suficiente para conseguir esse título», afirmou Taimonov. Para obter o título de grande mestre eram necessários 9,5 pontos.

Colectividades

Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora

No âmbito das actividades desportivas desenvolvidas pela Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora, está em formação uma nova secção, ciclismo, para categorias amadoras e populares. Neste momento conta-se já com algumas inscrições de pessoas interessadas em representar a colectividade nas provas a decorrer na próxima época, em particular pelas da Associação de Ciclismo do Sul. Aos interessados: continuam abertas as inscrições.

Odivelas F. Clube

Nos termos da proposta admitida, por maioria, na Assembleia Geral Extraordinária do passado dia 4 foi convocada a Assembleia Geral do Odivelas Futebol Clube a reunir em sessão extraordinária na Sociedade Musical Odivelense (Cinema), na Rua Maria Gomes da Silva Santos, em Odivelas, no próximo dia 25 às 20.30 com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Discussão do 2.º ponto da última Assembleia Geral Extraordinária (Processo de Angariação de Fundos); 2.º Alteração dos artigos 21.º, 27.º e 35.º e respectivos parágrafos dos Estatutos. Não havendo número legal de sócios para deliberar em 1.ª convocação, convoca-se, desde já, a mesma Assembleia Geral para reunir, em 2.ª convocação, no mesmo local e com a mesma Ordem de Trabalhos, uma hora depois, deliberando (então) com qualquer número de sócios presentes.

Associação de Futebol de Lisboa

Ao abrigo do Art.º 23.º do Estatuto da A.F.L., convocam-se os sócios efectivos na plenitude dos direitos associativos e os membros dos órgãos Sociais para a assembleia geral ordinária a realizar no dia 28 pelas 21 horas nas instalações da A.F.L. (na Rua dos Fanqueiros 150 - 2.º Lisboa) com a seguinte ordem de trabalhos: Eleição dos órgãos sociais da A.F.L. para o período que termina no fim da época de 1983/84.

Revista das revistas

Análise Social

Editada pelo Instituto de Ciências Sociais, com o apoio da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e do Instituto Nacional de Investigação Científica, a revista ANÁLISE SOCIAL, dirigida pelo professor Adério Sedas Nunes, no seu N.º 75, referente a Janeiro/Março de 1983, apresenta o seguinte sumário: «Sobre a organização do trabalho intelectual no Portugal de oitocentos», por Maria de Lourdes Lima dos Santos; «Emigrantes em França: o retorno», por Michel Poinard; «Formas de produção e estatutos do trabalho na agricultura portuguesa», por Afonso de Barros e Fernando Ribeiro Mendes;

«A substituição das gerações em Portugal (1930-75)», por Maria da Graça Morais; «Transferência inversa de tecnologia (1)», por Américo Ramos Santos; «A Segunda República Portuguesa em perspectiva histórica» por Manuel Vilaverde Cabral. Na secção de «Bibliografia», notas sobre os livros: «In defense of Politics», de Bernard Crick, «Sociology Reinterpreted - An Essay on Method and Vocation», de Peter L. Berger e Hansfried Velner (Miguel Esteves Cardoso) e «The Industrialisation of Europe, 1760-1970», de Sidney Pollard (Jaime Reis). E a habitual lista de revistas recebidas pelo Instituto de Ciências Sociais.

Vértice

Revista bimestral de Cultura e Arte no seu 43.º ano de publicação, a VÉRTICE, agora sob a direcção de Ivo Cortesão, assessorado por um numeroso grupo redactorial, prossegue a sua actividade cultural. No sumário do N.º 555 (volume XLIII) publica colaboração ensaística de José Oliveira Barata, «A Fábula Histórica no teatro português contemporâneo»; de António Pedro Pita, «Neo-Realismo: Ideologia e Estética»; textos de criação literária de Angel Crespo, Romeu Correia, poemas de Rui Gomes e Alfonso Freire;

na rubrica «Lugares transitivos», Maria José Vitorino Gonçalves trata do «Congresso internacional sobre a situação da Língua Portuguesa no Mundo», Pires Laranjeira escreve sobre «O Reintegracionismo Galego: Reaproximação de Portugal».

Nuno Ribeiro traça um perfil da escritora alemã Anna Seghers, recentemente falecida, José Antunes, Orlando Cardoso, José

Manuel Mendes assinam a «Crítica de Livros» e Jaime Rodrigues Viana uma «Crónica de Lisboa».

Peregrinação

A «Cooperativa Editorial dos Emigrantes» publica a revista trimestral PEREGRINAÇÃO, que não publica matéria publicitária e vive apenas da venda, do apoio e da solidariedade de Portugueses «dispersos em todos os continentes». O director de PEREGRINAÇÃO é José David Rosa; são coordenadores da publicação Fernando Morais, Daniel Lacerda, Manuel da Conceição, Dina Espada; a Redacção e Administração estão instaladas em Baden, Suíça. A revista tem delegações em França, na Alemanha, na Holanda, na África do Sul, nos Estados Unidos da América, na Noruega, na Inglaterra e em Portugal.

O n.º 2, referente a Outubro de 1983, insere textos de Pedro Fagundes (Paris), Manuel Gonçalves (Paris), Eduardo Mayonhe Dias (Los Angeles), Fernando Morais (Paris); crónicas e contos de Fernando Venâncio (Niemmeja), Luís Carmelo (Amsterdão), Urbino de San-Payo (Califórnia), José Brites (Pawtucket); críticas de livros por Urbino de San-Payo, Manuel da Conceição, José Brites, Adelino Cabral; uma apresentação do pintor Manuel Gamba. A parte poética de PEREGRINAÇÃO publica poemas de Inês Sarre, Henrique Madeira, Carlos César, António Topa, Manuel Campos e José Rodrigues Miguéis.

Obra de Amadeo de Souza Cardoso em debate na Gulbenkian

No prosseguimento do ciclo de «conversas sobre Amadeo de Souza Cardoso», que tem estado a realizar-se no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, o pintor Reys Santos abordará o tema «A conversação da pintura de Amadeo e a técnica utilizada pelo artista», na segunda «conversa», marcada para o dia 23 do corrente, às 17.30; no dia 26, à mesma hora, o dr. António Cardoso falará de «Amadeo o primeiro modernista»; e no dia 30, caberá a vez ao dr. Mário Cláudio, que falará da «Biografia e ficção de Amadeo», marcada para as 18 horas, terminando assim tão significativo ciclo de intervenção ao redor da figura e da obra do grande pintor português que foi Amadeo de Souza Cardoso.

Dois concertos do coro e orquestra Gulbenkian

Dois novos concertos da orquestra e coro Gulbenkian vão realizar-se nos dias 24 e 25 do corrente, às 21.30 e às 18.30, no grande auditório da Fundação Gulbenkian, sob a direcção

do maestro Michel Tabachnik e tendo como solista o grande violoncelista húngaro Miklos Perenyi.

Perenyi, dotado de grande talento musical, começou os seus estudos com sete anos de idade na Academia de Música Ferenc Liszt, em Budapeste, onde teve como professor Miklos Zsamboki e depois com Ede Bande. Obteve a classificação máxima em 1960 na Academia de Santa Cecilia, em Roma, tendo recebido um diploma de violoncelista acompanhado de louvor honroso.

Miklos Perenyi tem feito digressões por diversos países europeus, Estados Unidos e União Soviética.

Por outro lado integrado no conjunto das suas actividades culturais, o Museu Gulbenkian promove um novo concerto dominical, que se realiza no Atrio-Biblioteca-Museu, no dia 27 do corrente, ao meio-dia, actuando o octeto Mendelssohn, constituido pelos artistas Luís Manuel Cruz e Cunha, Luís Manuel da Silva Santos, Alexandra Maria Mendes, António Veiga Lopes, Isabel Pimentel, François Paradis, Kennet Frazer e I. Lima.



na noite velha

texto: tim

22

desenhos: Martav



Foi a última vez que vi Julieta. Nessa noite deixou-me aceso por uma vida



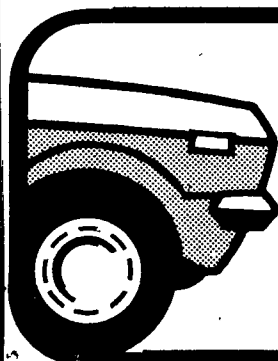
e um poema sobre a cama



um poema de Cesário Verde. Por baixo, escritor: "tinha que ser, não tinha?"

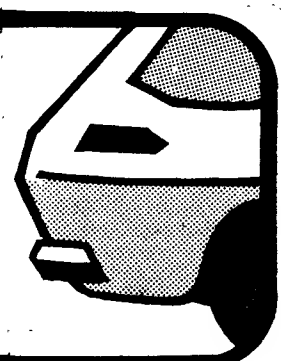
22

continua



Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.

 circular e viver.



"A Morte dos Anjos"

História (em livros) policial escrita por Modesto Navarro

Apenas «esboçado» em «A Morte no Tejo», chegou a investigador «por conta própria, numa situação muito particular e muito à portuguesa» e vai reaparecer «a sério» em «A Morte dos Anjos».

Chama-se **Diplo**, o herói policial acima descrito. «É uma personagem tipicamente portuguesa», defende o seu criador, Artur Cortez (pseudónimo de António Modesto Navarro), que o pôs pela primeira vez em acção num caso de contrabando de bebidas, exactamente em «A Morte no Tejo».

Diplo vem da média burguesia, é proprietário no Douro. Vive em Lisboa dos rendimentos das suas terras e, «quando calha», mete-se em «complicações».

Ao contrário do que acontecia em «A Morte no Tejo», nesta segunda «aventura», «A Morte dos Anjos», vê-se envolvido numa situação que o ultrapassa, «numa situação mais grave e mais complexa, em que ele não detém os instrumentos suficientes para se aperceber dessa complexidade», esclarece Cortez (Navarro).

Se em «A Morte no Tejo» a intriga se centrava num pro-

blema de contrabando sem complicações de maior, que «Diplo» resolve a contento, em «A Morte dos Anjos» a cena complica-se: «Há gente atingida pela droga, pelo bombismo e outra ainda que se deixa enredar».

Violência bombista

Tudo começa com a morte de uma velha, em 1975, num bairro dos Anjos. O título vem daí, mas abre para um outro sentido. O da morte da inocência.

«Muitos, por essa altura — diz Modesto Navarro — perderam a inocência. Mas não é muito mau perder a inocência quando se aprende alguma coisa».

«Consciente dos riscos» de situar uma narrativa policial em território e em tempos «tão quentes» como o dos dias da violência bombista, entre outras violências, Modesto Navarro diz que, acima de tudo, se preocupou em preservar «o sentido lúdico, de jogo», do seu novo «policial».

«O olhar sobre a cidade — observa — pode ser diversificado. Cada um terá o olhar que quiser, mas nada está desligado. Para

mim, qualquer incidente, qualquer problema que surja — seja no Casal Ventoso, na Musgueira ou qualquer bairro da lata — tem a ver, directa ou indirectamente, mais objectivamente ou menos objectivamente, com a situação que estamos a viver».

E acrescentar: «isto para dizer que me repugna que haja quem escreva livros apenas para entreter, distrair as pessoas». Não deixa, todavia, de reconhecer que «a grande maioria para não dizer a totalidade dos escritores portugueses, tem um olhar dinâmico sobre a realidade portuguesa, preocupa-se com ela, tem um sentido muito vivo da justiça e da liberdade».

«Judite e outras mulheres»

A escrita do «policial» não tem obrigado Modesto Navarro ao sacrifício das suas «outras escritas», nas áreas da ficção e dos estudos etno-sociológicos, como o próprio faz questão de assinalar.

Prova disso será a publicação, em breve, de um romance sobre a evolução da mulher portu-

guesa nos últimos anos, a que já deu título: «Judite e Outras Mulheres».

Mas o «policial» não lhe abandona a banca: tem já em preparação um terceiro livro da série «Diplo» e tenciona chamar-lhe «A Morte do Artista». Assunto: o contrabando de diamantes.

«Não me parece provável nem desejável, admite o escritor, que abandone este tipo de comunicação, em si relativamente mais fácil, mais próximo do grande público».

«Não é por acaso, diz ainda, que com «A Morte no Tejo», tive a maior edição de livros de toda a minha vida: 20 mil exemplares. Raramente passava dos três, quatro, cinco mil exemplares. O que quer dizer que abarcou muito mais gente, tocou muito mais gente».

«A Morte dos Anjos» inaugura uma nova colecção da editora «Livros Horizonte», intitulada «Horizonte-Romance», na qual está prevista a publicação do clássico do policial norte-americano «Pagos a Dobrar», de James M. Cain, o autor de «The Postman Always Rings Twice («O Destino Bate à Porta», na edição portuguesa).

Atribuídos o Goncourt e o Renaudot

A temporada dos prémios literários teve o seu início em Paris com a atribuição do Goncourt e do Renaudot. O primeiro, mais importante, foi atribuído a Frederick Tristan, autor de «Les Égarés», livro publicado por uma pequena editora, a Balland; o segundo, a Jean-Marie Rouard, jornalista, antigo colaborador do **Figaro** e titular da página literária do **Quotidien de Paris**, pela sua novela «Avant-guerre».

O universo dos romances de Jean-Marie Rouard, escreveu o crítico Antoine Blondin, «é um universo onde se cruzam muitos menos espelhos do que máscaras, deixando-nos sentir a dupla personalidade dos indivíduos». Em «Avant-guerre», publicado por Grasset, Rouard tenta imaginar, na perspectiva de um homem que não viveu a guerra, a

vida da grande burguesia «antes da tormenta». Quanto a Frederick Tristan, ele situa-se à margem de todas as correntes e tem sido muito influenciado pelas mitologias nórdicas. No seu romance «Les Égarés» retoma o tema do criador a contos com a solidão, num mundo cada vez mais atraído pelo superficial e pelo materialismo.

Atribuídos anualmente num conhecido restaurante parisiense, o Goncourt e o Renaudot constituem a trave mestra da grande guerra dos editores. O primeiro, instituído em 1903 pelos irmãos Goncourt vale, no seu primeiro lançamento, 500 000 a um milhão de exemplares. Quanto ao Renaudot, atribuído desde 1926, nunca fica aquém dos 100 000 exemplares.



Na Galeria Metrópole

Trabalhos de Rita Cardoso Pires e Paulo Braga

Foi ontem inaugurada na Galeria Metrópole uma exposição conjunta de Rita Cardoso Pires e Paulo Braga. Para este último, trata-se da primeira oportunidade de expor as suas aguarelas. Cenógrafo de profissão, Paulo Braga é a novidade. Para Rita Cardoso Pires, o reencontro com um es-

paço já seu conhecido. Foi na Galeria Metrópole que Rita expôs pela primeira vez. Desenhos com Goa como tema constituem a sua mostra.

Uma oportunidade de, terça a sexta-feira, entre as 12 e as 19,30, ver os trabalhos de dois jovens artistas.

Comemoração do centenário de Fernão Mendes Pinto na Faculdade de Letras

A Direcção do Centro de História da Universidade de Lisboa, constituída pelos Profs. Sales Loureiro, João Medina, Piteira Santos e Dr. Vítor Gonçalves, com a colaboração da Câmara Municipal de Almada, vai comemorar o Centenário de Fernão Mendes Pinto, com um conjunto de actos que se desenvolvem, entre hoje e o próximo dia 5 de Dezembro.

Entre esses actos destacam-se uma exposição biobibliográfica do autor de «Peregrinação», que terá lugar na Sala de Exposições da Faculdade de Letras e a que se associa o Conselho Directivo da mesma Faculdade, presidido pela Prof. Helena Mateus.

As celebrações iniciam-se com uma conferência do dr. Luís Filipe Barreto, intitulada **A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto na Antropologia Renascentista**, que se realiza esta tarde, pelas 17

horas, no Anfiteatro II, a que se seguirá a abertura da Exposição.

O Centenário será encerrado com uma conferência do Prof. Luís de Albuquerque, no dia 5 de Dezembro pelas 17 horas. A conferência, que tem por título «Discorrendo sobre Fernão Mendes Pinto», terá lugar no Anfiteatro I da referida Faculdade.

ouro

TODOS OS OBJECTOS MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS

• COMPRA A P/ PAGAMENTO •

das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Alameda Reis 175 1º andar IMPERIO VICTOR - telf. 53 82 20

O cinema de Alain Resnais é uma questão de moral internacional

Manuel Carneiro

O cinema são vinte e quatro «travellings» por segundo e o fotograma é uma questão de moral, poder-se-ia dizer dos filmes de Alain Resnais depois de uma intoxicação de aforismos godardianos mal assimilados por leituras baralhadas. O comunista que se casou com a filha do ministro da Cultura para poder passar da curta para a longa metragem, cercado que estava pelos barões da finança cinematográfica francesa, fez nove longas metragens em vinte e quatro anos. Autor de filmes desaparecidos ou inacabados, perseguido pela censura, montador de François Truffaut, foi desde «Hiroshima mon amour» atacado pelos equivocados políticos na cabeça daqueles a quem escandalizou contando uma história de amor «colaboracionista» entre uma francesa e um japonês. Com «L'année dernière à Marienbad» houve quem ouvisse relatos de futebol durante a projecção, estando-se nas tintas para a revolução esté-

tica dos cenários, para os quais Resnais chegava a pintar e a desenvolver as projecções das sombras dos seus personagens nos jardins faustos do castelo. A fragmentação para-eisensteiniana da montagem de «Muriel» não chegou para ocultar a coragem moral do melhor cineasta da Nova Vaga, para utilizar a fórmula um pouco excitada de Georges Sadoul. Com efeito, a guerra da Argélia era focada nas barbas do acontecimento, através da introdução do hoje clássico processo do filme no filme, com a passagem de um filme amador feito pelo amado de Delphine Seyrig durante a tropa. Com a melhor ficção sobre a Guerra Civil de Espanha, «La guerre est finie», viu-se atacado nos «Cahiers du Cinéma» pós-Maio de 68, pelo ex-denunciante Elia Kazan, que pegando no detalhe da gravata sempre bem posta do funcionário do partido clandestino interpretado por Yves Montand, tentou provar a falsidade histórica na globalidade da narrativa resnaisiana. Mais tarde, após o imenso sucesso antimaoísta deste filme, Resnais teve dificuldades de produção com «Je t'aime, je t'aime», talvez o seu maior fracasso crítico e de bilheteira, um filme de ficção científica a partir do quotidiano suicidário de uma França em crise e anunciando as barricadas da Sorbonne. Libertado do mau passo, passa à cinematização do escândalo Alves dos Reis lá do sítio com «Stavisky», onde retoma os seus célebres «travellings» que faziam ciúmes a Jean-Luc Godard, ao ponto deste já uma vez os ter empregue com menos habilidade em «Le Mépris» e para lhe curto-

-circular a ponte estética com Antonioni, fizera a este último uma entrevista após «Deserto vermelho». De resto, desconhecem-se relações pessoais entre Resnais e Antonioni, apesar de itinerários sócio-estéticos paralelos, embora com especificidades estilísticas suficientemente nítidas para que se distingam.

Com «Mon oncle de l'Amérique» obtém o prémio da realização em Cannes, liquida os fantasmas americanizantes da intelectualidade cartesiana e transforma-se num valor definitivamente seguro da produção cinematográfica internacional, evocando Maurice Thorez a propósito da biologia e do correlato neomalthusiano do positivismo francês. «Providence» é seguramente a biografia cinematizada de um escritor de sucesso em fim de carreira, que poderia muito bem ser o seu sogro recém-falecido, André Malraux. Uma narrativa de trilha tripla com um desfecho (afinal) simples como qualquer sentença divina, servem para desenvolver a tese de que o bolchevique da juventude acaba vivendo só no castelo, devido à lei do valor a que obedece a melhor prosa literária na sociedade capitalista, qual Picasso das letras. O novo e o velho chocam imageticamente, tanto na imaginação do escritor, como na do realizador que concebe a montagem da metáfora criativa. A minha curta metragem «Amores de Salazar» é um pobre reflexo da estrutura narrativa de trilha tripla, mas sinto-me honrado por só ter visto o filme de Resnais após a finalização do meu trabalho experimental. Mas é de certa forma reconhecer

através deste artigo, uma influência manifesta mas não desejada da parte de um dos mestres igualmente da curta metragem francesa. Em astrologia cinematográfica somos do mesmo signo, embora parente afastado neste pequeno paraíso de cus de Judas que é Portugal. E, finalmente, «La vie est un roman», provando que, desde o princípio da carreira de Alain Resnais na longa metragem, este sempre se identificou com a corrente daqueles que filma a partir do que escrevem especialmente para ele: os argumentistas que trabalham com ele escrevem como ele filma e ele filma como gostaria de ter escrito, justificando aquela frase célebre de Jean Cocteau que definia o cinema como a arte de escrever por imagens. Continuará Alain Resnais a ser o melhor cineasta da Nova Vaga como pretendia Sadoul? Valem quatro filmes de Truffaut um de Resnais? Uma longa metragem de Godard uma curta como «Nuit et brouillard»? Toda a obra de Rivette um «travelling» de «Hiroshima mon amour»? Um Chabrol seria quando muito um assistente de realização de «La guerre est finie»? Rohmer um bom argumentista para o próximo filme de Resnais? Louis Malle um actor secundário de «Stavisky»? Para mim, a evocação do Chile de Pinochet nas cenas de estúdio de «Providence», prova que o cinema de Alain internacionaliza a moral do «travelling» numa estética que é o concentrado de Renoir em fim de século, através do «laser» das imagens e dos sons astrais...

É preciso desligar o computador da crítica encapotadamente anti-resnaisiana!

Seminário sobre planificação de Bibliotecas Públicas

Por iniciativa dos serviços respectivos do Ministério da Cultura, e orientado pelo especialista francês Jean Tahet, realizou-se, em Lisboa, um Seminário sobre «Planificação de Bibliotecas Públicas».

Destinado a técnicos e responsáveis pelas Bibliotecas Municipais, os trabalhos tiveram uma

participação muito interessada por parte dos representantes dos serviços das bibliotecas das Câmaras que se fizeram representar e que revelaram a disposição de cooperar na renovação dessa importante actividade cultural.

O Seminário contou com o patrocínio do Instituto Português do Livro e foi organizado pela BAD — Associação Portuguesa de Bi-

bliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

No mesmo âmbito, a BAD promoverá, quarta-feira, dia 23 de Novembro, um encontro-debate com autarcas com a finalidade de sensibilizar os responsáveis locais para a urgente necessidade de implantar e dinamizar uma rede de leitura pública.

maiores 16 anos

TEATRO **Maria Vitória**

PARKWAY MAYER

QUEM ME ACABA O RESTO?

Todas as noites às 20.30 e 22.45 horas

Domingos e Feriados Matinées às 16 horas

os 2.º dias descanso

Finalmente!

A grande REVISTA do ano

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A VEZ não disse a VOZ

O nosso país acaba de passar por uma rude prova de tormenta e de lama.

Respira-se um ar de tempestade, de catástrofe, que, subitamente, vieram agravar outras catástrofes já existentes — o desemprego, a fome, a tristeza em que querem transformar o acto de viver em Portugal, como se fosse um crime que tivéssemos de pagar caro...

Eis na televisão rompe uma voz inteira que canta o amor a esta nossa terra, a glória de pertencer a este povo, e o jeito que tem a luz, a seara, a montanha, uma certa maneira de ser raiz e de ser ave.

E esta voz e esta face tranquila e estes olhos que tanto mais se enriquecem quanto mais de frente nos olham, tudo, sendo uma forma de dizer amor, é ao mesmo tempo uma forma solidária de dizer coragem.

O recado ficou entregue. Obrigado, Carlos do Carmo.

Senhores, aquilo já não se usa...

Da nova rubrica se falou muito. «A vez e a voz» teria dois vectores principais: a ausência de discriminação e a qualidade televisual. A garantia era uma redundância. Não se admite que, quer uma coisa, quer outra, não fossem o trivial de uma televisão em regime democrático. Mas

enfim, saíamos do tenebroso consulado fascista em segunda dose, o de Proença de Carvalho, e a promessa caiu bem. Espera-se que o mesmo princípio venha a ser respeitado na infomação. Mas aí, compadres, parece que a música é outra...

Mas, que pena, a promessa de qualidade não se verificou. A primeira emissão de «A vez e a voz» é de uma inexcusável «pobreza» mesmo numa televisão pobre como esta.

Muitas vezes, ao lado da mediocridade de processos, vislumbra-se algo que poderia confundir-se com a má-fé, o acidente, quando não a rotina não direi que fosse esse o propósito de Pedro Martins, o realizador. Mas há muito tempo que o não vejo em tão má forma sem agilidade, sem imaginação, sem um golpe de asa.

Aquilo já não se usa nem mesmo na televisão portuguesa. Faz-se muito melhor em programas menos elaborados, como «E a festa continua» e até (falo a sério) no «Tal Canal».

Penso no partido televisual que se poderia tirar de um programa como este em que a terra, as mãos e o rosto de Portugal se encontram em primeiro plano, a dar os motes para todos os rasgos de realização. Já que se gasta dinheiro e utilizam tantos esforços, ao menos que se pensasse em voar um pouco mais alto, tentar mesmo a exportação do produto. Divisas e prestígio

nunca figuram mal a ninguém.

Mas quem vai importar aquela mediocridade de uma televisão provinciana?

Aquilo nasce cá e morre cá. Mau negócio. Quando se diz que o crime não compensa, entenda-se que há poucos crimes maiores do que a mediocridade.

E não venha para cá a Direcção de Programas fazer uso da má-fé, com base na «contradição» de Carlos do Carmo. Elogiar o profissionalismo dos que intervêm num espectáculo (a dedicação, o esforço, a competência técnica, a organização) é uma coisa; criticar o produto acabado, é outra.

A rábula da infeliz Direcção de Programas (come pato, menina, come pato!) é contraproducente. Repare-se: Carlos do Carmo dirá que bons profissionais fizeram uma porcaria; se a Direcção acha que o programa é bom, não dá a concluir... que os profissionais são maus?...

Verdade e verdades

A verdade é que a realização não foi o que deveria ter sido. Mas há outras verdades: que Carlos do Carmo é um grande nome da canção portuguesa, que Ary dos Santos transmite calor às palavras mais frias e tem nestas canções alguns dos seus poemas mais belos, que doze compositores, dos mais festeja-

dos, se reuniram num só programa (facto inédito na RTP, se excluirmos os festivais da canção) que as orquestrações são muito ricas e fazem um corpo só com o artista e com o espírito da canção, que um riquíssimo naipe de músicos colaborou no acompanhamento a Carlos do Carmo, enriquecendo-o — e também encontrando aí um facto inédito nas variedades da RTP.

Estas verdades são fortes em si mesmo e não podem ser destruídas pelos malefícios de um programa infeliz. Ainda não foi desta que Carlos do Carmo teve a sua vez a sério. Mas já foi muito bom tê-lo conosco, através da televisão portuguesa, foi bom tê-lo de regresso após tão prolongado exílio. Talvez um dia a RTP se resolva, à semelhança do que faz a TV Globo com os grandes artistas brasileiros, a ir por essa Lisboa fora, por esse País fora, a ouvir Carlos do Carmo cantar — e não apenas cantar, mas conviver, com esse tipo especial de assistência que não é público porque é povo.

Oxalá este programa servisse de lição nos seus vários aspectos. A produção da RTP, no sentido de melhorar a obra; aos artistas convidados, no sentido de que, como o fez Carlos do Carmo, a vez deve ser aproveitada para mostrar que se está vivo e de canção apta a abrir caminhos à esperança e à coragem.

Hoje



Exibe-se na RTP-1 mais um episódio da série «Das 9 às 5», que será interpretada por Rita Moreno, Valerie Curtin, Rachel Dennison, Peter Bonerz e John Mengatti

- 12.00 Meio-Dia — que inclui desenhos animados.
13.00 Jornal da Tarde
Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV
18.00 Sumário
18.10 Janela Mágica — «O Esquadrão das Estrelas»
18.30 Teleregiões
19.00 Assembleia da República — Orçamento Geral do Estado/84.
19.30 Artistas Portugueses — Almada Negreiros.
20.00 Telejornal
20.30 Direto de Antena — Associação dos Oficiais de Justiça.
20.35 Telenovela — «Pai Herói»
21.20 «Das 9 às 5» — intérpretes: Rita Moreno, Valerie Curtin, Rachel Dennison, Peter Bonerz e John Mengatti. Realização: Michael Lessee.
21.50 Grande Reportagem — 1.ª Página.
22.50 Últimas Notícias



Realizado por Bill Bain, a RTP-2 apresenta esta noite mais um episódio da «Família Bellamy»



- 18.55 Eurovisão — jogo de futebol Hamburgo - Aberdeen (Super-taça).
21.00 Os Açores e o Património — Colégio de Ponta Delgada.
21.30 «A Família Bellamy» — realização: Bill Bain.
22.30 Telenovela — «Gabriela»
23.00 Último Jornal

Amanhã



12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.15: Ciclo Preparatório; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Teleregiões; 19.30: Três Tons; 20.00: Telejornal; 20.30: «Pai Herói»; 21.15: Cinema Lumiar — com o filme «Vida Privada»; 23.00: Últimas Notícias.

19.00: Desenhos Animados; 20.00: Telejornal; 20.30: Adágio; 21.00: Estúdio Aberto; 21.30: Estórias da História; 22.30: «Gabriela»; 23.00: Último Jornal



MUNICÍPIO DE LISBOA

Edital n.º 145/83

TOPONÍMIA

Faz-se saber que ao abrigo do disposto no n.º 4 do art.º 50.º do Código Administrativo e no uso da competência conferida pelo art.º 102.º, do mesmo Código, foi resolvido que a Praça Dr. Cunha Gonçalves passe a denominar-se

PRAÇA EDUARDO MONDLANE

Político

1920 - 1969

e que o arruamento situado entre a Rua Francisco Stromp e a Rua Prof. Fernando da Fonseca, fique integrado neste último arruamento tomando, consequentemente, a sua denominação.

E, para geral conhecimento se publica o presente edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 11 Nov. 1983.
POR DELEGAÇÃO DO PRESIDENTE DA CÂMARA,
O VEREADOR DO PELOURO CULTURAL,
Maria Teresa Xara Brasil Corte-Real

BOMBEIROS DA TRAFARIA

1.ª condição de admissão
carta de ligeiros e pesados.

É favor enviar correspondência — Praceta dos Bombeiros Voluntários da Trafaria 2825 M. Caparica.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

OBRAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL P/ CRIAÇÃO DA
CONSULTA DE ORTOPEDIA—Piso 1 Concurso Público 4/84-IE

OBRAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL P/AS NOVAS INSTALAÇÕES DOS
GABINETES P/ADMINISTRADORES E SERVIÇO SOCIAL ... Conc. Púb. 6/84-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar nos dias 3 e 5 de Janeiro de 1984 às 11 horas no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 18 de Novembro de 1983

PEL'O DIRECTOR DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO
J. d'Almeida Ribeiro

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE
LEIRIA

ANÚNCIO

Faz-se saber que pelo Primeiro Juízo, Primeira Secção do Tribunal da comarca de Leiria, correm seus legítimos termos uns autos de execução de sentença n.º 142-B/80 que o exequente JOAQUIM FERNANDES MONTEZ, casado, cabo da Brigada de Trânsito da G. N. R., residente em Vila Franca de Xira, move contra os executados JOSÉ AUGUSTO DA ROCHA, solteiro, electricista, residente em parte incerta e com última residência conhecida no Largo

de S. Paulo, n.º 3-1.º Dt.º, em Lisboa e Outro, nos quais correm editos de trinta dias, contados da data da publicação do último anúncio, citando aquele referido executado para, no prazo de cinco dias, findo o dos editos, deduzir oposição àquela execução, pagar ao exequente a quantia pedida de 42.000\$00, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente esse direito.

Leiria, 2 de Novembro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO,
António Cardoso dos Santos Bernardino

O ESCRIVÃO ADJUNTO,
Luís Filipe Antunes dos Reis Neto

«DL» — 22-11-83 — 2.ª Pub.

ENSINE
O SEU FILHO

Ensine o seu
Filho a olhar
para o lado
esquerdo e para
o lado direito
antes de
atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



«Das 9 às 5»
(21.20)



«A Família Bellamy»
(21.30)



Romão diz a André que sua mãe está muito doente e que quer vê-lo. Pergunta se ela pode ir a casa de Ana Preta. Gilda levanta-se da cama e desmaia na casa de banho. Jenny telefona a Ana e diz que Gilda não poderá ir lá, pois passou mal. André resolve ir a casa dela. André chega a casa de Gilda, mas Nuno não permite a sua entrada. André convida Genésio e Mirtes para almoçarem com ele e diz a Genésio que quer tirá-lo do Baldracchi, pois ele tem qualidades importantes como homem de negócios. André propõe a Genésio visitarem a fábrica da qual ele quer que ele seja director.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

Na Sociedade Portuguesa de Autores realiza-se amanhã, às 18,30, uma sessão de teatro lido da peça «Antígona», de António Sérgio. A leitura da peça está a cargo do Grupo Amador de Teatro do CCD da Sociedade Portuguesa de Autores.

O Teatro Expressionista é o tema de uma exposição patente até amanhã na Casa da Cultura da Juventude da Guarda. A referida exposição, distribuir-se-á por seis grupos temáticos e, entre os quais, os precursores da expressionismo, Bertolt Brecht como exemplo de superação do expressionismo e o drama musical no expressionismo.

Esta exposição, inclui numerosos desenhos de artistas gráficos expressionistas dado que reflectem muitas vezes, melhor do que fotografias de cena, a atmosfera especificamente expressionista duma encenação.

Esta mostra que esteve já patente no Teatro Nacional D. Maria II, é promovida em colaboração com o Instituto Alemão de Lisboa.



Desenho de João Machado, em exposição no Módulo do Porto

Cinema

Cinema Português no
Porto a partir de hoje, no Car-
los Augusto, às 15,30 e 21,30,
com o Príncipe da Sabe-
doria de António Macedo.

Amanhã «Alexandre e Rosa» de João Botelho e Jorge Alves da Silva e «Cerrornaio» de Luís Rocha. Quinta-feira, «Silvestre», de João César Monteiro. Sexta, «Conversa Aca-

bada» de João Botelho.

Na Cinemateca, de John Ford, temos hoje, às 18,30 «Arrowsmith» e às 21,30 «The Lost Patrol», que volta a ser

exibido ar. 135

No S. Lu ciclo Cinema-Imprensa promovido pela EPNC, é hoje exibido, às 21,30, «Morte em Dama», de Bertrand Tavernier.

Conferências

Na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas), a escritora e professora do ensino secundário Leonoreta Leitão propõe a colóquio algumas achegas sobre os escritores contemporâneos nos programas de ensino (1973-1983).

O colóquio, realiza-se na sala José Leite de Vasconcelos, hoje, às 18,30, com entrada livre.

Exposições

No Módulo-Centro Difusor de Arte do Porto, está patente uma exposição de desenhos do escultor português João Machado, que será acompanhada da apresentação de um livro de desenhos.

Residente no Porto, embora natural de Coimbra (1942), J. Machado formou-se em escultura pela ESBAP tendo desde esse momento desenvolvido um reconhecido trabalho no domínio das artes gráficas. Obras suas figuram em impor-

Obras suas figuram em importantes museus de cartazes, tais como os de Tóquio, Colorado, Paris e Varsóvia, assim como algumas publicações da especialidade têm reproduzido obras suas (Graphis Annual e Novum Gebräuchlichgraphik).

Esta série de 30 desenhos, a preto e branco, dos quais 25

se encontram incluídos no livro que será apresentado simultaneamente na exposição, sugerem um espírito narrativo através de uma imaginação grotesco.

A exposição estará aberta até 8/12, de segunda a sábado das 16 às 20 horas.

Uma exposição de Carlos Nogueira, intitulada «Paisagem(s) de man (dar)» está patente na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Material utilizado: «O artista produziu paisagens a partir de montagem e céus e mares de outras paisagens. Enviou-os como postais a poetas, pintores, amigos, etc, recebendo deles uma resposta (poema, outra paisagem, filme, etc.), expondo agora a paisagem enviada e a respectiva resposta».

No Clube Militar Naval está patente até ao próximo dia 25, todos os dias das 17 às 19 horas, uma exposição comemorativa do 117.º aniversário daquela instituição.

João Hogan expõe pinturas na Galeria de Ana Isabel (Rua da Emenda, 111) até ao próximo dia 30.

Francisco Simões expõe escultura na Galeria S. Mamede, à Rua da Escola Politécnica, 167, em Lisboa e logo nesta sua primeira exposição «reabilita e rejuvenesce a perdida arte de cortar pedra e poli-la», conforme escreve Urbano Tavares Rodrigues no catálogo.

Sabão vivo

CONCURSO

OURO OU MINA

CONCORRENTES

MORADA

TELEFONE

LICENÇA DE TV

COLAR EM BILHETE POSTAL E ENVIAR PARA:
R.T.P. MONTE DA VIRGEM - V.N. GAIA



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Banco Fundado em 1864

**BANCO
CENTENÁRIO
UM BANCO
MODERNO**

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	98\$50	104\$50
ALEMANHA FED (marco)	47\$95	48\$15
ÁUSTRIA (xelim)	6\$80	6\$80
BÉLGICA (franco)	2\$147	2\$347
BRASIL (cruzreiro)	\$050	\$120
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)	102\$70	104\$70
(notas de 5 a 1000)	103\$20	105\$20
DINAMARCA (coroa)	13\$95	13\$45
ESPAÑHA (peseta)	\$781	\$901
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	127\$30	129\$30
(notas de 5 a 1000)	127\$80	129\$80
FINLÂNDIA (marka)	22\$00	22\$60
FRANÇA (franco)	16\$95	17\$45
HOLANDA (florim)	41\$95	42\$95
INGLATERRA (libra)	187\$35	191\$35
IRLANDA (libra)	147\$05	151\$05
ITÁLIA (lira)	\$071	\$081
JAPÃO (ieno)	\$513	\$548
NORUEGIA (coroa)	16\$90	17\$40
SUÉCIA (coroa)	15\$95	16\$55
SUIÇA (franco)	58\$25	59\$35
VENEZUELA (bolivar)	7\$95	8\$95

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00:** ZGHIBZ; **18.30:** Informativo de trânsito; **19.00:** Informação e música; **20.00:** Fôlhetim - o espaço é seu; **21.00:** A voz da solidariedade; **21.30:** Viva a noite - as 3.^{as} feiras da Antena Um; **23.30:** Último Jovem. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.55: Música de piano; **16.35:** Ele-mérie; **17.00:** Música portuguesa; **18.05:** Cultuando; **19.30:** Música em diálogo, com a Orquestra Sinfônica do Porto; **20.10:** Alfa e omega; **21.00:** Escrever hoje; **21.40:** Festival da Costa do Estoril, 1983; **22.20:** Música; **22.30:** O gosto pela música; **23.00:** Ciclo Ricardo Wagner; **00.30:** Música; **01.00:** Fechô. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00:** Rápido das cinco; **19.00:** Conta corrente; **20.30:** Quando o telefone toca (3 edições); **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Programas religiosos; **22.30:** 24.^h hora; **01.00:** O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** O som é da frente; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Cinco estrelas; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** Café concerto; **00.00:** Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00:** Jornal das regiões; **18.30:** Transmissão do tempo; **19.00:** Programa da LAR; **19.50:** Bola branca (2.^a edição); **20.00:** Horizonte; **21.00:** Hora de música; **22.00:** Ouvir e pensar; **22.30:** Máquinas ao vivo; **23.00:** Última hora; **23.55:** Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00:** Quando o telefone toca; **21.30:** Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 891

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição e artigo. Demônio. Conjunção.
- 2 Nome de mulher. Centiare. Língua negro-africana grupo voltaico, falada em Leo e na região do Sul.
- 3 Acotarism.
- 4 Ecavai. Classes.
- 5 Duzentos em romano. Matemática. Irmã da mãe.
- 6 Filho de Loth. Assola.
- 7 Freguesia do concelho de Guimarães. Nota musical.
- 8 Orquídea brasileira. Preposição e artigo.
- 9 Veu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça. Duas consoantes desiguais.
- 10 Nome de letra. Tratam por tu.
- 11 Nome de flores. Osso do braço.

VERTICAIS:

- 1 Nome de letra. Esposa.
- 2 Relativo a oásis. Moderato.
- 3 Jamais. Pronome pessoal (compl.).
- 4 Oferecerá. Um dos estados do Brasil.
- 5 Viscera dupla. Invulgares.
- 6 Fedor. Prendo.
- 7 Vasilha onde se bate leite para fabrico de manteiga. (pl). Ilha da Polinésia.
- 8 Género de palmeiras do Brasil. Pêlos de certos animais. Túlio (s.q.).
- 9 Culpa. Pronome relativo.
- 10 Despovoado. Executar.
- 12 Grande sala. Pedra de moinho.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9743

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Anadia. Prefixo de privação.
- 2 Preveniremos.
- 3 Bismuto (s.q.). Filtra. Povo antropófago que atingiu o Gabão, ido do Nordeste, pelo meado do século XIX e que chegou até ao Congo.
- 4 O mesmo que rato (peixe). Filtrava.
- 5 Átomo. Sacerdotes budistas. Preposição e artigo.
- 6 Xarope. Rates.
- 7 Limpavam metais.
- 8 Catedral. Da Sria.
- 9 Terra de Mouros. Boro (s.q.).
- 10 Apalpais. Ballado campestre.
- 11 Pegas. Concerto musical nocturno.

VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Vieira do Minho. Basta!
- 2 Alcançaremos com a vista.
- 3 Nota musical. Vê. Escava.
- 4 Meterias em água muito quente.
- 5 Recusa. Rio da Suíça. Zomba.
- 6 Grande. Pegas.
- 7 O mesmo que oh! (Bras). Cor Vermelha, brilhante.
- 8 Sua Majestade. Sufixo que designa abundância. Espécie de pano grosseiro.
- 9 Rei de Mércia, de 757 a 756. Na costa do Malabar, medida de comprimento equivalente ao 0,265 m. Clima.
- 10 Guarneças de asas. Produto.
- 11 Sadio. Ilha da Polinésia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 890

HORIZONTAIS:

- 1 Cantas. Cama.
- 2 Alais. Gamem.
- 3 Olá. An. Ao.
- 4 Rs. Reitor.
- 5 Tristes.
- 6 Cr. Assim.
- 7 Chias. Oro.
- 8 Copo. Alisar.
- 9 Ratonas.
- 10 Casota. ONDE.
- 11 Mm. Salio.

VERTICAIS:

- 1 Carro. CC. Cri.
- 2 Al. CHORAM.
- 3 NÃO. Tripas.
- 4 Til. Aotos.
- 5 Asanas. Ota.
- 6 És. Anal.
- 7 Gata. La.
- 8 CANTES. lo.
- 9 Am. Ossos. Nó.
- 10 Mear. Ira.
- 11 Amo. Amornem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9742

HORIZONTAIS:

- 1 César.
- 2 Val. Arei. Ce.
- 3 Ita. Bnsas.
- 4 Ser. Danes.
- 5 Tui. inanime.
- 6 Ac.
- 7 Riem. Açor.
- 8 Toims. Fé.
- 9 Quntos. Cós.
- 10 Usso. Itália.
- 11 Ea. Sisal. Ar.

VERTICAIS:

- 1 Avistar. Que.
- 2 Ateu. Usa.
- 3 Clannetes.
- 4 Monos.
- 5 Sabóia. It.
- 6 Arrancareis.
- 7 Reina. Costa.
- 8 Isentos. Al.
- 9 Asi. Cl.
- 10 Cs. Mu. Foia.
- 11 De. Ge. César.

Provérbio: Onde choram não cantes.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Maiores 12 anos
OS RAPTORES

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
JULIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
 Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 M. 6 a.
FLASHDANCE
 2.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 N. ac. men. 13 a.
THE JAZZ SINGER

CASTIL 530194

Rua Castilho
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
A GOLPADA
 Às 24
AS MOTOS DIABÓLICAS

CINE BLOCO 556824

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
DIFAMAÇÃO
 Às 24
A CLASSE DE 1964

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
 Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
OS FALCÕES DA NOITE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
 5.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
O VINGADOR DA CIDADE

EDEN 320768

P. Restauradores, 21
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Maiores 12 anos
OS RAPTORES

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
A AUDIÊNCIA

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade
SALA 1
 Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
 Para todos
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24
 M. 12 anos
O SEGREDO DO AMOR

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
 Às 15.15, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 6 a.
LA TRAVIATA
 de Verdi

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
 Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - M. 12 a.
TENTAÇÕES IRRESISTÍVEIS
 Às 24
OS GUERREIROS DA CHINA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
 Às 15.15, 18.15 e 21.30
 Int. m. 13 anos
O VALE PERDIDO

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A
 Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
 - M. 12 a.
OCTOPUSSY

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
 - Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
 Com Richard Gere e Desra Winger
 Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
 Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
O ROSTO ESPIRITUAL

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
 Às 14, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
CHEGA-LHE, AMIGO



O ESTADO DAS COISAS um filme de WIM WENDERS rodado em Portugal em exibição no Quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
 - M. 12 a.
O ESTADO DAS COISAS
 Às 23.30 - M. 18 a.
O MAIOR AMANTE DO MUNDO
SALA 2
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
 - M. 18 a.
QUERELLE
 Às 23.30 - M. 18 a.
1941, ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
SALA 3
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
 - M. 12 a.
A NOITE DE SÃO LOURENÇO
 Às 23.30 - M. 18 a.
COMANCHEROS
SALA 4
 Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30
OH! AMIGOS MEUS...
 (PARTE II)
 Às 23.45 - M. 18 a.
O LEOPARDO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
EXPLOSAO DA PUBEIDADE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 6 a.
A FILHA DA SELVA

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
SALA 1
 Às 15.15, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
 3.ª Semana
SALA 2
 Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
 - N. ac. men. 13 a.
THE IDOLMAKER - O FABRICANTE DE ÍDOLOS
SALA 3
 Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
 - Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
 12.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
 Às 15, 17, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68
 Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
 - M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
 Às 15, 18.15 e 21.30
 - M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
 Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23
 - N. ac. men. 13 a.
CINCO DIAS UM VERÃO

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
 - Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
 Um filme de Taylor Hackford
 8.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
 Às 15, 18.15 e 21.40
 - M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
TERROR NO HOSPITAL
 3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "Flashdance", às 21.30 (6 anos)
 ALFA-2 - "McQuade, o Lobo Solitário", às 21.15 (12 anos)

ALFA-3 - "Oficial e Cavaleiro", às 21.45 (18 anos)
 QUINTETO - "O Regresso de Jedi", às 21.30 (6 anos)

RESTELO - "Os Selvagens da Noite", às 21.30
 CITY-CINE - "Um Dificil Adeus", às 21.30 (12 anos)

CAPITÓLIO - "Escola Técnico-Sexual", às 21.00 e 23.00 (18 anos)
 APOLO 70 - "Quatro Amigos", às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA - "Noites Quentes de Dallas", sessões permanente (18 anos)
 MUNDIAL - "Flashdance", às 21.30 (6 anos)

CINE-ESTÚDIO ACS - "O Amigos Meus", às 21.15 (12 anos)
 PROMOTORA - "E a Bomba com Todos", às 21.30 (18 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA - "A Patrulha Perdida", às 21.30 (13 anos)
 ROYAL - "Todos Comem pela Medida Grande", às 21.30 (13 anos)

Outra banda
 ALMADA - "Incrível", às 21.15 (13 anos)
 ALMADA - "Academia", às 21.15 (13 anos)

ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)
 ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)

ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)
 ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)

ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)
 ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)

ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)
 ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)

ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)
 ALMADA - "Cine-estúdio", às 21.15 (18 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - "O Duelo dos Grandes Lutadores", às 21.30 (13 anos)
 ERICEIRA - Cinestúdio - "Revak, o Rebelde", às 21.15 (14 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - "Justiça de Guerra", às 21.15 (13 anos)
 PAÇO DE ARCOS - Chaplin - "O Primeiro Pecado Mortal", às 21.15 (18 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - "Missão: Matar e Morrer", às 21.15 (18 anos)
 PAREDE - Royal-Cine - "Mad Max, as Motos da Morte", às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Impala - "Os Kiss e os Fantasmas", às 21.30 (13 anos)
 ESTORIL - Casino - "Os Aventureiros do Fim do Mundo", às 21.15 (6 anos)

ESTORIL - Palácio - "Dois Amigos em Apuros", às 21.30 (13 anos)
 CASCAIS - Oxford - "Operação Thor", às 21.30 (12 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - "A Criadilha Francesa", às 21.30 (18 anos)
 VALEFORMOSO - "O Profissional", às 21.30 (13 anos)

BATALHA - "Selva de Cimento", às 21.30 (18 anos)
 BEBÉ - "Contos da Loucura Normal", às 21.30 (18 anos)

CHARLOT - "A Provinciana", 21.30 (13 anos)
 ESTÚDIO - "Telefone", 21.30 (12 anos)
 OLÍMPIA - "A Raiva do Herói", às 21.30 (16 anos)

FOCO - "Flashdance", às 21.30 (6 anos)
 ÁGUA - "Lições Privadas", às 21.30 (18 anos)

COLISEU - "Lições Privadas", às 21.30 (18 anos)
 JÚLIO DINIS - "Emmanuelle", às 21.30 (18 anos)

LUMIERE-A - "Violência e Paixão", às 21.30 (13 anos)
 LUMIERE-L - "Duas Horas Menos Um Quarto Antes de Cristo", às 21.45 (13 anos)

PEDRO CEM - "O Mensageiro", às 21.30 (18 anos)
 RIVOLI - "Explosão da Puberdade", às 21.30 (18 anos)

TRINDADE - "Octopussy", às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 884109); AREIRO - APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); BAIRRO ALTO: Gonçalves, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); BAIXA: Cortez, R. São Nicolau, 93 (T. 325378); BENFICA: União, E. de Benfca, 592-594 (T. 700092); CAMPO D'OURIQUE: Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 666176); INTENDENTE: Intendente, L. Intendente Pina Manique, 50-51 (T. 547838); LUMIAR:

teatros

Lisboa

ABC - "Todos Tesos", às 20.30 e 23.00 (18 anos)
 VARIEDADES - "Um Fantasma Chamado Isabel", às 21.30 (13 anos)

MARIA MATOS - "Annie", às 21.00 (6 anos)
 CASA DA COMÉDIA - "Marlowe", às 22.00 (13 anos)

MARIA VITÓRIA - "Quem me Acaba o Resto?", às 20.30 e 22.45 (16 anos)
 D. MARIA II - "Auto de Santo António", às 21.30 (13 anos)

D. MARIA II - Sala Experimental - "Play" e "Eu Não", às 21.45 (12 anos)
 TEATRO ABERTO - "Comédia à Moda Antiga", às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - "Um Cálice de Porto", às 21.45 (13 anos)
 CARLOS ALBERTO - "Tudo Acabado", às 21.30 (13 anos)

COOPERATIVA POVO PORTUENSE - "Três Cuentos Morenos", às 22.30 (13 anos)
 TEP - Escola Académica - "Quase um Conto de Fadas", às 20.00 (13 anos)

REALJO - "Realjo", às 21.00 (13 anos)

Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto, R. Presidente Ariaga, 39 (T. 683438); SALDA-NHA: Dalva, Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); SANTO AMARO - CALVARIO: Lisbonense, R. Leão d'Oliveira, 2-B (T. 637020); ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); BRANDO - COLINA DO SOL: Vidal Reis, Quinta Correia, célula G, lote 35, Urbanização Alfontelos (T. 996540); FALAGUEIRA - AMADORA: Romelro, Urbanização Casal de São Brás, lote 116; ODIVELAS: Almeida, Pt. G, à Rua Tomás da Anunciação, lote 63.

REFORÇO

ALAMEDA - CHILE: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T. 42169); AREIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); BOA-HORA: Sepol, C. Boa-Hora, 84-A (T. 631958); CHAFARIZ DE DENTRO: Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); ESTRELA: Gama, C. Estrela, 130 (T. 680339); FEIRA POPULAR: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); LUZ - 2.ª CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A; PICHELEIRA: Mariz, C. Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); RATO: Cunha, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); PONTINHA: Pontinha, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); PRIOR VELHO: Matos, T. Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; COVA DA PIEDADE: Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Até às 22 horas; LARANJEIRO: Baptista Marques, Laranjeiro de Fora. Até às 22 ho-

ras; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); BARREIRO: Pícarra, Av. do Bocado, 65-A (T. 2074771). Permanente; AMORA: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; SEIXAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; MONTJO: Giraldo, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); MOITA: União Mol-tense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); SE-TUBAL: Alice, P. do Quebedo, 6. Permanente; Oliveira, R. Misericórdia. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; AL-CABIDECE: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; OEIRAS: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; CARCA-VELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DO-MINGOS DE RANA: Godinho da Sil-veira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; PAREDE: Mendes Jun-queiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; SAS-SOIEROS: Amal Semblano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; MA-DORNA: Madeira, Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 ho-ras; MONTE ESTORIL: Lopes, R. Han-gar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; CASCAIS: Cordeiro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente. CASCAIS: Nova, E. de Alvide, Fontai-nhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 120, Reboleira (T. 938703). Permanente; Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Até às 22 horas; DA-MAIS: Damais, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; QUE-LIZ: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; CAMARATE: Madonça, Apelação, Até às 19 horas; CACÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 157 (T. 9248120). Permanente; AL-BOURÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Fa-ria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Cargaleiro Lourenço. Até às 22 horas; SINTRA: Gomes da Silva, E. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Perma-nente; COLARES: Abreja (T. 9250088).

MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; SACAVÉM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Perma-nente; LOURES: Sávia, Av. da Repu-blica, 29 (T. 2531240). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
 LEMOS & FILHOS, P. de Carlos Al-berto, 31; FALCÃO, R. de Santo Ilde-fonso, 61; BOTELHO, R. da Alegria, 863; DINIZ, R. Matias de Albuquerque, 247; CAMPO ALEGRE, R. do Campo Alegre, 723.

DE DIA E TODA A NOITE

MAGALHÃES, R. de Serralves, 566; BARREIROS, R. de Serpa Pinto, 8-10; COSTA CABRAL, R. de Costa Cabral, 1832; SOEIRO, R. de Santos Pousada, 71; BIRRA, P. da Liberdade, 125.

Coimbra

SANTA ISABEL, Av. Sá da Bandeira, 28 (T. 24916); DUARTE, C. de Santa Isabel, 46 (T. 37413).

PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro, 321154
Redacção, 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
3.55 4,1 m 9.51 0,9 m
16.19 4,0 m 21.51 1,0 m
Dia 23
4.35 4,1 m 10.19 1,0 m
17.02 3,9 m 22.34 1,1 m

**TEMPERATURAS DO AR
ÀS 6 HORAS**

VIANA DO CASTELO 13°
BRAGANÇA 9°
VILA REAL 13°
PORTO 15°
COIMBRA 16°
CABO CARVOEIRO 18°
PORTALEGRE 13°
LISBOA 16°
ÉVORA 15°
BEJA 15°
FARO 17°
SAGRES -
PONTA DELGADA 18°
FUNCHAL 17°

tempo

**PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ**

Céu geralmente muito nublado.
Vento fraco ou moderado de sudoeste.
Períodos de chuva.

HEI, CHUCK, GOSTARIAS
DE AJUDAR A MINHA
EQUIPA, ESTE ANO ?



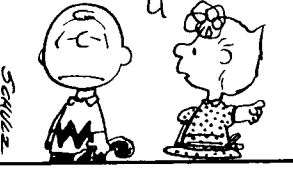
QUERES DIZER QUE
QUERES QUE EU FIQUE
COMO LANÇADOR ?



NÃO ESTAMOS A TENTAR
JUNTAR DINHEIRO E
PRECISAMOS DE
ALGUÉM PARA VENDER
PIPOCAS...



PARECE IMPOSSÍVEL,
IRMÃOZINHO... UM
JOGADOR COMO TU
NÃO SE DEIXA ABATER
DESSE MODO!



ABRIAM UM BURACO NA PAREDE que separa um café da ourivesaria situada na Rua da Graça, 2-C, em Lisboa e furtaram todos os artigos expostos. Ainda não foi determinado o valor do furto e a entrada no café, de onde terão praticado o assalto, não está devidamente esclarecida.

MIL CONTOS EM FLORINS desapareceram de uma residência da Rua Fernando Pedroso ao Arco do Cego, em Lisboa, onde o autor da subtração entrou com recurso a chave falsa, ou actuando como tal. O, ou os assaltantes, levaram também um revólver «Smith & Wesson» com munições, máquina fotográfica e outros artigos. Uma outra arma de fogo, um revólver de guerra seria levado pelo indivíduo que esta noite assaltou o consultório de quinesoterapia, situado na Praça da Alegria, com as respectivas munições, bem como uma faca de matar.

CARLOS DO CARMO estará presente, amanhã, dia 23 na Livraria Interlivro de Lisboa, na Rua Pedro Nunes, 9-A, pelas 18 horas, para autografar o seu novo LP - «Um Homem no País».

Ensino técnico-profissional segundo a Fenprof

“A grande mistificação”

«A grande mistificação» é como a Federação Nacional dos Professores chama ao pretenso relançamento do ensino técnico-profissional pelo ministro da Educação.

«Tornou-se necessário demonstrar que estamos perante uma grande operação publicitária que, sem olhar a gastos (oh, tão apregoada austeridade!), sem olhar a meios, se constitui um instrumento de propaganda pessoal e cobertura de um vazio total de ideias e de capacidade», afirma a Fenprof num documento de análise distribuído hoje de manhã aos jornalistas em conferência de Imprensa.

Aquela estrutura sindical considera que não foi relançado o ensino técnico-profissional, mas que «apenas foi alargada a confusão de cursos existentes e multiplicados os gastos»; os cursos previstos «não se traduzirão em formação profissional dos jovens nem lhes conferirão qualificações válidas para o emprego, aliás, problemático»; considera finalmente que as garantias de acesso ao ensino superior mais

não são do que «um engodo para os atrair».

Assim esta é a segunda experiência de formação profissional lançada por um ministro da Educação depois do 25 de Abril. A primeira é da responsabilidade de Vitor Crespo, abrange umas dezenas de escolas ligadas a empresas onde os alunos fazem uma aprendizagem «prática». Esta experiência piloto envolve 645 alunos e excede em dimensão a experiência de Seabra. «A sua notoriedade, no entanto, é bem menor, dado que não contou com o apoio da publicidade, via TV...» comenta a Fenprof.

O número de alunos que se prevê irão frequentar os cursos actuais será de 630 (225 nos cursos técnico-profissionais e 405 nos profissionais) em todo o País, o que se traduz numa pequeníssima parcela do total, se atendermos a que no presente ano lectivo frequentam os cursos complementares cerca de 250 mil jovens...

Lembra o Fenprof que esta experiência lançada por despacho dum ministro, não compro-

mete formalmente o Governo e não dá qualquer garantia aos alunos.

O aspecto mais grave desta experiência é o que se prende com os níveis diferentes dos cursos, profissionais e técnico-profissionais. Pergunta a Fenprof a este respeito: qual a diferença em termos de qualificação para o ingresso numa profissão entre os dois diplomas referidos? como se situam relativamente «às carreiras profissionais»? «Que carreiras? Quais são os patamares dessas carreiras? Do ponto de vista de inserção profissional, em que situação ficarão estes diplomados face aqueles que o Ministério da Educação já forma através do curso prático agrícola, o técnico, etc. Interroga ainda a Fenprof: «Quem fica obrigado a reconhecer esses cursos?»

Esta é na opinião da Fenprof a questão central que desmente o ministro: o levantamento da realidade económico-cultural e escolar do país só pode ser feito com a participação dos que a conhecem, a nível regional, o

que não aconteceu. Apenas terão sido ouvidos alguns presidentes de Câmaras, alguns professores e alguns representantes regionais, mas não as escolas nem o movimento sindical.

Quanto ao acesso ao ensino superior através de cursos técnico-profissionais é, diz a Fenprof: «um chamariz televisivo para os jovens», a «suprema mistificação». São cursos para formar profissionais qualificados ou para se ingressar no ensino superior? E, neste último caso, para que servem os cursos da via de ensino do 12.º ano?

«Somos pela formação profissional dos jovens»

«Somos favoráveis à formação profissional dos jovens e, por isso, vimos denunciar a forma como estes cursos estão a ser lançados», afirmou esta manhã o secretário-geral da Fenprof. «Os cursos vão criar dificuldades futuras e os jovens ficarão cada

vez menos receptivos à formação tecnológica».

Ainda outras questões são levantadas pela Fenprof ao despacho de José Augusto Seabra que cria estes cursos: trata-se da reestruturação do ensino secundário ou da criação a título experimental, de um certo número de cursos em algumas escolas, abrangendo um número muito limitado de alunos? Qual a constituição das comissões regionais para o ensino técnico? «Causa espanto a referência aos pedagogos e especialistas do M.E. até agora desconhecidas das escolas onde terão surgido?»

As escolas não participaram neste projecto. Uma foi contactada telefonicamente a 10 de Outubro para nela funcionar um curso; outra só soube que iria ter a experiência na véspera da comunicação televisiva; noutra, foi imposto o curso de construção civil quando o equipamento e as tradições apontavam para a mecanotecnica e electrotecnia; noutra ainda foram ignoradas as críticas do Conselho Pedagógico, etc.

Ordem dos Médicos exige inquérito a administrador da Maternidade

A Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos enviou um telegrama ao ministro da Saúde do seguinte teor: «O Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos preocupado com a situação caótica existente na Maternidade Júlio Dinis, motivada pelo comportamento ilegal do seu administrador que desrespeita a autoridade dos órgãos de direcção e gestão legítimos, solicita a V. Ex.ª urgente inquérito à actividade do referido administrador». Segundo apurámos existe um contencioso entre o administrador da Maternidade, dr. Joaquim Silva Carneiro, e o director, dr. José Patrício e ainda com a direcção clínica.

Depois de alguns mal-entendidos, o dr. Silva Carneiro não compareceu nem justificou a sua ausência numa reunião do

Conselho de Gestão convocada pelo presidente para quinta-feira passada e vários problemas prementes ficaram sem resolução. Entretanto, o presidente do Conselho Regional da Ordem dos Médicos, dr. Guimarães dos Santos, disse-nos que na base deste conflito está a Lei de Gestão Hospitalar que é «ambigua e inadequada».

«Uma das lacunas da lei vigente é a de não conter uma única alínea sobre as funções específicas do director hospitalar. Esta lei tem de ser revista» - afirmou. O dr. Guimarães dos Santos referiu ainda que a situação agora em causa na Maternidade Júlio Dinis se encontra em estado latente noutras hospitais, pois não se sabe o que compete ao administrador, geralmente um jurista, e ao director, que é sempre um médico.

Afogou a prima de oito anos depois de ter tentado violá-la

Principiou ontem, no tribunal de Paredes (apinhado de gente) o julgamento do ajudante de pedreiro José Maria Barros Gomes, de 20 anos, que em 12 de Maio último, no lugar de Tourilhe, Paredes, onde tem residência, matou por afogamento uma prima de oito anos, de pois de a ter tentado violar. O corpo da criança apareceu, como então noticiámos, na casa do réu, escondido atrás de uma porta, embulhada num saco de plástico que se encontrava amarrado com uns esticadores de borra-

cha. Já depois de ter praticado o hediondo crime, o José Maria esteve a jantar com os pais da miúda - o que fazia regularmente - mostrando-se, até, muito empenhado em colaborar nas buscas, entretanto solicitada às autoridades locais.

O cadáver da pequena Paula Fernanda Gomes foi encontrado, como dissemos, com indícios de afogamento, o que seria, entretanto, confirmado pelo relatório da autópsia. Durante a instrução do processo, oaju-

dante de pedreiro apresentou várias justificações para a prática do crime: para evitar que a prima o denunciase pelo facto de ter ficado com dois mil escudos que não lhe pertenciam ou, ainda, para impedir que ela fosse contar o que se passara entre ambos, ao nível das relações sexuais.

Agora em tribunal, porém, José Maria limitou-se a dizer que apenas trocara umas carícias com a prima, estimulado pelas cenas que vira num filme em Paços de Ferreira. Que já tinha

bebido vinho do Porto é estava mal disposto. Quanto à prática do crime nada adiantou fechando-se num mutismo que surpreendeu os magistrados e a assistência.

Na audiência de ontem foi, ainda, ouvido o soldado da GNR que encontrou o cadáver da pequena Paula Fernanda e mais duas pessoas que haviam colaborado nas buscas. Entretanto, foi marcada nova audiência para o próximo dia 19 de Dezembro, a partir das 14 e 30.

Assaltavam automóveis no Porto mas foram pernoitar em Custóias

Surpreendidos em flagrante a arrombarem três automóveis, foram detidos na madrugada de ontem no Porto três indivíduos que, depois de ouvidos por um magistrado dos Juízos de Instrução Criminal, deram entrada na Cadeia de Custóias. Foram eles: António Fernando Teixeira Barbosa, de 25 anos, pintor de automóveis, residente na Rua Chaves Oliveira, 214, José Manuel Melo Madureira, de 17, electricista, morador na Rua de Gestaço, 51, e José Gaspar da Silva Soares, de 28 anos, residente no Bairro do Monte da

Bela, bloco 5, entrada 217, casa 41, naquela cidade.

Os carros visados encontravam-se estacionados no Largo de Mompilher. Depois de rebentarem os respectivos vidros ventiladores, os assaltantes passaram em revista o interior dos veículos, em busca de objectos ou de rádios-leitores. Aconteceu porém, que uma das vítimas começou a tocar e surgiu um indivíduo da 1.ª Esquadra da Polícia que, após breve perseguição, deteve os três jovens.

Peixeiro de Gondomar acusado de “homicídio frustrado”

Só agora foi detido pela Judiciária do Porto o vendedor de peixe Alberto Fernando Moreira dos Santos, residente no lugar de Murjães, em Gondomar, que, há cerca de um ano, disparou dezoito tiros de espingarda caçadeira para o interior da habitação de António Moreira e esposa, Olinda Moreira dos Santos, que apesar de se terem refugiado nas traseiras, ainda ficaram com alguns chumbos alojados nas pernas.

O caso ocorreu de noite, nas circunstâncias então descritas pelo «DL», e ao que se diz, moti-

vado por questões antigas. Chegada a hora de mostrar os seus «trunfos», o vendedor de peixe pegou na caçadeira e fez uma série de disparos contra a porta de casa do referido casal que, na ocasião se encontrava no seu quarto, disparos que depois atingiram também o interior da residência e, designadamente, a dependência onde o casal se havia refugiado.

Uma vizinha, Maria Celeste Moreira dos Santos Bento, censurou o «acto tresloucado» do peixeiro e, por isso, foi por este agredida, também, com uma coronhada.

Chamada ao local, a Polícia Judiciária recolheu uma série de vestígios que depois foram encaminhados para o laboratório da Polícia Científica. Entretanto, passado algum tempo foi também apreendida a espingarda caçadeira e do seu proprietário nem rasto. No último fim-de-semana, porém, de posse de alguns elementos seguros, os investigadores foram a Gondomar e detiveram Alberto dos Santos que, no entanto, nega o crime. Tal, porém, não impediu que um magistrado legalizasse a prisão.

PCP: projecto sobre a ANOP

O Conselho de Informação para a ANOP vai apreciar na próxima quinta-feira um projecto de resolução comunista sobre a Agência Noticiosa Portuguesa.

O diploma do PCP prevê o pagamento dos salários em atraso, a reestruturação da agência.

“La Traviata” de Zefirelli

O texto que, sob este título, foi ontem publicado, é uma crítica de cinema de Jorge Leitão Ramos, e não, obviamente, uma crítica de teatro de Carlos Porto. Do lapso pedimos desculpa aos leitores e aos nossos dois colaboradores.

Sete Ponto Sete



William Golding

Nomes e números sobre
o Nobel da Literatura

Pág. 7



Aquem desta barreira, sobrevivem os homens de Arafat

O crepúsculo da OLP

Pág. 3

O crepúsculo da OLP

Q

UASE uma semana depois do início da grande ofensiva levada a efeito pelos seus antigos companheiros de armas e os seus aliados sírios e líbios, Yasser Arafat, afastado por um dilúvio de fogo, tomou posição em Trípoli. Quando a sua situação parece desesperada, os seus apelos começam a ter, embora tarde, um eco ainda que fraco. Cinco países árabes fazem uma **demarche** em conjunto, em Damasco, com o objectivo de evitar o pior. A França, a Comunidade europeia, multiplicam os contactos e as chamadas de atenção. Todos perguntam a si próprios se o presidente Assad vai soltar o grito, agravando mais ainda a tragédia dos civis, já terrivelmente experimentados.

É, precisamente, uma das últimas, ainda que frágeis possibilidades de salvação do chefe do OLP. Um país árabe poderá tomar de assalto a segunda cidade do Líbano, como os israelitas o ano passado a capital? Damasco não deseja necessariamente que a comparação possa fazer-se. Depois de ter deixado durante algum tempo Arafat e os seus partidários refugiarem-se no seio de uma população em pânico, cortando-lhes toda a possibilidade de retirada, ainda talvez seja concebível uma dessa reviravoltas de que o Médio Oriente tem o segredo,



transformando uma capitulação em «solução negociada». É o que acaba de sugerir o chefe dos fedayin rebeldes, Abou Moussa.

De facto, os sírios já embolsaram o benefício do seu cinismo. Segundo parece, a OLP já não terá amanhã a liberdade de decisão, relativa, mas real, que incomodava

tantos regimes árabes e foi sempre insuportável a Damasco. Yasser Arafat, que há dez anos subjugava a Assembleia Geral da ONU e tinha aí um triunfo, é agora um dirigente enfraquecido e combatido pelos seus. No seio da OLP mal subsiste um poder a ser tomado, uma sucessão a ser assumida. A organização, que, do poder passado, só conserva a sua sigla, arrisca-se a ficar um conglomerado informe e paralisado.

Neste clima crepuscular que causa o desespero dos palestinos mais lúcidos, a tensão ainda sobe no Médio Oriente: uma frota americana de importância sem precedentes chega diante de Beirute. Damasco procede a uma mobilização e Israel organiza grandes manobras jurando que essa prova de força não visa a Síria.

Em boa lógica, a entrada da OLP no bom caminho satisfaz um dos desejos mais constantes dos Estados Unidos e de Israel, mesmo que seja de reecer o novo surto de terrorismo, que pode vir a implicar. Mas é ao preço de um reforço da Síria, que pela primeira vez dispõe de um duplo trunfo libanês e palestino.

A gesticulação guerreira a que se assiste no Médio Oriente, traduz o desejo que os Estados Unidos têm de limitar as ambições desse parceiro a seus olhos demasiado poderoso. A preocupação de vingar os «marines» de Beirute, a dificuldade do empreendimento que, possivelmente, implicaria forças sírias jogando no mesmo sentido. Mas, para além dessas tentativas de intimidação, sabe-se muito bem em Washington que o poder israelita e o uso conjunto da força não bastam para criar uma solução durável e que a Síria deseja uma negociação na qual encontre o seu papel, mesmo que para isso venha a menosprezar os interesses de Moscovo.

É a atraente perspectiva de um tal desvio de aliança que suscita as hesitações dos Estados Unidos perante uma «solução militar» de perigos evidentes.

Gromyko refere a «urgente necessidade» de restabelecer a unidade no seio da OLP

K

HADDAM, ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, deixou Moscovo no dia 11 de Novembro, após dois dias de conversações com os dirigentes soviéticos. Segundo a agência TASS, «houve uma troca aprofundada de pontos de vista, sobre os problemas relativos à situação do Líbano, assim como sobre os acontecimentos que se desenrolam no norte deste país, na região de Trípoli». A fórmula usada pela agência oficial soviética permite pensar que as divergências sovieto-sírias acerca do chefe da O.L.P. se mantêm. Em todo o caso, Gromyko sublinhou, segundo a TASS, «a necessidade urgente de ultrapassar os desacordos, e de restabelecer a unidade no seio do movimento da resistência palestina, a fim de ele continuar a ser uma força activa e eficaz, na luta anti-imperialista no Próximo Oriente».

Por outro lado, Gromyko dirigiu uma séria advertência «aos que queriam estender a inter-

venção armada aos assuntos internos desse Estado (o Líbano) e do seu povo.

«Factos cada vez mais numerosos sobem à superfície provando que aqueles que perpetraram uma agressão contra o Líbano, projectam esmagar as forças nacionais patrióticas desse país que lutam contra a ocupação pelas tropas israelitas e americanas. Uma armada de barcos de guerra americanos, com aviões e «marines» a bordo, está concentrada em frente das costas do Líbano. Tudo leva a crer que Tel-Aviv também se prepara para novas acções agressivas», declarou ainda o ministro soviético.

Na sua resposta, Khaddam não fez alusão aos combates de Trípoli.

Por outro lado, num discurso pronunciado no dia 9, mas cujo conteúdo só foi revelado no dia 11, Ponomarev, chefe da secção das relações internacionais do Comité Central, declarou que a União Soviética estava «preocupada» e alarmada com os acontecimentos do norte do Líbano, achando que os choques armados «prejudicam» a causa palestina. «Não se pode deixar de estar preocupado com o estado de coisas no seio da Organização de Libertação da Palestina e com a sua principal organização, o Fath», declarou, com efeito, Ponomarev.



«É duro, muito duro»

J.-M. Durand-Souffland

«**S** INTO-ME desolado mas não é, na verdade, possível. Compreende bem porquê.» Sob o quepi onde há uma águia minúscula, o rosto está muito emagrecido, mas o olhar nada perdeu da sua vivacidade. Com este simples sorriso nos lábios, Yasser Arafat detém, com um gesto da mão, a sua pequena escolta armada até aos dentes, e que se impacienta: «Desculpem, diz ele, não tenho um segundo e agora sou obrigado a ir lá adiante dar uma volta...» Ao fim da rua do bairro Al-Zahiry, de Trípoli, onde está instalado o seu quartel-general, já o espera, de motor em marcha, o seu carro, um grande break alto, três Mercedes e uns quinze fotógrafos e «cameramen». Antes de se despedir, ainda nos diz com uma voz cansada: «It's tough, very tough» (é duro, muito duro).

Há quase quatro horas que o esperávamos no escritório de Abu Jihad, o comandante—chefe das forças do Fatah. Vinte vezes homens em fato de trabalho ou «pull-over» vieram dizer-nos: «Mais tarde», «daqui a pouco, daqui a pouco...» ou «ele está muito ocupado, é preciso ter paciência». E dez vezes o vimos passar além da nossa janela, dirigindo-se em passo nervoso para a escada que conduz ao abrigo subterrâneo, ou surgindo dela, sempre rodeado por uma dezena de pessoas.

Durante estas horas raras foram os momentos de silêncio. Barulho dos «órgãos de Staline» dos leais à OLP instalados a 100 metros de distância e saltando as suas salvas por sobre a cidade com a regularidade de um metrônomo, ruídos surdos das baterias sírias colocadas na periferia do lado sul... o duelo de artilharia nunca, na verdade, cessou. Trípoli vive a batalha há quase cinco dias e quatro noites, e espera pelo pior.

Circulámos através da cidade totalmente deserta. Cortinas de ferro descidas. Raros cafés ainda abertos, quase vazios, praças somente atravessadas por veículos cheios de metralhadoras pesadas, tubos lança-«roquettes» ou ainda canhões antiaéreos apontados a dois e dois para as nuvens. «Toda a gente se mete nas caves ou nos abrigos possíveis e os que puderem ir-se embora, foram», diz-nos um comerciante resignado, sentado numa cadeira em frente da loja, a única aberta das quarenta lojas da rua.

Que se passará quando o campo de Baddaoui tombar por sua vez, como Nahr e Bared, esmagado por milhares de obuses? Tudo faz pensar que os dissidentes da OLP e os seus aliados sírios não hesitarão um momento em dar à cidade, se necessário bairro após bairro, o seu golpe de misericórdia.

Fecha-se a armadilha

Dito isto, no dia 7, Baddaoui ainda se aguentava. Por volta das 11 da manhã, Abu Jihad fizera um ponto dos combates, desculpando-se, logo de início, por não ser muito preciso nem muito completo, mas, explicava, a situação muda constantemente». Reconhecendo que as suas tropas tinham que ver com «uma ofensiva de grande envergadura» e que «esperava um ataque maciço em toda a frente», Abu Jihad falava de um contra-ataque que tivera êxito pela manhã e se saldara com a destruição de «vários» carros inimigos.

De facto parece que a armadilha que já rodeia o campo de Baddaoui, em três faces, sudeste, este e norte, está prestes a fechar-se completamente. Assim, espera-se que os defensores de Baddaoui tomem, antes que seja tarde de mais, os acessos sul do seu campo, a fim de se refugiarem em Trípoli. Se a população é invisível, em contrapartida os milicianos fundamentalistas do movimento de unificação islâmica mostram grande agitação e, tal como já o tinham feito de véspera, não hesitam em enfrentar com armas pesadas e morteiros os militares sírios instalados no sudeste da cidade. Finalmente, à tarde, soube-se que os dissidentes da OLP se haviam apoderado da refinaria situada no noroeste do campo de Baddaoui. Não há dúvida de que ela vai constituir um novo ponto de apoio para atacar as tropas do Fatah, se estas não tiverem a prudência de partir sem esperar que isso se produza.

Ao dizer que está a atravessar um momento «duro, muito duro», Yasser Arafat talvez ainda esteja à quem da verdade. ■

Contradições de Luís Cília, ou: tão mauzinhos que nós é



«Podem acusar-me do que quiserem menos de não ser fontral»

*Desesperadas, mas não graves; as de
mas não só: também as de muitos
ora reversíveis, ora irreversíveis; ass
as contradições de Luís Cília: muito
muito novas, com e sem público*



Álbum de família

Quando cantava «rock», há muito anos, e com Brassens, Paco Ibanéz e

C

ONTRADIÇÕES chamou Luís Cília ao seu último LP, pronto a ser lançado no mercado. É um disco contraditório, com efeito. Numa das faces contém poesia de Arminho Rodrigues, no mais puro estilo heróico e na outra uma crítica mordaz contra os portadores de um discurso anciloso onde não cabe a dúvida e que, por isso mesmo, o esvaziava da mensagem revolucionária que pretendem dar. Daí o músico vir declarar-se um ser contraditório num país cheio de certezas. A verdade, porém, é que estamos perante uma atitude combativa, posição de que Luís Cília (desde a publicação do seu primeiro álbum, em 1964, na editora francesa Chant du Monde) não abdica.

Horas longas demorou esta conversa que aqui nestas páginas relato e que ocorreu na sua casa da Rovisco Pais, com a Josefina (uma cadela bulldog) a roncar encostada ao ombro do artista. De vez em quando fazia-me uma cara feia (aquela com que nasceu). Mas era apenas cara porque o bicho não morde. Os discos, mais de três mil, alinhados na estante manifestam, no campo da música, tendências nada ortodoxas, onde o que vale é a qualidade, seja a música qual for. Há-os de jazz, de música

clássica, de «chanson» francesa, de fado e de canção portuguesa de intervenção. Isto traduz um espírito escancarado — o que é saudável.

No plano cultural, um dos calcanhares de Aquiles da esquerda portuguesa, ele define-se como um intelectual que recusa as soluções que podem ser programáticas, no imediato, mas que a longo prazo de-

À medida que passaram os anos a situação tornou-se mais clara pois, em 1974, vivia-se um clima de euforia em que não havia pessoas de direita.»

O que é ser de direita? Pergunto, embora sabendo que as questões, assim postas, implicam o risco de se cair na frase feita, no chavão. «Bem... todo aquele que está contra a evolução das ideias e das sociedades

Lourdes Féria

gradam as ideologias. «Preocupado-me mais do que com a debilidade mental da direita, com a falta de alternativas que a esquerda não tem apresentado em Portugal. Quanto a mim isto resulta de não haver uma discussão aberta e despida de preconceitos sobre o que tem sido a nossa realidade. A não existência de diálogo e a estreiteza de vistas é suprida por um grande sectarismo a todos os níveis. Dificilmente se encontram organizações políticas que sejam capazes de confessar que erraram nisto ou naquilo. Todas detêm a verdade, todas são súplicas de vitórias».

— É o que denuncia o «Hino do Sacavenense?»

«Sim... e pode ser mal interpretado por determinada gente. Mas garanto que não o fiz com a intenção de atacar ninguém, o meu objectivo é criticar um certo espírito triunfalista. Com as eleições que após o 25 de Abril se sucederam e em que foi preciso entrar no imediatismo e no ganho do voto, o que importa são as soluções de facilidade, pondo de parte qualquer análise mais profunda, apta a criar um clima propício à verdadeira discussão dos problemas.

é de direita. Isto quer dizer que, no plano cultural pode haver núcleos de direita dentro da esquerda. De qualquer forma é complicado. Pode haver artistas que, momentaneamente aliadas da direita, sejam, na sua essência, de esquerda. Cito os casos concretos de Mário Cesariny e Natália Correia...» Foi, pois, com um olímpico desprezo pelos critérios superficiais que Luís Cília musicou, em 1975, um poema de Cesariny, a que estava já colado o estigma de «reaccionário». Este: «Vamos ver o povo que lindo que é! Vamos ver o povo! Dá cá o pé», a que chamou «Canção Paternalista», com o consentimento do autor.

Há quem o considere um chato, pessoa quezenta, um pouco lamuriento e com manias persecutórias. Será? «Devo agradecer a fama que me criaram a uns tantos colegas meus... No fundo, foi a maneira que arranjaram para me combater. Podem acusar-me de tudo o que quiserem mas nunca de não ser um tipo fontral. Já em 1974, previ o que iria acontecer com as posições paternalistas e populistas à solta. Hoje, no mundo da canção, faz-me vir o estado em que isto

anda. Escorregou-se para um economicismo canibalesco e onde reina a lei da selva. Em 1974 apelidaram-me de burguês porque me afirmava um músico profissional, no entanto nunca cobrei cinto tostões a uma organização de esquerda. Ao contrário dos tais músicos proletários que chegam a tirar centenas de contos por mês, no que eu costumo chamar de neo-serões para trabalhadores.»

Vazio

Luís Cília interrompe o discurso. Olhos postos na televisão vê o golo. Quem ganha?, pergunto, completamente alheada dos futebolis. «Os portugueses» — diz. Ah, sim? Só naquele domingo à tarde, chuvoso, soube que se disputava um jogo fundamental (?) entre Portugal e a União Soviética. Coisa que, francamente, não me aquece nem me arrefece.

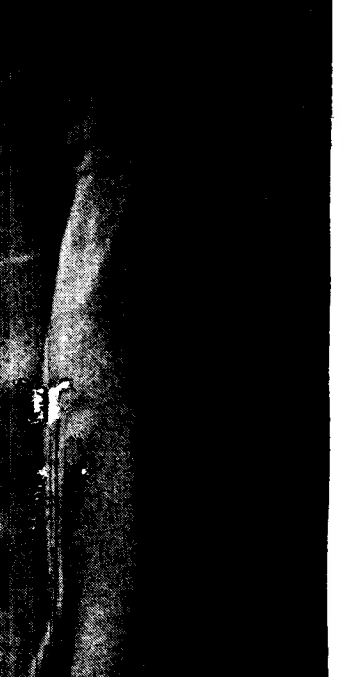
Luís Cília recomeça: «Ainda há dias realizou-se um espectáculo no Coliseu organizado por um Sindicato em que compareceu pouquíssima gente, apesar do programa ter uma certa qualidade. Creio que neste momento se está a pagar a factura de todos os espectáculos sem qualquer critério que se fizeram durante estes anos. Penso que enquanto estas crises não forem analisadas não será possível encontrar caminhos que se oponham ao vazio cultural que se instalou neste País.»

Para quem prefere a intimidade das salas pequenas, a cumplicidade de um público atento, ser músico em Portugal, assim, é resvalar no esquecimento, não romper círculos. Mas está bem — é uma

iedade

seramos...

s dele,
os outros;
assim são
uito antigas



iz e... Luis Menezes, em Paris

opção. Para quem repudia o marketing e a bajulação á imprensa nunca alcançará o estatuto de «vedeta». Será isto que Luís Cília quer? «Julgo que o tipo de música que faço se destina a um público restrito. Aliás só se cativa o público numeroso indo á televisão, entrando no consumo. Se quando as organizações de esquerda promovem um espectáculo, obedecessem a um critério cultural não iriam buscar os artistas que passam na televisão. Curiosamente há neles uma contradição: por um lado, atacam a televisão por falta de qualidade, e por outro, servem o produto que a televisão fabrica...»

Olha, que estás a ser chato, observo. «Talvez esteja. Só é pena que não existem mais chatos por aí. Chatos que não dêem tréguas ao oportunismo». Falemos da televisão: não disseram os seus «donos» que agora iriam passar mais música portuguesa? «Eu acho que num país onde se fala tanto de unidade se os artistas em vez de jogarem na concorrência (em que cada um se esfolia para ser o mais popular, o mais vendido) tomassem uma posição comum face á televisão poderiam ser mais úteis a essa televisão. Por isso não me admira que em 1983, os actuais responsáveis pela televisão, que mais se deveria chamar merdovisão, embaixaram em arco só porque têm um programa quinzenal com artistas portugueses ou que se permitam fazer verdadeiros atentados como foi a pseudohomenagem ao Adriano Correia de Oliveira. Coisa em que me recusei participar. No entanto, outros artistas não quiseram alinhar comigo numa posição comum. Tiraram os dividendos da sua passagem no écran, que parece que afinal não é assim tão pequeno, para em, seguida, como é costume, armarem em vítimas. Ainda estou á espera dos processos que prometeram á televisão.»

Somam quatorze os elepês que Luís Cília tem gravado ao longo dos anos. Cada um deles corresponde a uma etapa da sua formação musical de que cuida com esmero. Estudou guitarra clássica com o espanhol António Membrado, em Paris, e aprendeu composição com Michel Puig, durante oito anos. Em Portugal tem frequentado cursos de voz, de guitarra de jazz... conhecimentos que neste último disco se notam. «Uma das faces do disco é o resultado do meu trabalho com o contrabaixista José Eduardo, sendo o primeiro tema totalmente aberto á improvisação em que, de facto, os arranjos não estão escritos. Nos outros temas há uma maior rigidez...»

Rock

Ainda com timidez, introduz electrónica em «Transparências», experiência que repete no «Peso da Sombra», disco coberto com a poesia de Eugénio de Andrade. «É uma

linguagem musical. Um sintetizador não substitui um instrumento... o que me interessa é poder aliar a electrónica aos instrumentos tradicionais. Gosto do trabalho do Luigi Nono que nas suas composições alia a voz humana á electrónica...» Estética repetitiva o que te parece? «Embora hoje se fale muito disso não é nada de novo. Já em 1968 assisti, em Paris, aos concertos de Ted Riley, de Steve Reich e Mont Young (tenho os discos todos deles), músicos empenhados nessa via. Também no meu disco «Memória» há uma peça electrónica que se fundamenta, em parte, na composição da música repetitiva.»

Como se fosse um puto, fascinado por um brinquedo, Luís Cília tenta fazer-me ouvir um disco de Ted Riley. «Acaba com isso que me dá cabo dos nervos» — grito. Até a Josefina acordou, com raios humores, suponho, pois mostrou-me os dois dentes, bem pontiagudos, de cima. «Em Portugal formam-se compartimentos estanques: os especialistas do rock, do jazz, do clássico que em norma, são sectários em relação aos outros tipos de música. Quando oiço a Amália, de que gosto muito, não a comparo com a Elsa Siqueira ou quando escuto o Fausto não o comparo com o António Serafim. Aprecio uns e outros dentro do seu campo artístico.»

Luís Cília reage muito por fases. Tem períodos de Mozart, de guitarra de jazz, de blues... Depende. Ao rock, de hoje, coloca reservas, encara-o apenas como «fenómeno comercial». A carga de rebeldia que dantes transportava caiu-lhe aos pés, quebrada em mil pedaços, com o empurrão do Show Business. Entre a mediocridade reinante salvam-se ainda, para ele, os King Crimson com Robert Fripp, «um mestre da guitarra», os Pink Floyd e os Talking Heads. Mas o que continua a apreciar,

talvez com um sentimento nostálgico, são os velhos como o Elvis Presley, o Chuck Berry, o Fats Domino e outros dessa época áurea. Aliás, Luís Cília foi um dos primeiros cantores de rock, em Portugal. Já, em 1959, antes do aparecimento dos «Conchas», ele participara no programa radiofónico «Domingo às 10», de João Martins, interpretando rock em português. Cantava mas não dançava. Quanto muito ajeitava-se «na perna de pau, dança machista para constituir família.»

Em 1962, conhece o poeta Daniel Filipe que contribuiu para a viragem que a sua vida musical iria sofrer. Como ele descobre os discos de Brassens e Ferré e o gosto pela poesia. Entretanto, como tantos outros, furta-se á tropa e escolhe Paris como terra de acolhimento. «Três dias após a minha chegada a França vou a casa do Camara Pires, do MPLA, onde tenho a sorte de encontrar a Colette Magny que me apresenta a «Chant Du Monde». Assim, tive oportunidade de gravar «Portugal-Angola, Cantos de Luta». Trata-se de um disco ingénuo, feito sem pontos de referência. Só venho a saber da existência do Zeca Afonso, mais tarde.»

Os primeiros tempos de Paris foram para Luís Cília o trabalho incerto. De emprego para emprego, á instabilidade. Descarregador, guarda-noc-turno... tudo isso que um emigrante, embora com uma preparação universitária (frequência do curso de Económicas), se vê obrigado a fazer. Por fim, consegue, depois de ter assinado a música do filme «O Salto», de Challonges, ser aquilo por que ansiava: músico profissional. «Em França era o músico Luís Cília apesar de desenvolver uma actividade constante no meio da emigração. Todavia essa actividade nunca dependeu de um posicionamento político... situação que eu gostaria de ter man-

tido em Portugal. No fundo, uma independência.»

Simpatia

De novo a amargura, o desencanto se intromete no discurso. Ou será arrependimento pelo abandono de uma vida organizada em França (casa, trabalho, amigos) em troca da incompreensão? «Não estou arrependido. Seria absurdo continuar a exprimir-se em português, no estrangeiro. Vim. Estou cá. Mas não me coíbo de criticar o que acho de mal no relacionamento humano em Portugal, ainda muito contaminado pelos vícios do fascismo. O intelectual português está virado para o seu umbigo e não tem uma visão universalista da vida, o que origina esse espírito mesquinho aqui dominante.»

Provavelmente o defeito reside em ti. Porque não te insinuas, não entras no jogo social, no expediente do «charme» e da simpatia?

«Portugal é um país do sorriso pela frente e da facada pelas costas. E é considerado antipático e chato quem fôr o mínimo frontal. Eu não tenho que mostrar os dentes a toda a gente. A simpatia deve ser espontânea e não de plástico. Acho que, aqui há muita simpatia e cordialidade plastificada. Olha, que não estou a assumir o papel de vítima. O que talvez esses fanáticos do plástico quisessem era que eu abdicasse do que penso para obter espectáculos ou idas á televisão. Isso não faço. Este meu disco é um olhar crítico do que por cá tenho visto...»

Contra aquilo que estás contra?

«De facto. Contra o compadrio, a corrupção, os primos e primas, o hábito de que tudo se resolve em almoços e jantares... vícios que, infelizmente, não são somente apanágio da direita...»

Mas não sentirás, também, uma certa necessidade em estar contra?

«O papel do artista é estar contra. De facto o poder, seja qual fôr, e os seus bajuladores. Quanto a papismos aceito aquilo que a minha consciência dita. Não tenho um feitiço subserviente. Disciplina? Não... Recuso as ditaduras. Estive treze anos interno num colégio portanto conheço o tipo de disciplina irracional imposta de fora para dentro de cima para baixo. Essa experiência vacinou-me contra á disciplina que muitas vezes serve para esconder os apetites ditatoriais de alguns. Khomeinis não gosto. Aceito a discussão e nunca á imposição ainda que muito subtil, em que mal se dá por ela.»

Este teu disco vai partir muita loiça...

«Ainda bem. Se suscitar polémica e dúvidas é porque cumpriu a sua função...»

O que queres tu, afinal?

«No plano artístico queria valer pela música que faço. Este é o meu décimo quarto LP, já aluguei teatros onde fiz recitais... quem quiser ver aquilo que eu valho já teve oportunidade de o fazer. Claro que não me considero um geniozinho caseiro. Estou consciente das minhas lacunas. A única coisa que reivindico é viver da música... mas o que interessa, em Portugal, é que o artista seja capaz de vender o seu peixe. Ora, isto cria muito equívocos e falsos valores. Noutro terreno, julgo que se vive num período de crise e, como estamos muito atrasados, talvez que, em 1983, daqui a dez anos comecemos a abordar francamente as razões dessa crise. O que quero? Que façamos um esforço de honestidade.»

Não sei o que vai acontecer daqui a dez anos. É provável, que nada. Somos useiros e vezeiros no escamotear dos problemas. E adoramos meter o lixo debaixo do tapete. Só discutimos o que não tem importância — é quase um vício nacional.



Com o contrabaixista Jose Eduardo

Limbo

Continuação da pág. 2

a entrada dos «marines», guiados pelo general Quintman, barbudo, desalinhado, de sabre em riste, em 1847, no México; a defesa vigorosa das delegações estrangeiras, em Pequim, contra os Boxers; o ataque à arma branca das trincheiras alemãs ao bosque Belleau, em 1918... Mas a imagem mais popular é a do pequeno grupo içando a bandeira das estrelas em Iwo-Jima, conquistada aos japoneses num corpo a corpo sangrento. O monumento que evoca este feito tornou-se um lugar sagrado do patriotismo, onde se vai em peregrinação, embora a Polícia se queixe de que o jardim em volta serve de local de encontro a pares de ambos os sexos.

Hoje, o «Corps» é uma arma de cento e noventa e seis mil homens, todos voluntários, repartidos entre três forças anfíbias, cada uma com a sua divisão de infantaria, a sua artilharia, o seu engenho, a sua aviação. Ele dispõe de quatrocentos aviões de combate, de quinhentos carros de assalto e de quatrocentos e cinquenta transportes anfíbios. Os aviões e os carros não são dos mais modernos. É a infantaria do tempo do pai, dizem alguns. Seja. Mas de um pai extremamente musculado.

Uma vida que não é de rosas

O «Corps» não tem actualmente problemas de recrutamento. Os homens lutam para se alistar, alguns deles por dificuldades económicas, mas a maioria por nostalgia da glória militar. O que ganham não é o mais importante, porque os «marines» não são mais bem pagos do que os outros.

A selecção é severa. Os recrutadores eliminam da massa dos candidatos os que são gordos ou magros demais (os olhos não são um contra). Os recrutados, familiarmente chamados «boot-camps», vão para campos especiais, os «boot camps», nos quais são submetidos a um treino extremamente severo, pelos famosos D.I. (drill instructors). Não lhes prometemos uma vida de rosas, anuncia o cartaz do centro de recrutamento. Com efeito, física e moralmente, os «boot-camps» passam por grandes dificuldades que, por vezes, provocam a morte accidental de jovens recrutas.

Depois de nove semanas de inferno, os mais dotados são enviados para as bases a fim de aí completarem a sua instrução. O nível de escolarização dos «marines» melhorou: 85% levaram hoje a cabo os estudos secundários (50% em 1970). Ao mesmo tempo para corrigir a sua imagem de marca de soldados primitivos, mas também tendo em conta as exigências de um material muito mais sofisticado, os «marines» devem agora completar os seus estudos, ou nas próprias bases ou através de cursos por correspondência pagos pelo próprio «Corps».

O espírito de corpo é mantido por um certo número de tradições, cerimónias e ritos. Por exemplo, a morte de um camarada caído em serviço deve ser anunciada à família por dois «marines» em grande uniforme, se possível acompanhados por

um capelão. Segundo as instruções, nenhum «marine» ferido ou morto pode ser abandonado no campo de batalha. Um «marine» só pode ser feito prisioneiro se ficar incapaz de utilizar a sua arma ou se estiver isolado da sua unidade. E o comando recorda sempre que durante a guerra da Coreia só duzentos e vinte e um «marines» foram presos, enquanto que as unidades de outras armas se rendiam em massa.

«Semper fidelis»

Também sublinha que durante a sua história o «Corps» não teve nenhum motim... *Semper fidelis* (Sempre fiel), a divisa dos «marines» implica, segundo o *Manual do Oficial*, uma fidelidade absoluta ao «Corps», cujos interesses devem passar antes de toda e qualquer consideração.

É estritamente recomendado aos oficiais que nunca digam mal do «Corps» na presença de civis ou de soldados de outras armas. É dada uma importância capital à aparência física do «marine». Regras minuciosas prevêm todos os detalhes do vestuário: o boné branco deve ser usado bem direito, a túnica azul, bem justa, deve ser apertada muito em cima, um colarinho rígido — forma moderna de gola de cabedal que dantes usavam — mantém a cabeça alta e direita. Daí o nome de «nuca de cabedal» dado aos «marines».

«Os cabelos fazem a glória de uma mulher e a vergonha de um soldado»: as palavras do marechal britânico Wolsey foram aproveitadas pelos «marines». A maioria usa o cabelo rapado, embora o regulamento permita aos oficiais cinco centímetros de comprimento. É proibido aparecer depois das 8 horas da manhã com a barba por fazer.

Segundo o *Manual*, um oficial dos «marines» em civil deve usar chapéu, escolher camisas e gravatas escuras e fatos que não deem muito nas vistas. Não deve queixar-se nem criticar, mas ter uma atitude optimista. É-lhe recomendado que não faça dívidas, que viva com simplicidade, no limite dos seus meios como um oficial e um gentleman, e que não case muito cedo, em todo o caso nunca antes de ter terminado a sua instrução básica.

Poucos «malucos»

É assim que são formados milhares de homens que se consideram um pouco como cruzados contra as forças do mal. O «Corps» contém em si uma ampla proporção de negros, de hispânicos e de outras minorias. É uma tropa de elite, como em França a Legião Estrangeira, mas sem a sua conotação romanesca.

O «Corps» tem poucos birrentos, malucos, mas rapazes atrevidos. Composto por «profissionais» bem treinados, representa o bastião dos valores tradicionais, da moral do patriotismo mais intransigente. Em suma, segundo a fórmula dos seus últimos comandantes, o «Corps» é uma força de certeza num mundo incerto, preparada para combater qualquer um, em qualquer altura, em qualquer parte...

Desmontagem do quotidiano

O, café, espaço de encontro

Tomar um café é um pretexto de encontro: pretexto esse institucionalizado pela existência de espaços característicos para o efeito. Qual o efectivo significado destes espaços, que parece expandirem-se à medida do crescimento urbano? Como compreender esse significado dadas as distinções conhecidas? Terão todos os cafés o mesmo sentido e serão da mesma forma vividos?

Luís Baptista

P

ARECE-NOS necessário, antes de mais caracterizar os diversos tipos de café, ou antes, distingui-los, em função do espaço, dos grupos sociais, da tradição que conhecem. Tomemo-los como se fosse possível separá-los dum processo evolutivo que necessariamente decorre.

1. O Café de cidade

A cidade na confluência de diferentes grupos sociais e vivências colectivas específicas, responde diferentemente às solicitações dos seus habitantes. O Café não será ele também marcado por distinções que têm a ver com o tipo de público que o frequenta e o local em que se encontra?

No espaço comum que é a cidade caracterizámo-los grosseiramente dois tipos:

— Café de tradição — espaço geralmente situado nos centros urbanos está ligado à imagem tradicional do Café enquanto lugar de encontro de certos grupos intelectuais/ intelectualizados onde predomina uma preocupação em trocar opiniões, ideias. Lembrando ainda o ambiente, o ritmo da sociedade do século XIX — tanto na dimensão dos salões como na disposição e organização espacial — estes tradicionais lugares têm vindo a ser alterados, modificados ou mesmo encerrados pela mudança de ritmos que as sociedades contemporâneas exigem. Quem não se lembra da Brasileira do Chiado, do Café Bocage quando a cada passo é levado ao contacto com a literatura, a «vida culta» nacional? A vivência de tais espaços apresenta-se ainda hoje identificada com esses nomes sonantes que continuam a ser os «símbolos culturais» do nosso país.

Não podemos esquecer que este lugar de tradições parece continuar a ter um significado quase mítico, e isto se pensarmos um país onde os problemas tidos como culturais são deixados a uma «elite pensante» reunida habitualmente em «refúgios de urbanidade».

— Café de Bairro — caracte-

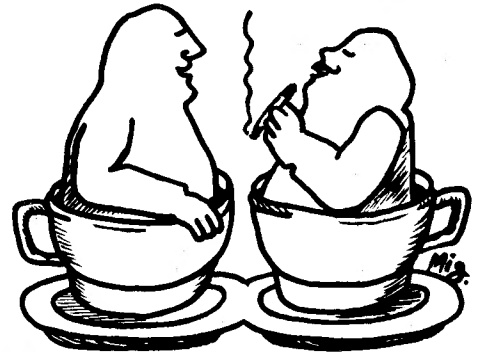
rizado especialmente pela sua localização em bairros residenciais é o local de encontro de famílias, amigos e vizinhos. Os encontros revestem-se neste espaço de peculiaridades que os distanciam do Café de tradição: tanto pelo tipo de conversas tidas como pela própria forma de estar, de se relacionar. Se no Café de tradição — a procura de encontro remete para a discussão progressiva dos acontecimentos, aqui, no Café de bairro, fica-se com a sensação de conversas retalhadas vogando entre a intriga, a moda, a última novidade do dia. Comedido em relação ao grandioso café do centro varia nas dimensões indo da ambiciosa pastelaria espelhada ao h milde café incaracterístico e sem pretensões estéticas. Prolonga-se, muitas das vezes, pelo passeio, onde as pequenas mesas e cadeiras são um convite a estar, para o qual a bica não constitui mais do que um pretexto.

Um caso especial de Café de bairro é o café de periferia; é característico de algumas «zonas-dormitório» das grandes metrópoles onde vistosos e alteados blocos de habitação se amontoam e onde os cafés se sucedem alternando com pequenas mercearias, supermercados ou tabacarias. Enchem-se aos fins-de-semana, segundo o «ritual da bica» acompanhado da leitura de jornais, na tentativa de quebrar com a correria da semana de trabalho.

«Bica? Só ao balcão»

A eficácia e a rapidez da vida moderna trazem consigo transformações no espaço e na vivência do café, que aos poucos vai substituindo mesas e cadeiras por altos balcões onde todos se amontoam desordenadamente, na pressa dum tempo que não se pode perder. Por outro lado proliferam os pequenos cafés, que com «sandwiches e salgadinhos» parecem contribuir para modificar os hábitos alimentares dos portugueses. O café já não é docemente saboreado entre dois cigarros, mas engolido apressadamente com alguns encontros pelo meio, não se notando grandes distinções sociais nos seus frequentadores estereotipados.

Mas a realidade nem sempre se apresenta desta forma clara em que facilmente tudo se enquadra nos tipos que descrevemos, sendo muitas vezes difícil destrinçar quais as características que se impõem de tal forma



elas se apresentam interligadas. Assim, ao lado dos grandes cafés de centro, encontramos o pequeno café de bairro, e por sua vez, especialmente nas zonas periféricas das cidades, persistem ainda os cafés/taberna, marca duma ruralidade que perdura.

2. O Café «rural»

O espaço de encontro nas zonas rurais é tradicionalmente a taberna em que um copo de vinho é normalmente o pretexto para uma boa conversa. Aos poucos o Café, associado a um certo modelo de urbanidade, impõe-se e passa a ser procurado como um distintivo social. A própria taberna sofre alterações e, apesar de manter as características que tão bem a identificam, «moderniza-se» e começa também a servir café. É curioso encontrar em muitas delas «flippers» e outros acessórios que contrastam com estes ambientes tradicionais. Mas o café/pastelaria é um espaço mais aberto que possibilita outras relações sociais isto é, o encontro de homens, mulheres, jovens e crianças, ultrapassando normas e valores há muito estabelecidos.

Procura diferenciada

O hábito de beber café não é recente, embora o seja a sua generalização. Este remonta a épocas recuadas em que as disponibilidades coloniais permitiam aos grupos sociais dominantes o consumo de produtos tidos como exóticos, e que apraziam os «senhores». O café é um desses produtos que necessariamente pouco tem a ver com a «vinhaça» que a população em geral por hábito consumia. Para além do facto de a forma de tomar café e vinho serem distintas — tanto nos horários como nas quantidades — também eles se diferenciavam pela sua rareza, o que fazia do café, um produto, por excelência, de difícil obtenção. Num país de características mediterrânicas, como também é o nosso, o vinho tem o seu lugar de eleição podendo mesmo falar-se da trilogia «pão, vinho e azeite» que ainda neste sentido se aplica.

Hoje a situação é bem distinta, não sendo, no entanto, possível de negligenciar uma clara diferenciação entre os frequentadores da taberna e os consumidores de café. O afastamento entre estes dois mundos é evidente quase se podendo falar por um lado duma dimensão especificamente autóctone e rural — que se traduz tanto pela bebida consumida, o vinho, como pelas atitudes, o rodeio — o alcoolismo, a virilidade im-

plícita num copázio de vinho, o arbítrio masculino para as decisões familiares — e por outro pela ligação a preocupações urbanas expressas na abertura de um espaço à mulher, abandonando jogos e conversas de «homens» e introduzindo a leitura do jornal, a discussão «civilizada» dos problemas.

Desde quando se teria operado esta modificação, importante mesmo no acompanhamento das alterações nas relações sociais? Será ela específica de algum grupo social ou tem antes a ver com transformações que ultrapassam os problemas, especificamente de grupos sociais?

Pensamos ser possível lançar algumas pistas numa tentativa de compreender a dimensão do problema.

A primeira é relativa ao aparecimento duma classe média urbana (no sentido dos espaços em urbanização e não exclusiva da cidade) que adoptando novos modelos de consumo — à imagem do que conhecia das sociedades desenvolvidas — que eram possíveis de assegurar dadas as novas possibilidades económicas da sociedade portuguesa. A imitação de certos hábitos dos «velhos senhores» confere um prestígio assinalável a quem deles se usa. O próprio hábito dum café não deixa de ser mais agradável e mesmo mais apropriado «a quem se preze» do que o cheiro a vinho...

Outra concepção ligada a uma nova concepção que no pós-guerra se foi a pouco e pouco difundindo entre os jovens. A procura dum espaço por oposição à taberna do «vinho e zangatas» levava as sucessivas gerações a utilizarem outros lugares onde fosse possível estar não tendo que necessariamente os partilhar com os «borrachões». Cortando com a tradição familiar portuguesa e descobrindo esses espaços de distinta convivência, os jovens procuram o café, que se tem vindo a impor como alternativa do velho «estado de coisas».

Finalmente, nos nossos dias, a massificação do hábito do consumo de café conduziu a uma situação em que a procura de lucro rápido tem vindo a prevalecer sobre a necessidade dum espaço de convívio que tanto a televisão tem roubado como os lugares de recreio nocturno (discotecas, pubs...). Neste sentido, o café tem-se vindo a tornar num local de passagem, uma referência ocasional para quem vai algures, na busca agora de outros prazeres que o café, enquanto espaço de encontro e lazer já não satisfaz.

Mudanças

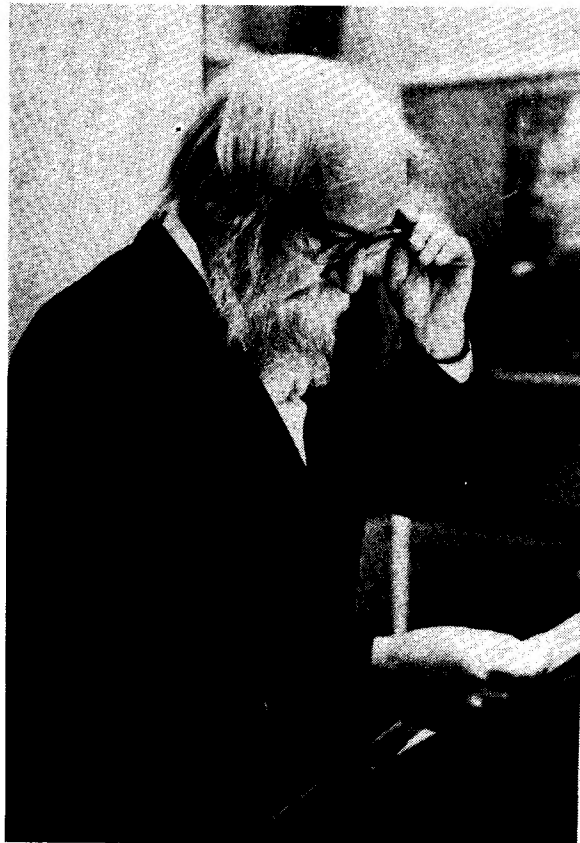
Nobel da Literatura: nomes e números

O

Prêmio Nobel da Literatura de 1983, foi atribuído ao escritor inglês William Golding. A atribuição surpreendeu um tanto e uma vez mais os meios literários e editoriais. Na própria Inglaterra houve alguma surpresa, disseram-no as notícias. É certo que Golding não é um escritor desconhecido, mas o nome dele não se pode dizer do topo de referências da actual literatura inglesa. Para termos uma ideia, basta registrar que uma «Short Story of English Literature» publicada aqui há uns quinze anos, pela Penguin, nem sequer mencionava o nome do escritor. E, no entanto, mencionava, pelo menos, umas boas duas dezenas de romancistas dos últimos 40-50 anos. Não temos à mão recurso para saber o «no-

Shaw, (Nobel em 25, proveniente da Irlanda). Não é tirar valores à literatura inglesa, por certo, mas outro dos ingleses galardoados com o Nobel da Literatura terá sido tudo menos um escritor: Winston Churchill, distinguido por Estocolmo em 1953. Ainda se fosse o Nobel da Paz... Este, entretanto, bem o merecia mais (do que o da Literatura), outro «nobelizado» como Bertrand Russel, em 50. Nada a comentar, por outro lado, sobre atribuições como as que distinguiram Rudyard Kipling, muito conhecido por essa montruosidade vulgarmente poética do fanado ideário humanista que é o «Se...» (galardoado em 1907), e John Galsworthy, o de «A Família Forsyte», que Estocolmo premiou em 32. Seis, sete ou oito ingleses — e sete americanos: Sinclair Lewis (30), Eugene O'Neill (32), Pearl Buck (38), William Faulkner (49), Hemingway (54), John Steinbeck (62) e Saul Bellow (76).

No âmbito da língua inglesa há ainda um australiano «nobelizado»: Patrick White (em 73). Não esquecer porém que ou-



William Golding

Luís de Miranda Rocha

me» que Golding hoje tem em Inglaterra. Pouco, dizem, e nada custa a crer. Talvez o Nobel o projecte, desde logo em Inglaterra, e também no estrangeiro. Por enquanto ressoa forte aquele dito de Arthur Ludkvist, acadêmico de Estocolmo, discordante da distinção, falando do escritor como «um pequeno fenómeno». Em Portugal, Golding, tem apenas uma tradução publicada: «O Deus das Moscas». Foi edição da Portugália em meados de 60. O livro, já não é encontrável nas livrarias: esgotou-se. Mas, certamente também em Portugal, como noutros países, a atribuição do Nobel vai fazer correr alguma coisa os editores. Quando houver mais livros de Golding para ler (e uma reedição de «O Deus das Moscas»), o leitor português fará uma ideia da justeza da decisão da Academia Sueca, que justificou a distinção ao escritor «pelos seus romances que, com a clareza da arte narrativa realista e com a universalidade e a complexidade do mito, ilustram a condição humana do mundo actual».

Inglêses

Golding, assinalaram alguns jornais, que seria o 16.º autor de língua inglesa a ser galardoado com o Nobel da Literatura. Tal número não deve fixar-se com rigor, porque pode estar errado. Ele exclui pelo menos, o nome de Samuel Beckett, que é um escritor bilingue, inglês e francês. Beckett, Nobel em 69, é de nacionalidade irlandesa, e há pelo menos outro irlandês a quem o prêmio também já foi atribuído: Yeats, em 23. Inglêses galardoados são sete, até agora, mas dois deles são ingleses de nacionalidade adquirida: T. S. Eliot (Nobel em 48 proveniente dos Estados Unidos), e Bernard

Shaw, galardoado, embora de outras nacionalidades são também escritores em inglês. Um caso: o judeu I. B. Singer, premiado em 80.

Aquém e além destes pormenores, é evidente que a língua inglesa é aquela que conta com maior número de prêmios Nobel da Literatura: 16, aliás, 17, contando com Beckett, num total de 80 atribuições, em 76 anos.

O Nobel começou a ser atribuído em 1901. Não houve atribuições em 1935, 40, 41, 42, 43. Nos anos de 1904, 17, 66 e 74 o prêmio foi repartido por dois escritores.

Franceses

A seguir ao inglês, o francês é a língua mais «nobelizada»: dez escritores franceses foram premiados: Sully Prudhomme (1901), Romain Rolland (1915), Anatole France (21), Henry Bergson (27), Roger Martin du Gard (37), Gide (47), Mauriac (52), Camus (57), Saint-John Perse (60) e Sartre (64). Nobel de expressão francesa é o belga M. Maeterlinck (1911). Frederic Mistral (1904), ao contrário do que consta em várias listas de Nobel, não é escritor francês, de expressão francesa, mas provençal.

Nórdicos

Os países nórdicos não têm tantos prêmios Nobel como a língua inglesa, mas também não andam longe disso: 15, nada menos. É compreensível, já que a atribuição se faz em Estocolmo. Escritores «nobelizados», a Suécia tem sete, a Noruega três, a Dinamarca três, a Finlândia um, e a Islândia outro. Cada um destes países tem a sua língua própria, e desta breve relação ressalta o Nobel finlan-

dês. Trata-se de Halldor Laxness, foi premiado em 55. Na Islândia há pouco mais de 200 mil habitantes. O islandês é evidentemente, a mais pequena comunidade linguística alguma vez distinguida com um Prêmio Nobel a autor da sua literatura — exceptuando o caso de Mistral e da Provença óbvio, a língua d'Oc será uma coisa respeitável, mas à diverso deste caso o caso islandês.

Boa parte dos premiados destes países são nomes certamente desconhecidos, ou pouco conhecidos. Excepções serão os suecos Selma Lagerlöf (galardoada em 1909) e Nelly Sachs (66), os noruegueses Sigrid Undset (28) e Knut Hamsun (20), talvez o finlandês Frans Emil Silanpää (39). Assinale-se (para amenizar a impressão de regionalismo excessivo) que alguns destes 15 premiados foram-no aos pares: dois dinamarqueses (Gyellerup e Pontopidan) e 17, dois suecos (Johnson e Martinson) em 74. A sueca Nelly Sachs também partilhou o prêmio com o judeu Samuel Agnon.

Outros

A Alemanha tem sete prêmios Nobel: Monsen (1902), Eucken (1908), Paul Heize (10), Hauptmann (12), Mann (28), Herman Hesse (46) e Heinrich Boll (72). A língua alemã conta ainda com, salvo erro, o suíço Spittler, de que já falamos, e o austríaco Elias Canetti (81). Nove autores. Muitos autores, para uma comunidade linguística relativamente pouco numerosa, (uns 80 milhões), mas não tanto assim se nos lembrarmos do prestígio da cultura literária alemã. E não nos esqueçamos da proximidade linguística em que a Alemanha se encontra da Suécia.

Entretanto, uma comunidade de falantes ainda menos numerosa do que a alemã — mas com uma tradição cultural e designa-

damente literária mais do que prestigiosa —, a italiana (uns 60 milhões) tem nada menos do que seis premiados, desde um já distante Giosué Gaducci até um recente Alberto Moravia, passando por nomes todos eles muito sonantes, entre nós, como Pirandello (34), Salvatore Quasimodo (59) e Eugénio Montale (75), não esquecendo uma Grazia Deledda (26) cre-se que tão pouco lembrada como Garducci.

A proporção entre comunidade de falantes e escritores galardoados com o Nobel é no entanto um pouco mais favorável a estes na Grécia, onde Seferis foi distinguido em 63 e Odisseus Elytis em 79.

São três os escritores da URSS até hoje «nobelizados»: Pasternak (58), Cholkov (65) e Soljenitsin (70). Poucos Nobel, dir-se-á. E nem valerá a pena recordar aqui as circunstâncias e o envolvimento que houve tanto nos casos de Pasternak e de Soljenitsin como, aliás, no caso de Cholkov. O que parece é que, em tratando-se de «nobelizados» na URSS, os académicos de Estocolmo têm de reflectir um pouco mais nas especiais implicações que cada hipótese levanta.

Entretanto, uma das literaturas até agora das mais premiadas é a espanhola: quatro escritores espanhóis já receberam o galardão: José Echegaray (1904), Jacinto Benavente (1922), Juan Ramon Jimenez (56) e Vicente Aleixandre (77). No âmbito do castelhano há mais quatro premiados (o que faz desta língua a terceira mais nobelizada, depois do inglês e do francês). São eles os chilenos Gabriela Mistral (45) e Pablo Neruda (71), o guatemalteco Miguel Angel Asturias (67) e o colombiano Gabriel Garcia Marquez (82).

Enquanto isto, a Polónia e o polaco têm apenas dois premiados, um deles alguma coisa conhecido: Sienckiewicz (1905).

O outro é Ladislau Reymont (25).

Os casos restantes são o indiano Tagore, distinguido em 1913, o japonês Iasunari Kawabata, que Estocolmo premiou em 68, e o jugoslavo Ivo Andric, «nobelizado» em 61.

Os judeus Agnon e Singer, não se saberá ao certo onde situá-los. Israel fica-lhes bem, talvez, embora o segundo seja mais um escritor norte-americano.

Um caso que não se sabe como identificar: Ivan Bunine (Nobel em 37). Russo, exilado em França, naturalizado francês.

Nomes

Um pouco acima destas curiosidades menores, há uma questão que se poderá pôr à volta do Nobel, da sua importância, do seu valor, do seu significado, da sua representatividade, etc.

Dos 80 nomes até hoje galardoados, certamente que uma boa parte é de bons escritores ou de grandes escritores que se trata. Mann, Faulkner, Beckett, Asturias, Garcia Marquez, Sartre, por exemplo, são, pode dizer-se, indiscutíveis. E, como estes, mais umas três ou quatro dezenas deles poderiam ser citados como tal.

Muitos, porém, ou são escritores de projecção restrita (regional), ou tiveram, a dada altura, alguma aura, mas perderam-na entretanto e caíram no esquecimento.

Entretanto, poder-se-ia citar uma boa centena de escritores decisivos do século XX que nunca foram galardoados. Alguns exemplos: Kafka, Joyce, Pessoa, Musil, Rilke, Ezra Pound, Breton, Kazantzakis. Nomes que já não figuram no número dos vivos. É certo que já houve uma atribuição do Nobel a título póstumo, em 31, ao sueco Eric Karelfeeldt. A excepção não foi precedente. Mas há grandes escritores vivos que ainda não foram — e, já agora, talvez não venham a ser — galardoados.

Nomes? Borges, Alejo Carpentier, René Char, Henry Michaux, por exemplo.

Marginais

Falamos atrás de Mistral. A Academia Sueca, em 1904, galardoou um poeta duma literatura como a provençal moderna. Aqui há três ou quatro anos apareceu em Estocolmo a candidatura dum escritor duma literatura em situação não muito mais favorecida do que a provençal: a galega. Foi Álvaro Cunheiro, e a situação, no caso, é bastante diversa: Cunheiro era um escritor bilingue, galego e castelhano. Não havia hipóteses, tal como se previa.

Estas coisas não acontecem por acaso da fortuna ou por bizarria de académicos. Para que uma literatura tenha consistentes possibilidades de ganhar um Nobel é necessário todo um decorado e consequente trabalho de promoção internacional em que o Estado e as instituições culturais devem empenhar-se.

Ou, por outro lado, é preciso que uma dessas literaturas dessas nacionalidades (históricas, como por vezes se diz) tenha grandes apoios financeiros ou fortes implicações político-culturais. É claro que a maior parte dessas literaturas (salvo talvez a catalã) não têm tais apoios, e por conseguinte, não têm também tal força político-cultural. Mas há pelo menos uma excepção, que é a Catalunha. Se num dos próximos anos um escritor como Salvador Espriu for galardoado com o Nobel, não devemos ficar demasiado surpreendidos.

Portugueses

Mais surpreendidos ficaríamos se «vingassem» candidaturas como aquelas que Portugal tem apresentado: Aquilino Ribeiro, Correia de Oliveira (?), Ferreira de Castro, Miguel Torga, uns tantos mais.

Supõe-se que nunca ninguém levou demasiado a sério essas candidaturas. E não, obviamente, por que alguns dos candidatos não sejam credores de estima e apreço maiores que as qualidades das respectivas obras justificam. Mas, como deve saber-se, para que uma candidatura tenha consistência, é preciso um pouco mais do que umas tantas assinaturas ou um «processo» formalizado à última hora por esta ou aquela instituição.

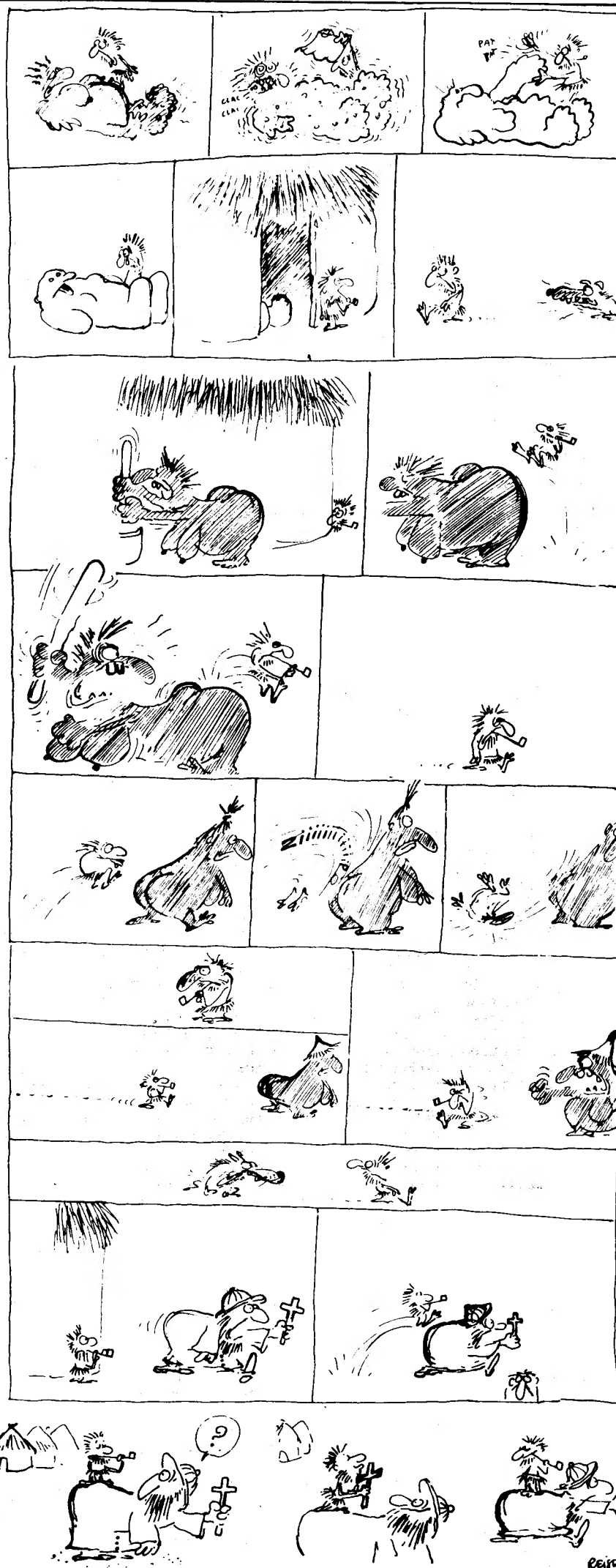
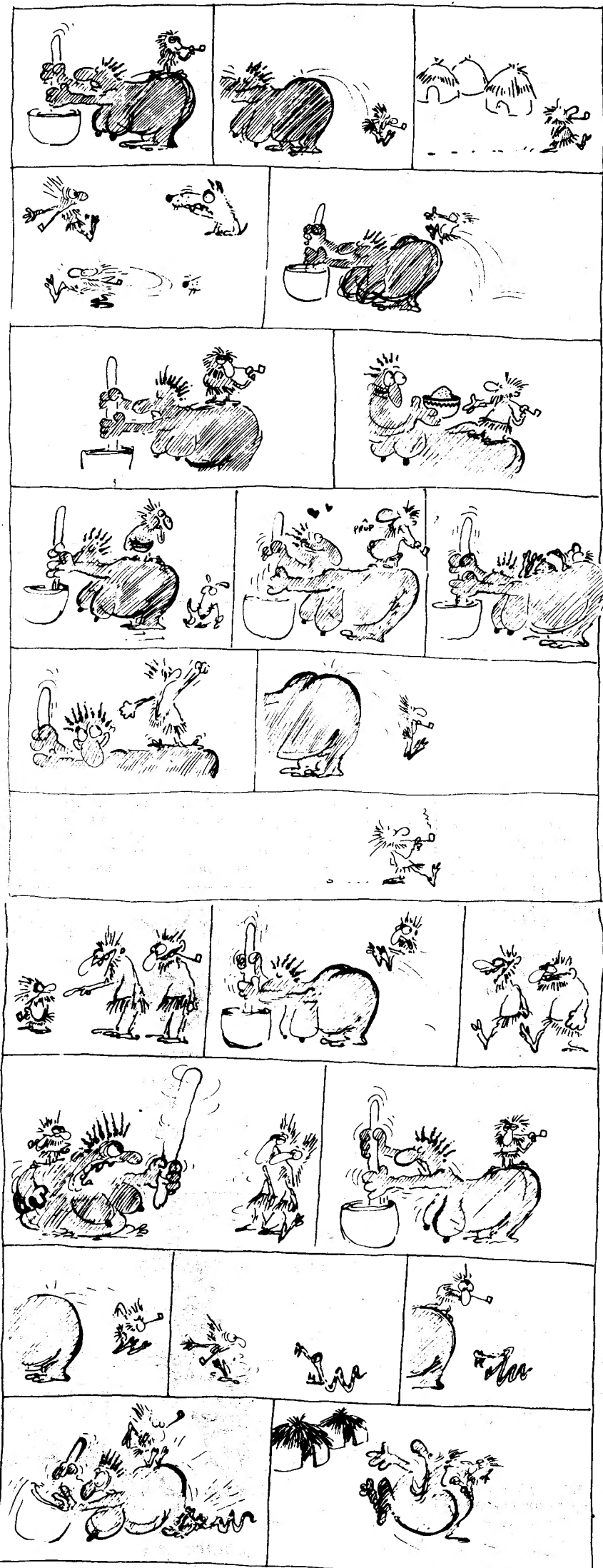
No caso de Portugal, era necessária toda uma acção de divulgação e promoção não só das obras dos autores considerados «nobelizáveis» mas também de muitos outros, a generalidade dos escritores da literatura portuguesa contemporânea. No estrangeiro — prioritariamente, se não nos países nórdicos, pelo menos naquelas áreas de confluência de atenções e interesses — França, Inglaterra, antes de mais. Ora, não há nenhuma acção organizada e sistemática nesse sentido. Nada que se compare, por exemplo, com o que a Espanha faz. E até mesmo o Brasil.

Já se tem dito que o Brasil terá um prêmio Nobel da Literatura antes de Portugal. Jorge Amado e Drummond de Andrade são nomes que por vezes ocorrem quando se fala disso. Brasília insiste muito na promoção da sua literatura — para falarmos somente de literatura — no estrangeiro. Em Portugal diz-se que não há dinheiro, que há problemas prioritários a resolver, que não vale a pena, que o Nobel não presta, que bom é o Etno-Taormina, por exemplo.

Também já se leu algures que Portugal não tem tão bons romancistas como poetas e que não é com poetas que se chega ao Nobel da Literatura. Aqui está uma noção muito vaga, e, mais do que isso, errada. Aquém e além de que a literatura portuguesa contemporânea é talvez melhor no campo da poesia do que no campo da prosa, a tradição diz que os académicos suecos estão longe de preferir prosadores a poetas. Pelo contrário, mais de um terço dos premiados até hoje, é de poetas que se trata.

Sete Ponto Sete

O homenzinho



As «doces crônicas» cedem hoje o seu lugar, para uma homenagem póstuma, a Reiser, o soberbo desenhador de «Hara-Kini», «Charlie» e «La Geule Ouverte», depois herdado pelo «Nouvel Observateur», e que morreu há dias de cancro, em Paris, com 42 anos. Geralmente crê-se pouco na morte de quem só recordamos jovem e cheio de força. Há razões fortes para que tal aconteça. Ele, aliás, pertenceu a uma geração para quem a morte era demasiado certa para que um só minuto da vida pudesse ser desperdiçado. Não saberíamos como participar no seu enterro, somos demasiado desajeitados para essas cerimônias. Os seus desenhos são magníficos. Aqui fica uma amostra.

J. M.